JERUSALÉM LIBERTADA

Pelo espírito de Humberto de Campos
(Irmão X)

Psicografado por R.A. Ranieri

EDIFRATER
Editora da Fraternidade

JESUS... e o MUNDO

Escravo da paixão que desvaria,
Sem fé, sem esperança, sem razão,
Coberto de miséria e maldição,
O Mundo estertorava em agonia.

O Cristo de Esplendor e de Alegria,
O Mundo, sempre escravo da paixão,
Pregou na Cruz...cobriu de maldição...
Em sua desvairada fantasia.

Braços abertos, ei-lo condenado,
Na fúria que a multidão encerra,
Como se fôra um filho do pecado.

Mas preso à Cruz, fitando o céu profundo,
Jesus sofrendo – redimia a Terra!
Jesus morrendo – libertava o Mundo!

Águas da Prata, 05/07/52
Do Livro do Autor: "Sonetos Imortais"

Jerusalém Libertada

Pelo Espírito de

Humberto de Campos (Irmão X)

Psicografia de

R. A. Ranieri

EDIFRATER
Editora da Fraternidade S/C Ltda.

2ª Edição - Dezembro de 1996 - Do 6º ao 8º Milheiro

Editora da Fraternidade S/C Ltda.

Sede: Guaratinguetá, SP

Rua Dois, 295 - Caixa Postal 248 - Guaratinguetá, SP
Fone (0125) 32-4092 - CEP 12500

Escritório em São Paulo

Rua Santo Alberto, 305 - Santo Amaro - Fone (011) 521-8333
São Paulo, SP - CEP 04676

Nota: Os Diretores da Edifrater não possuem remuneração e objetivam unicamente a divulgação da Doutrina Espírita e do Movimento da Fraternidade.

Supervisão Editorial: Jayme Paganini e Dictino Alvarez Núñez

Produção Gráfica e Revisão: J. Pascale

Capa - Criação: Dictino e Paganini

Arte-final: Eduardo Lara Filho (Dupla Publicidade S/C)

Composição: Texto & Arte

FICHA CATALOGRÁFICA (FEITA NA EDITORA)

Ranieri, R. A. 1920—)

R157j Jerusalém Libertada / R. A. Ranieri; pelo Espírito de Humberto de Campos (Irmão X); 1.ª Edição; Editora da Fraternidade; Guaratinguetá, SP; 1989.

BIBLIOGRAFIA

1. Espiritismo 2. Psicografia 3. Crônicas I. Título

CDD - 133.9
133.91
869.3

Índice para catálogo sistemático

1. Escritos psicográficos: Espiritismo 133.9

Impresso no Brasil - Presita en Brazilo

Índice

O Espírito de Humberto de Campos, com o seu estilo e muita personalidade 5
Introdução 7
Jerusalém Libertada 9
I — O sucessor 13
II — O macaco e o homem 15
III — Lição proveitosa 17
IV — No limiar da vida eterna 19
V — Na tarefa regeneradora 23
VI — Não era necessário 27
VII — O equívoco 31
VIII — Mensagem fraterna 35
IX — O ódio 37
X — Entendimento espiritual 41
XI — Nos fenômenos de materialização 45
XII — Viagem de regresso 49
XIII — O discípulo desconfiado 55
XIV — Amor espiritual 59
XV — Última esperança 63
XVI — A travessia dos Alpes 67
XVII — Voando baixo 71
XVIII — Na ressurreição de Lázaro 75
XIX — Variedade doutrinária 77
XX — O presidente 81
XXI — As dúvidas do psicógrafo 85
XXII — Incorporação estratégica 89
XXIII — Na casa de Pedro 93
XXIV — Mundo mental 97
XXV — Vidência inesperada 103
XXVI — Baltazar 107
XXVII — No Evangelho de Jesus 111
XXVIII — Jesus crucificado 115
XXIX — Dificuldades da prece 119

XXX — Desencarne brutal 123
XXXI — A obra mais perfeita 127
XXXII — Velhice 131
XXXIII — Outros amigos 135
XXXIV — No Evangelho do Reino 139
XXXV — Missão arriscada 143
XXXVI — Emissário Divino 149
XXXVII — Maior que Satanás 153
XXXVIII — Um companheiro de trabalho 157
XXXIX — No setor da vigilância 163
XL — O vendedor ambulante 167
XLI — As ruínas dos impérios 171
XLII — O acusador 175
XLIII — Orai e vigiai 179
XLIV — O sono da minhoca 183
XLV — Sinais dos tempos 187
XLVI — O Filho de Deus 191
XLVII — O homem bom 195
XLVIII — Plano de identificação 199
XLIX — Relatório incompleto 203
L — Antes da noite escura 207

Humberto de Campos, com o seu estilo e muita personalidade

Humberto de Campos, alguns meses antes de morrer.

Quem foi Humberto de Campos? A resposta, relativamente conhecida pelos mais afeitos à literatura brasileira, além do pequeno contingente mais esclarecido do movimento espírita, ainda é um mistério para muita gente. Contudo, felizmente, cresce a cada dia o número de admiradores desse autor de 42 livros, enquanto vivo, e 18 obras, depois de morto...

Nascido em Miritiba, no Maranhão — atualmente denominada Humberto de Campos, numa homenagem ao filho mais ilustre —, em 25 de outubro de 1886, ele possuía ainda o sobrenome Veras, que usava somente nas assinaturas oficiais e, mesmo assim, entre parênteses. De família pobre, perdeu o pai aos sete anos, o que forçou a sua mudança, com a mãe e a única irmã, Emídia, para Parnaíba, no Piauí, o menino Humberto manifestaria cedo sua vocação para as letras. O tio Emídio Veras empregou-o em seu estabelecimento comercial. Nessa cidade iniciou também seus primeiros estudos. O pouco que aprendeu não o satisfez. A vocação já havia nascido, o menor pedaço de papel impresso o fascinava.

Em pouco, transferia-se para São Luís, no Maranhão, onde trabalharia como aprendiz de tipógrafo. Foi, com 17 anos, para Belém, no Pará, onde trabalhou como escriturário. Em seguida, foi para o Amazonas. "O jovem Humberto — conta Humberto de Campos Filho[1] — se lançou ao desconhecido, certo de que a estrada que o levaria ao sucesso não começava ali. Foi ser capataz de seringal na Amazônia. A ânsia de aprender, ler e conhecer, já havia se instalado definitivamente em seu peito. À noite, deitado na rede, lia tudo que lhe caía nas mãos, à luz da bruxuleante lamparina de querosene. Sua única companhia eram os jacarés que, atraídos pela claridade, avisavam da sua presença com vigorosas rabanadas no assoalho da cabana que se projetava sobre o igarapé. Foi nessa época que ele começou a copiar, sobre papel de embrulho, um dicionário da língua portuguesa. O dinheiro era pouco para comprar um."

Retornando a Belém, depois de contrair febre palustre, trabalhou no

jornal "A Província do Pará", de Antônio Lemos, então um político muito influente naquele Estado. Já escrevia seus primeiros versos. Mas, o senador Antônio Lemos é deposto e seus partidários perseguidos. Humberto de Campos, com a ajuda de Catharina de Paiva Vergolino — a Paquita, sua futura esposa —, foge para o Rio de Janeiro, num navio do Lloyd. E, na capital da República, seu talento literário floresce e sua vocação jornalística se desenvolve.

"Dono de um estilo inconfundível — relata seu filho[2] —, escrevendo um português corretíssimo e sabendo, como poucos, colocar uma vírgula no lugar certo, Humberto de Campos conseguia sensibilizar o leitor dos mais diferentes quadrantes culturais. Não só porque redigia de uma forma simples e fluente, como também pelo enfoque dos assuntos, quase sempre ligados, de alguma forma, com o dia a dia da criatura humana. Tanto assim que nos últimos anos de vida, recebia diariamente umas 30 cartas de leitores solicitando orientação para seus problemas. E muitas eram assunto para suas crônicas."

Eleito para a Academia Brasileira de Letras, aos 33 anos, ocupa a cadeira número 20, cujo Patrono é Joaquim Manuel de Macedo. "Ocorreu então — explica César Arruda Castanho[3] —, o que foi chamado de *a febre de ler Humberto*. (...) Suas estórias, contadas em uma linguagem despojada, plenamente num português escorreito e sem eruditismo pedante, agradavam plenamente todas as camadas sociais e as reedições das obras do autodidata Humberto de Campos se sucediam."

Morre em 5 de dezembro de 1934.

A partir de 1937, retoma a pena através do médium Francisco Cândido Xavier, que psicografa "Crônicas de Além-Túmulo", "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", "Novas Mensagens", "Boa Nova" e "Reportagens de Além-Túmulo". Ainda assinava Humberto de Campos[4]. A partir de 1945, continua a escrever — são dessa época "Lázaro Redivivo", "Luz Acima", "Pontos e Contos" e outras —, assinando, porém, Irmão X.

As crônicas que compõem "Jerusalém Libertada", recebidas pelo médium R. A. Ranieri, foram produzidas nesse período. Nelas, também, se pode observar, no impressionante retrato em quatro dimensões, o mesmo Humberto de Campos, com o seu estilo e muita personalidade[5].

J. P.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

(1) "Obras Escolhidas", dez volumes, Opus Editora Ltda. Inclui o estudo biográfico "Humberto de Campos, meu pai".

(2) Idem.

(3) Ibidem, no Prefácio.

(4) "Chico Xavier, 60 anos de mediunidade", revista, Edições FEESP; "Humberto de Campos, Chico Xavier e Agrippino Grieco", por Elias Barbosa, pág. 17.

(5) "A Psicografia Ante os Tribunais", de Miguel Timponi, FEB, 5.ª Edição, págs. 177-106, "Os dois Humbertos: um só estilo, uma só alma, um só sentimento".

Introdução

Lição de Humildade?

1989

Em 1945, 1946, 1947, 1948... etc., eu morava no Rio de Janeiro.

Era moço, era jovem, com a mediunidade de psicografia espoucando, o ideal vibrava e o desejo de dar a minha vida pela Doutrina e Pelo Evangelho.

Os Espíritos dos escritores rodeavam-me demonstrando vontade de se comunicarem, entre eles, os estrangeiros, especialmente os franceses e os ingleses: Victor Hugo, Baudelaire, Oscar Wilde etc. etc..

Brasileiros: Lobato e Humberto de Campos...

Foi quando este falou-me que queria escrever um livro por meu intermédio. Assustado e preocupado, disse-lhe que não, que não era possível! Havia o Chico e seria absurdo outro médium receber os Espíritos que *ele* recebia! Respondeu Humberto "que não tinha nada uma coisa com outra e que era plano da Espiritualidade e que eu tinha compromisso anterior para isso no Mundo Espiritual! Onde ficava o meu compromisso e onde ficavam minha humildade e obediência Cristã?"

Diante de suas palavras aceitei o encargo e escrevemos o livro que recebeu o título que ainda tem. Fiz que chegasse às mãos do Lino que era o Diretor da LAKE.

Quando fui a São Paulo, conversamos. Lino gostara do livro e afirmara que iria publicá-lo. Apenas fez reparo na pontuação, que era espontânea. Seriam tantos pontos e vírgulas que eu achei (a dele) pior, mas não discuti o assunto, já que ele se propunha a publicar o livro, coisa que já era difícil naquele tempo. Havia só duas Editoras Espíritas: A FEB e a LAKE. E o livro mofou, durante anos, nas prateleiras do Lino, esquecido... A Introdução do livro tinha a data de 1946. Em 1976, o livro foi ter às mãos do Roberto, então Diretor da LAKE, e falou-se em publicá-lo.

Antes, já o havia dado para o Barbosa publicar em favor de uma casa de crianças de São João da Boa Vista, fato que também não aconteceu e o livro voltou e logo desapareceu ou perdeu-se. Como deixara, sucessivamente, com o Barbosa e com o Roberto, pensei injustamente e peço perdão, com sinceridade, acreditando que eles o haviam perdido!

Há poucos anos atrás, dois ou três, houve uma enchente provocada pelas chuvas e por um pequeno rio que corre perto da chácara em que eu morava e a invadiu destruindo quase tudo o que havia no escritório, inclusive mais de trezentas fitas gravadas com entrevistas de amigos de grande renome no Espiritismo Brasileiro e poderia também o livro ter desaparecido ali, como tantos outros destruídos pela água. E podia ser.

Durante anos fiquei pensando que a publicação desse livro poderia ter ajudado o Chico no seu processo, mostrando que o Espírito se comunica por dois médiuns. Seria esse o plano da Espiritualidade? Apesar de ser eu muito inferior ao Chico como médium, seria isso? Que também foi frustrado? É evidente que no caso judicial do Chico, as legiões do mal de lá devem ter se empenhado a fundo para destruí-lo! Não sei, mas acredito nisso. O fato é que o livro ficou desaparecido das livrarias, sem publicação quarenta e dois anos!

Agora, sairá? Vamos tentar e vamos lutar. Jesus nos ajude.

R. A. Ranieri

Ovo Azul

20/01/89

Jerusalém Libertada

Estou, antecipadamente, prevendo o que não dirá o leitor amigo desta nova aventura a que me propus: já não basta ao espírito do pobre Humberto um só médium? Tem ele necessidade de procurar aqui e ali outra organização mediúnica? Com que fim? Já não bastam as complicações de que se reveste a vida humana e ainda teremos que enfrentar mais este problema árduo, proposto por entidade versátil do Além? O que nos pedirá ele agora, após tudo o que já pediu? Não será exigir demais da nossa paciência?

Tudo isso passou pela minha mente de jornalista desencarnado, quando fui chamado a escrever essas páginas que se vão ler. Imaginei a luta que surgiria para o novo instrumento, sujeito aos desejos do Alto; visualizei a sua angústia diante da responsabilidade que lhe era colocada sobre os ombros; calculei o desgosto daqueles que se habituaram a tratar comigo através de um só instrumento. Valeria à pena a aventura de realizar novo trabalho, usando novo aparelho mediúnico? Esta a primeira e difícil questão. A segunda dificuldade que se me afigurava era o assunto a tratar. Seria demasiado difícil convencer aos próprios espíritas de que tratavam comigo mesmo, se recorresse a nova modalidade literária.

Daí, a escolha da velha crônica, abordando embora assuntos aparentemente novos. Eis-me, portanto, em plena aventura literária, tentando provar a minha identidade através de dois aparelhos diferentes. Senti agora que não estou realizando propriamente um simples livro para deleite ou para meditação do irmão em Jesus Cristo, mas creio humildemente que estou realizando simples obra de libertação humana. O Plano da Espiritualidade Superior para o mundo presente é vasto e guarda surpresas imprevisíveis para todos aqueles que se submetem diariamente ao labor santo da evangelização e da conquista íntima de si mesmo.

Ingênuos serão os homens supondo que já muito se distribuiu "à humanidade e que já é demasiado o que o homem conhece. Mais do que supõem e acreditam virá do Alto para a Pátria do Cruzeiro. Entidades de sublime luz dos páramos celestes sobrepairam as regiões do Brasil e organizam as suas dispo-

sições para o presente e para futuro próximo. Acreditam os mortais que os espíritos estão sujeitos aos seus desejos e às suas opiniões e supõem-se detentores de toda a verdade. Alguns discípulos que receberam imensos cabedais de Misericórdia Divina, esquecem-se momentaneamente do Evangelho de Libertação e organizam na Terra grupos indevassáveis, que atentam contra o sentido de liberdade da doutrina. Apegam-se alguns aos bens terrenos e começam a construção insensata de novas Jerusaléns, fortificadas nos preconceitos que se criam pouco a pouco, na intolerância que começa a erguer suas colunas e na má vontade que se estende como cúpula abençoada. O fermento da discórdia lentamente invade as almas e percorre os corações, enchendo a todos de pânico e sombras. As acusações surgem aqui e ali; impérios se criam dentro do Espiritismo e o exclusivismo senta-se no trono do amor e da liberdade. Esquecem-se as lágrimas e olvidam-se os próprios anseios daqueles que têm sido o sustentáculo da fé.

A Espiritualidade Superior coloca acima de tudo a liberdade do Evangelho e a voz dos espíritos tem que ser como a voz de João clamando no deserto: cairá sobre justos e injustos, seca e áspera, porque é a voz da Verdade que indica o Caminho do Amor.

Nem todos os que dizem Senhor! Senhor! entrarão no Reino dos Céus. Essa é a advertência do Mestre Incomparável e Bondoso. Advertiu-nos Ele energicamente, porque sabia que os nossos corações são propensos às exterioridades e desejam sempre construir o efêmero e olvidar o eterno.

Não deixemos que a erva daninha do egoismo invada os nossos jardins e acreditemos sinceramente que Jesus nos enviará sempre os seus libertadores divinos para a sua Obra que tem de ser de comunhão fraterna entre todos os homens e de igualdade entre todos os seres.

Sei que a minha tentativa de trazer um punhado de libertação aos homens, advertindo-os contra as más ervas que brotam e crescem em suas almas, é empresa difícil. Não me iludo a propósito daqueles que sorrirão e mais uma vez dirão: este não é Humberto!

Estas pobres páginas aí estão como advertência de amigo que continua preso à Terra por múltiplos laços. Possam elas ser uma trombeta que anuncia a hora da Redenção e diz aos homens do Amor do Cristo na afirmação divina: "Em verdade,

em verdade vos digo que não ficará pedra sobre pedra, porque toda a planta que o Pai não plantou será arrancada e atirada ao fogo."

E possam os homens compreender que todas as Jerusaléns devem ser libertadas porque se aproxima o dia sacrosanto do Senhor!

Irmão X

Rio de Janeiro, 1946

I

Deixo-vos o Evangelho
como se fosse eu mesmo,
nele encontrareis o roteiro
e a vida eterna.(*)

O sucessor

Antes da crucificação de Nosso Senhor Jesus Cristo, os discípulos amados do Nazareno interrogavam-se a si mesmos no afã de saber quem sucederia ao Mestre na chefia do Reino de Deus na Terra.

Era necessário — pensavam alguns — que se preparasse um sucessor digno desse nome e que pudesse arcar com tamanha responsabilidade perante a Cristandade que já se avolumava. Daí o interesse de todos em saber qual dentre eles seria o escolhido para levar até mais longe a Obra do Pai, que já se mostrava tão promissora.

Os pensamentos voavam de uma cabeça a outra, mas nada de ser esclarecida por Jesus a difícil situação em que se encontrava a nobre assembléia.

Foi quando Jesus aproveitou uma bela tarde de primavera, amena e doce tarde, e chamou os discípulos amados para junto do seu coração amantísmo e lhes disse:

— Amados, chegou a hora de cuidarmos da sucessão espiritual de vosso Mestre, de modo que para o futuro estejais despreocupados e sem receio. Necessário se torna que resolvamos definitivamente este problema. O instante da minha partida não tarda. Os sinais de meu Pai já estão se avizinhando e os seus mensageiros constantemente me envolvem transmitindo-me os seus Altos e Bondosos Desígnios.

Todos silenciaram entristecidos pela próxima partida do Senhor mas jubilosos porque Ele iria apontar o seu sucessor, que haveria de levar até os confins da Terra a Semente Bendita do Evangelho. Por isso, todos dependiam de seus lábios e esperavam a sua Palavra Augusta e Serena.

Jesus silenciou e aguardou calmamente.

O tempo passava ninguém ousava dizer coisa alguma.

Finalmente, o estouvado e bondoso Pedro, não se contendo, interrogou o Mestre:

— Senhor, como tendes dito, sabemos que haveis de partir, por isso vos pedimos que indiqueis aquele que há de suceder-vos no governo de nossas almas.

Um olhar de aprovação partiu de todos os discípulos que fitaram Pedro, agradecidos.

— Queridos, murmurou Jesus, realmente, a suscessão é uma necessidade, por isso eu vos peço que indiqueis vós mesmos aquele que ocupará o meu lugar.

O silêncio tornou a cair sobre todos e ninguém ousou indicar um nome para substituir Jesus.

O Mestre sorriu e disse-lhes:

— Deixo-vos o Evangelho como se fosse eu mesmo, nele encontrareis o roteiro e a vida eterna. E meu sucessor na Terra será todo aquele que faz a Vontade de meu Pai.

Um clarão de esperança e de compreensão brilhou no espírito dos discípulos e a assembléia se dissolveu cheia de júbilos.

(*) Os intróitos que abrem cada capítulo foram apostos pela Editora.

II

...sentirá na sua alma permanecer
sempre o ideal de evolução
que o reconduzirá um dia
aos mundos superiores...

O macaco e o homem

Dizem que nos tempos primitivos, quando viviam no mundo os grandes animais que assombravam a selva com seus gritos e com seus urros terríveis, o macaco, que também era enorme, demonstrou o estranho desejo de se transformar. Conta a lenda, que se perdeu, que foi procurar o Criador:

— Senhor, desejo me transformar. Não agüento mais esta vestimenta de pelos, que me faz mais feio e esta carantonha que me iguala aos bichos sem inteligência.

Bondosamente, o Criador de todas as coisas lhe respondeu:

— Compreendo, meu filho, que não te conformes com a figura que nasceu de nossas mãos, quando criamos o mundo e buscamos situar o espírito em cada corpo adequado à sua evolução. Mas o que desejas, que corpo especial esperas para viver feliz?

O macaco passou em revista no espelho da memória, todos os seus companheiros de vida terrena e depois de meditar muito acrescentou:

— Realmente, não encontro ninguém que me agrade, todos são enormes, ferozes e perigosos. Além disso, não são inteligentes! No entanto, a misericórdia e a sabedoria, Senhor, com que tens inundado a Terra me dão esperanças. Peço, por isso, que cries uma forma mais perfeita para meus filhos e meus netos.

Foi quando o Senhor, em sua magnitude e grandeza, resolveu criar o homem.

O macaco a princípio estranhou a exibição daquela forma nua, porém, depois sentiu que era agradável não ter pelos como os seus.

— Estás satisfeito? Indagou a Voz Soberana do Universo.

— Estou, contudo, estranho a nudez daqueles que serão meus descendentes. Todavia, Senhor, como pudeste criar tal criatura?

Interrogou o macaco ainda surpreso.

— Enquanto dormias, disse o Senhor, de duas estranhas retirei as vibrações necessárias para formar esta criatura e de tua inteligência, a força de que precisava para que ela pudesse se conduzir, no entanto, dos mundos espirituais atraí a matéria cósmica que lhe dará o anseio de retornar às esferas de luz. Dessa maneira, caminhará e viverá na terra como tu, procriará, tando numerosos filhos e lutará para sobreviver, mas acima de tudo sentirá na sua alma permanecer sempre o ideal de evolução que o reconduzirá um dia aos mundos superiores onde se localiza o seu sentimento de identidade Comigo.

O Senhor calou-se, mas o macaco contemplou pensativo aquela forma nua que acabava de nascer e sentiu que estavam unidos para sempre.

III

O Suave Nazareno baixou
a fronte e continuou
arrastando a cruz
sem se perturbar.

Lição proveitosa

Jesus caminhava sob o peso do madeiro infamante. A multidão desvairada seguia-O na estrada dolorosa do Calvário. Desde o primeiro instante que o seu pensamento estava identificado com o Pensamento do Pai, e o seu silêncio causava revolta aos fariseus enfurecidos que instigavam o povo contra Ele.

Um mais exaltado exprobou-lhe:

— Não és o Filho do Deus Vivo? Então salva-te a ti mesmo!

O Mestre porém não respondeu.

Mais adiante um velho que se distinguia por atirar-lhe pedras, exclamou:

— Desgraçado, não disseste que o teu jugo é leve? Carrega-o agora miserável! Porque não tornas essa cruz leve que a carregarias com um só de teus dedos?!

Jesus olhou-o e não respondeu.

Mais acima, quando os passos trêmulos vascilavam na marcha de dor, outro irmão vingativo atacou-o:

— Não és Rei? Por que então goteja o sangue de tua fronte coroada de espinhos?

O Suave Nazareno baixou a fronte e continuou arrastando a cruz sem se perturbar.

E assim, por toda a via-crucis, foi Ele enfrentando as exprobações dos homens enraivecidos e desapiedados.

Na hora porém da consumação total, os seus lábios se moveram e os que o perseguiam, transidos de pavor diante do céu que se congestionava e dos relâmpagos que cortavam o firmamento, imaginaram a apóstrofe terrível que Ele lhes enviara do Alto Suplício Doloroso.

Mas Aquele que nunca respondeu ao Mal senão com o Bem, murmurou meiga e mansamente:

— Perdoai-lhes Pai que não sabem o que fazem!

E nós ainda nos recordamos agora que a sua maior arma contra os inimigos foram sempre o Silêncio e o Perdão.

IV

...não basta chamar
para ser ouvido
nem estender os braços
para ser amparado.

No limiar da vida eterna

Manoel Antônio da Silva despertou no Além como a maioria dos irmãos que viveram na Terra despreocupadamente, levando a vida em diversões requintadas e gastos enormes.

Filho único de um negociante de secos e molhados na cidade do Rio de Janeiro, passou a fase planetária nos bordéis e nos cassinos. Voltava para casa altas horas e despedia-se, não raras vezes, das bailarinas inconscientes à porta do seu palacete em Botafogo.

Nunca se informara Manoel Antônio da Silva a respeito das coisas do "outro-mundo". De modo que foi com surpresa que despertou do lado de "cá". Ainda balbuciando nomes de mulheres infelizes e pedindo bebidas em altos brados.

Um anjo do Senhor recebeu ordens expressas de atendê-lo, devido à intercessão de sua nobre progenitora, bondosa e meiga velhinha de olhos mansos, que fôra no mundo virtuosa mulher e esposa de peregrinas virtudes.

Aflita com a sorte do filho amado e distraído do Caminho da Vida, bateu ela durante muitos anos à porta do coração dele, mas inutilmente. Nada o desviava da perdição e da miséria moral. Agora estava ali boquiaberto, diante do mensageiro sincero que o fitava bondosa e severamente.

Quando o bondoso guia espiritual lhe disse:

— Manoel, volve os olhos para o Senhor e aproveita esta oportunidade que o Pai te concede. Lembra-te que já não estás mais na carne e que és agora um espírito, candidato à Espiritualidade Superior e à eternidade universal...

Ele gaguejou assombrado:

— Como? Então estou morto mesmo? E o mundo que eu amo e amei, e as mulheres perdidas que ainda me enlaçam o coração, e as noitadas sublimes em sublimes bordéis?

E ria debochadamente da seriedade do anjo. Os seus olhos pareciam derramar chamas de loucura e de assombramento. A recordação do que deixara perseguia-o ainda.

Diante disso, o anjo o abandonou à sua sorte até que melhor oportunidade surgisse.

Algum tempo depois, outro mensageiro, por intercessão do mesmo bondoso espírito de sua progenitora, veio chamá-lo à realidade espiritual.

— Manoel, dizia ele, você não se recorda mais de mim? Eu sou o Anselmo! Estudamos juntos no mesmo Colégio nas Laranjeiras. Não se lembra? Eu também estou morto, ou melhor, vivo, além do que chamam na Terra "sepulcro". Desperte para a Bondade Misericordiosa do Senhor. Não vê que não tem mais corpo carnal?

O infeliz já não ria, mas conservava um ritus de indiferença nos lábios mudos.

Olhou-o e não lhe deu ouvidos.

Retirou-se o amigo de infância, e Manoel mergulhou novamente na furna de seus pensamentos tristes.

A doce velhinha porém não descansou. Sem descanso, dia e noite, recorreu às mais Altas Forças e Potências Espirituais, pediu, implorou, prometeu retribuir com obras de caridade que a prenderiam durante cinco ou seis séculos em serviço na Crosta Terrestre.

Assim, pela terceira vez conquistou a boa vontade dos espíritos do Senhor que volveram a doutrinar o infeliz Manoel.

Uma Entidade de Esplendorosa Luz desceu das alturas consteladas e veio em pessoa auxiliar o pobre moço desvairado. Exortou-o com apalavras repassadas de carinho e de amor:

— Meu filho, desperta para o bem e para a sublime conquista do teu coroção. Eu sou teu amigo e te amo. Ouve a voz dos que falam de Jesus, o Mestre Incomparável. Não ouves e não sentes o pranto de tua mãe, não percebes as preces carinhosas de teus amigos? Desperta em nome do Senhor.

Finalmente, Manoel pareceu sair da perturbação que o prostrava. Olhou carinhosamente a mãe, fitou-a mesmo com doçura e depois, voltando-se para o Devotado Guia, lhe disse:

— Agradeço muito a tua boa vontade e o desejo de me auxiliar mas não acredites que desde o primeiro momento não estava eu sabendo a situação em que me encontrava. Sabia-o bem e sei ainda, mas prefiro continuar vivendo em pensamento a vida que levava na Terra; quero fluir ainda as imagens da luxúria e do gozo que estão em minha mente. Com que direito quereis todos vós impedir que me divirta à minha maneira? Estou satisfeito de poder continuar gozando as delícias do mundo mesmo estando morto. Afinal, eu tenho ou não tenho livre-arbítrio? Para vós todos eu estou no mal mas para mim mesmo eu estou no bem e na delícia.

E agora, exclamou ele rancorosamente, como se ainda estivesse em seu palacete de Botafogo e fechasse a porta com estrondo..., e agora: retirem-se, dêem o fora!

Depois disso, caiu numa espécie de letargia, os olhos vidrados e o pensamento com certeza em algum bordel imundo. A doce velhinha e o Bondoso Mensageiro voltaram as costas e deixaram-no para outra oportunidade.

Até hoje, como mero repórter amador, ainda não sei se despertou. Mas o fato é que como ele também há muitos na Terra que preferem impor a razão do seu livre-arbítrio e não ouvem porque não querem ouvir. Mas eu que já estou habituado com isso, sei também que um dia acordarão sequiosos de uma palavra amiga e de uma orientação segura, e nessa hora é possível que encontrem mais facilmente o pranto e o ranger de dentes. Porque não basta chamar para ser ouvido nem estender os braços para ser amparado. Há no mundo milhões de seres que disputam a porta estreita e choram na estrada da redenção. Quem não ouve quando bem entende costuma ser recusado no momento em que mais precisa...

V

Ou pensa agora
que ainda necessita
de mais dez anos
de trabalho silencioso...

Na tarefa regeneradora

No pequeno grupo em que dava a sua humilde cooperação, Eponina do Espírito Santo era, apesar de tudo, pouco considerada e figura sem nenhum relevo. Todavia, não desanimava e comparecia, pontualmente, às reuniões evangélicas e mediúnicas. Dava o seu apoio às boas obras e portava-se cristãmente, com o pensamento ligado ao Cristo e o coração à caridade e ao amor.

Nas reuniões, era como uma sombra de humildade e boa vontade. Ajudava na limpeza, estava sempre pronta a atender um necessitado, ansiava por amparar um aflito. Porém, inexplicavelmente, por mais que fizesse, não conseguia "dar na vista" ou aparecer diante do mundo. Era o que a afligia. Se não fosse isso, seria perfeita.

Aquilo era a dor cruciante que a destruia pouco a pouco.

— Imaginem só, pensava ela, naquela noite, enquanto Constança pregava e ensinava, essa moça chegou aqui não faz um mês e já está presidindo trabalhos e fazendo pregações. Eu estou nesta casa, como cooperadora fiel há dez anos e meio contadinhos, e nunca fui chamada para dizer uma palavra sequer em público!

Quando a reunião terminou e todos voltaram a seus lares, a denodada trabalhadora derramava lágrimas ardentes e reclamava desesperada:

— Pai, hoje, por mais que eu faça, não posso me conter! Por que não sou eu chamada e escolhida para trabalhos maiores na vossa Seara? Estou abandonada de todos e tenho ainda que sofrer humilhações dessa natureza! Não sou digna então do vosso amor? Não tenho por ventura eu dado mostras de tolerância e boa vontade, de compreensão e entendimento, de fraternidade e confiança?

E continuava derramando lágrimas copiosamente.

Tão empolgada estava e tão triste, que desceu a ladeira íngreme sem se preocupar em tomar uma condução para Vila Izabel, lugar onde morava.

Foi quando, ao se aproximar de um recanto mais escuro, lhe apareceu uma figura fluídica de homem dos seus quarenta anos. Bem vestido e de fisionomia serena. A pobre Eponina assustou-se com a aparição, mas logo se refez.

— Vicente! Você aqui?.

E o mensageiro de Jesus lhe respondeu:

— Eponina, o Mestre ouviu as suas súplicas e enviou-me a mim, por ter sido seu marido e companheiro nesta existência terrena.

— Graças a Deus, Vicente, que Jesus ouviu as minhas súplicas, porque eu já estava desesperada com o fato de não servir para coisa alguma em nossas reuniões evangélicas...

E agora, certa da vitória e da sua reabilitação, mal reparou no espírito que também enxugava uma lágrima furtivamente:

— Acalma-te, minha filha, murmurou suavemente o ex-marido, Jesus é misericordioso e atende aos que o procuram de coração. Vamos porém aos fatos, que, apesar de ser ainda sentimental, tenho contudo um dever a cumprir e já está se tornando tarde.

Dizendo isso tirou um pergaminho das vestes e dirigiu-se à ex-mulher:

— Eponina, você durante estes dez anos e meio de freqüência ao grupo espiritual não tem se sentido calma e satisfeita?

— Tenho sim.

— Não readquiriu a coragem que perdera com o meu desencarne?

— Sim.

— Não encontrou motivos para viver e oportunidades para praticar a caridade?

— Perfeitamente.

— Não lhe foi dado auxiliar na limpeza da casa e nas arrumações dos móveis e da biblioteca do grupo?

— Exatamente.

— Não tem você atendido aos irmãos que se desesperam e que vêm chorar no seu ombro, com palavras de conforto?

— Tenho, Vicente.

— Pois é isso, Eponina, agradeça a Jesus essas possibilidades que lhe deu.

Eponina ficou pensativa e o ex-marido, transformado em guia espiritual, se preparava para se retirar quando a mulher um pouco abalada lhe falou:

— Estou compreendendo mais ou menos... mas por que então não tenho eu tido acesso a melhores lugares na comunidade?

— Minha filha, explicou Vicente, numa comunidade cristã todos os lugares são iguais e o que serve, segundo a passagem evangélica, devia ser maior do que os que comem. E você, Eponina, pelo que viu, até hoje só tem se banqueteado, porque os irmãos pregadores são como cozinheiros que preparam o manjar espiritual para os seus ouvidos e sua alma.

Via-se que o nobre guia não queria chegar a um ponto mais doloroso da questão.

Todavia, Eponina não se satisfez e reclarou:

— Já que Jesus o enviou aqui, eu quero saber direitinho por que é que não sou preferida nos lugares de destaque do movimento!

E, com essas palavras, deu-se uns ares de antiga proprietária do defunto marido que ali estava em espírito e em missão importante.

Vicente não disse mais nada. Desenrolou o pergaminho e leu:

— Em 1910 a nobre irmã fugiu de casa, deixando no abandono sete crianças.

Em 1915 voltou ao lar.

Em 1920 numa luta com uma vizinha quebrou-lhe uma das pernas, impossibilitando-a de trabalhar durante noventa dias.

Em 1924 falou tanto da vida alheia que trouxe complicações a diversas pessoas.

De 1924 a 1926 pregou contra a doutrina de Jesus, desencaminhando numerosas almas, que até hoje se debatem no materialismo, em sofrimentos angustiosos.

De 1926 a 1930, cortou relações com o marido, levando daí em diante vida pouco honesta enquanto que ele sozinho cuidava da educação dos filhos.

De 1930 em diante converteu-se ao Espiritismo, dedicou-se ao trabalho espiritual e voltou às boas com o marido que, infelizmente, desencarnou logo, pelos desgostos sofridos e retornou à pátria espiritual entre lágrimas. Daí para cá tem sido uma cooperadora exemplar no trabalho do Mestre.

O mensageiro calou-se e outra lágrima lhe rolou dos olhos.

Eponina fitou-o desapontada, sem saber o que dizer, diante dos dados estatísticos irrefutáveis.

Disse Vicente pesarosamente:

— Minha cara Eponina... e eu só trouxe para você verificar o seu mapa desta encarnação.

Acha ainda que tem direito, depois disso, a ocupar a tribuna para falar? Ou pensa agora que ainda necessita de mais dez anos de trabalho silencioso, como simples ouvinte? Pelo que vê, o que lhe tem sido dado como oportunidade de trabalho é mais do que merece...

Dizendo isso, beijou-a fraternalmente e retirou-se com os olhos marejados de pranto.

VI

A vigilância é imprescindível
para sabermos se cada palavra
que pronunciamos
corresponde a um ato nosso.

Não era necessário

Todos estavam de pleno acordo com a orientação espiritual dada ao trabalho evangélico no grupo que funcionava na Lapa. O proveito não se fazia esperar. As sementes do Evangelho como gotículas perfumadas de orvalho, caiam nas almas e enchiam os corações. O diretor material das sessões, homem versado nas Escrituras Sagradas, ciente dos seus deveres perante a humilde assembléia de assistentes que se renovava todas as noites, pregava naquela noite e referia-se às passagens mais dolorosas da Vila Sublime de Nosso Senhor Jesus Cristo. E exclamava pateticamente:

— Meus irmãos, Ele morreu na Cruz! Sacrificou-se por nós! Deu seu sangue, gota a gota, hora a hora, instante a instante, e jamais perdeu a Serenidade Augusta de Mestre Incontestável. O seu caminho tornou-se por isso um caminho de flores, e os espinhos refloriram em sua testa de Mártir e de Amigo!

Nisto, quando o silêncio era maior e a sua palavra eloqüente atingia o auge da pregação sobre a Sublime Serenidade do Cristo, manifestou-se um irmão desencarnado, ainda toldado pela perturbação dos últimos instantes:

— O que é isto, gritou o infeliz desvairado, isto é uma casa de doidos?! Quem é esse homem que prega? Que autoridade possui para ensinar...

O diretor dos trabalhos, visivelmente de mau humor, indignado, pela intromissão inesperada, ordenou em voz peremptória e áspera:

— Meu irmão, agora não é o momento oportuno para a sua manifestação; afaste-se do aparelho e fique ao seu lado ouvindo o Evangelho.

— Evangelho? Berrou o necessitado enfurecido. Que Evangelho que nada! Você está pregando serenidade e me ofende? Aparelho? Eu não sei de aparelho algum!

E o diretor, mais irritado ainda, pediu à assistência, muito aborrecido pela perturbação de seu discurso, que se concentrasse, pois ele iria ordenar o afastamento compulsório do infeliz irmão. Assim foi feito e em breves instantes, o espírito perturbador foi dali afastado pelos bondosos orientadores invisíveis que o levaram esperneando e acusando:

— Jesus sacrificou-se mas você me acusa!

A reunião prosseguiu, após o incidente.

Continuou a orientar o digno mentor da casa:

— Na Cruz devemos separar como uma estrela fulgurante a frase lapidar do Senhor:

Pai, perdoai-lhes que não sabem o que fazem!

Pela segunda vez porém, surgiu uma nova interrupção, provocada por criança de tenra idade que começou a chorar na assistência. A mãe, preocupada, procurava sossegá-la mas em vão.

O Bom Orientador fez nova interrupção e apostrofou a humilde mulher que viera de longe, de um bairro longínquo e remoto, cheia de fé, ouvir as suas palavras cristãs:

— Não é a primeira vez que eu peço, nesta casa, tornou o diretor engasgado, para que não compareçam as irmãs acompanhadas de criança. Meninos devem ficar em casa.

E dirigiu-se à pobre mulher mais diretamente:

— Minha irmã, em nome da casa, eu lhe peço: ou faz o menino calar-se ou retire-se, porque não podemos continuar os trabalhos.

Houve um gesto de aprovação de grande parte da assistência.

E a pobrezinha, enxugando uma lágrima, retirou-se acabrunhada.

O discurso, todavia, prosseguiu até o fim sem mais interrupção.

Terminados os trabalhos, todos se retiraram e a maioria comentava desfavoravelmente os dois fatos culminantes da noite. Todos eram unânimes em apoiar a Energia Serena do nobre pregador das Qualidades Excelsas do Mestre.

Foi quando, um irmão espiritual mais esclarecido se aproximou de mim, e eu, intrigado com o caso, lhe perguntei:

— Nobre Amigo, o que me diz a respeito de tudo o que sucedeu hoje? O irmão me perdoe mas, como repórter recém-desencarnado, folgaria muito em levar ao conhecimento dos homens fatos que lhes sejam úteis.

A Elevada Entidade Espiritual me fitou tristemente e explicou:

— Prezado Irmão X, nem sempre os diretores materiais dos trabalhos mediúnicos podem compreender que em Jesus o Exemplo vale mais do que as palavras e muito dificilmente compreendem que as necessidades neste e no "outro mundo" são as mesmas. A vigilância é imprescindível para sabermos se cada palavra que pronunciamos corresponde a um ato nosso.

O nosso bem intencionado diretor desta noite teve uma grande oportunidade de confirmar cristãmente a eficácia dos ensinamentos de Jesus, mas no momento culminante achou que não era necessário...

A Entidade calou-se. Eu agradeci, anotei, e me despedi sinceramente pensativo:

— No momento oportuno, depois de lhe ser preparada uma rara oportunidade, julgou que não era necessário...

— Ah! Agora compreendo! — Pensei comigo mesmo e tratei de ir andando.

VII

. . .pássaros de todas as cores,
beija-flores que pareciam
pétalas de rosas em revoada,
andorinhas. . .

O equívoco

Dedicado cooperador da esfera carnal, sonhava, após as publicações das obras do nosso irmão André Luiz, penetrar na organização espiritual chamada "Nosso Lar".

A sua mente, desde então, sintonizada com O Mais Alto, vibrava em anseios sublimes de espiritualização e em magníficos vôos para a esfera diferente, da felicidade constante e perene. Tanto pensou e meditou, por tantas noites de insônia firmou, com os olhos parados e quedos, o seu pensamento em "Nosso Lar", que numerosas entidades se sentiram atraídas para o seu leito de repouso noturno. Contemplaram-no, examinaram a tela da sua mente um pouco descompassada, e sinceramente declararam não estar em condições de atender um caso novo como aquele, dificilmente encontrável nos anais da Espiritualidade. Evidentemente, era um caso novo. O seu anjo de guarda, aflito com a situação criada, recorreu aos Poderes Celestes Mais Altos e implorou auxílio imediato. O fato era de alarmar. A fixação mental do nosso irmão não poderia, de modo direto, ser acusada como desvio.

Concentrava-se ele evangelicamente numa cidade celeste. Procurava melhorar-se para atingir esse fim. Evitava o mal.

Deveriam aconselhá-lo a não fixar a mente em "Nosso Lar"? Ninguém se aventurava ao diagnóstico e todos temiam assumir responsabilidades. Porém a Misericórdia do Pai é infinita, e

entidade de Angélica Figura desceu das alturas celestiais e veio atender ao venturoso Antônio.

Este, deitado no leito, esforçava-se por desprender-se do veículo carnal. O Guia Bondoso e Amigo, chegou, observou e deu-lhe alguns passes para auxiliar o seu completo desprendimento. Daí a poucos instantes, o nosso amigo estava do "lado de cá" Sorriu para nós, olhou maravilhado o Anjo do Senhor que despedia luzes e flores e exclamou feliz:

— Oh que felicidade! Onde estou eu, Senhor!?...

O Bom Amigo esclareceu:

— Acompanhe-me que vamos percorrer juntos uma cidade celeste.

Antônio não pôde conter-se de contentamento, beijou a túnica do Enviado e seguiu exultante.

Em breve foi transportado a um jardim maravilhoso onde copadas árvores curvavam-se ao peso das folhas de um verde sublime.

— Oh! — Fez Antônio admirado. Que maravilha! Que ar puro!

Caminharam mais, e o Orientador Divino mostrou-lhe uma cachoeira soberba que rugia as águas cristalinas.

Antônio não pôde em si de alegria. Em poucos minutos sentia-se transportado aos paroxismos da paz interior.

E foram percorrendo rios e vales, planícies maravilhosas e montanhas de esplendor nunca visto. Em certas regiões, o Anjo mostrou-lhe os pássaros de todas as cores, beija-flores que pareciam pétalas de rosas em revoada, andorinhas que cortavam céleres o firmamento. A fauna pareceu a Antônio de esplendor nunca visto.

O tempo porém avançava e o dia estava reaparecendo com os seus raios fulgurantes. Fez o Servidor do Pai com que Antônio percebesse a beleza, nunca por ele vista, do astro que iluminava aquela Cidade Celeste.

Antes que o dia de todo nascesse, o dedicado Companheiro trouxe-o rejuvenescido, alegre, empolgado, ao leito.

Ao despedirem-se, Antônio, no auge da alegria, implorou ao Companheiro Celeste:

— Meu irmão, a viagem que fiz hoje me tornou um outro ser. Agradeço-lhe infinitamente e a Jesus, essa oportunidade que sei não será sempre concedida a todos, mas compreendo que foi o meu forte desejo de ir a "Nosso Lar" que me possibilitou essa permissão, não é verdade?

O Bondoso Guia murmurou muito sério:

— Em parte meu amigo, em parte...

Antônio contemplou-o desconfiado:

— Meu irmão, poderia me dizer que região é essa a que fomos? Eu desejaria guardar-lhe o nome para dela me recordar quando agradecesse.

O cicerone fitou-o complacentemente e explicou:

— É com satisfação que lhe será permitido guardar o nome da cidade que visitamos.

Antônio encorajado exclamou:

— Já sei! É "Nosso Lar", não é?

— Não, disse o Anjo, escondendo um sorriso fraternal.

Antônio encabulou-se um pouco mas retornou mais contente ainda:

— Então é Alvorada Nova!

— Também não, esclareceu o Mensageiro Celestial.

O nosso irmão já estava desanimado e esperou com paciência que o mensageiro lhe dissesse:

— Não, Antônio, a organizaçao celeste que visitamos hoje, os jardins que contemplamos, os pássaros e as águas, as planícies maravilhosas e os vales de paz e tranqüilidade não estão em Alvorada Nova nem em Nosso Lar... A Cidade Celeste e sublime que visitamos esta noite e que você poderá contemplar e admirar todos os dias é mesmo a Terra...

O Anjo, finda a sua missão, retirou-se satisfeito com o dever cumprido. Mas Antônio acordou diferente; cheio de alegria, abriu a janela e contemplou repleto de amor o pequeno jardim que viceja embaixo da janela.

VIII

...não posso abrir todos os arquivos da Espiritualidade para mostrar-lhe as maravilhas que possuímos.

Mensagem fraterna

Recebi a sua carta hoje meu irmão, e admirei-me muito da sua ignorância com respeito a assuntos referentes à Espiritualidade. De fato, nós aqui somos trabalhadores como você mesmo o é na Terra. Não temos pretensão a grandes coisas nem sonhamos galgar os céus a passos de gigante.

Admirava-se você da nossa permanência na crosta terrestre quando descrevemos cidades celestiais de beleza sem par, onde poderemos gozar da paz e da beatitude divinas. Demonstrou você nas entrelinhas que provavelmente é porque não somos tão perfeitos como deveríamos ser e que no fundo, apesar de nossas palavras bonitas, somos terríveis criminosos do passado, presos a cadeias pesadíssimas de crimes monstruosos. E quem negou esses fatos, meu amigo? Na última encarnação terrena, o Pai mostrou aos homens por meu intermédio, embora humilde e infeliz alinhador de letras do alfabeto, que as minhas chagas e pustulências haveriam de acompanhar em todos os passos da minha jornada, a pena sequiosa das alturas.

Não creia que nos tornamos muito melhores após a morte. A morte como você compreende é apenas uma cena rápida no meio do espetáculo. As imperfeições sim, nos acompanham sempre e nos prendem à vida terrena.

O meu trabalho humilde ao lado dos médiuns é ainda o mesmo do eterno repórter em busca de notícias sensacionais.

Demoro-me na contemplação da dor e do sofrimento porque eles sempre foram meus amigos dedicados. O Agripino ainda não me compreendeu bem assim como você não me compreende, e anda preocupado com o estilo e com o autor. Ora, o que posso fazer eu senão escrever? Não tenho outra profissão. Sempre vivi da pena e do sofrimento alheio. Sou companheiro da dor e amigo das chagas...

Perdoe-me se não posso abrir todos os arquivos da Espiritualidade para mostrar-lhe as maravilhas que possuimos. Como repórter, apenas entro onde me é permitido e submeto-me à censura. Censura mais severa do que a do D.I.P.(*) terrestre dos seus dias. Quando escrevo há sempre ao meu lado, com olhos profundos de luneta de alto calibre, a figura ilustre e culta do Senador Romano. Sabe mais História do que eu, e dificilmente consigo enganá-lo.

Não sou o que você está pensando. A minha autoridade é infinitamente pequena e o meu livre-arbítrio é limitado. Todavia, posso lhe adiantar que aqui como aí, meu filho, o trabalho é constante. Dificilmente conseguiremos fugir do sofrimento e da dor, a não ser pelo caminho do aperfeiçoamento.

Recebi sua carta que me deu muito o que pensar. Mas não desanime; no futuro, espero estar em condições de satisfazê-lo melhor. Enquanto isso, vamos confiar no Senhor que ainda é o Roteiro e a Salvação dos Homens. Depois do Calvário, muito pouco foi acrescentado às experiências humanas.

Infelizes de nós se não compreendemos o significado "cruzado" da Cruz...

No mais, um abraço sempre fraterno do irmão em Jesus Cristo.

(*) Departamento de Imprensa e Propaganda. Órgão de Censura existente na época.

IX

...e todo o dia
perguntava aos homens
por que é que separa
ao invés de unir...

O ódio

Um dia, o Ódio resolveu empregar as suas forças para o Bem.

Cansado de ser sempre temido e respeitado, imaginou como não seria sublime tornar-se o irmão mais velho de todos os seres, angariar simpatias e preparar para todos uma vida mais calma e feliz.

Para isso, escolheu um casal humilde de lavradores que viviam na maior comunhão espiritual possível. Há anos que sonhavam em vão um filho amado que fosse a alegria constante de suas horas de lazer.

Recorreu pois, humildemente, ao Supremo Pai e implorou-lhe a permissão Augusta para ser o filho adorado daquele casal perfeito.

Numa noite belíssima de luar, quando as nuvens prateadas brilhavam no céu calmo e tranqüilo, aninhou-se no coração dos dois e começou a crescer. Ao amanhecer o dia, o marido que invariavelmente dava um beijo na esposa, antes de ir para o trabalho, deixou de fazê-lo, de cara amuada e preocupado. Pela primeira vez a esposa também não se preocupou com o marido e fingiu não perceber.

Na hora do almoço, momento em que as almas costumam esquecer as mágoas secretas, não trocaram palavras carinhosas como sempre nem cruzaram os olhares amigos.

O Ódio no entanto, cada vez se aconchegava mais nos seus corações e deliciava-se com a ventura de tornar-se filho completo daquele casal feliz.

À tardinha, quando voltou do serviço, o marido trazia o olhar coruscante, as mãos tremiam e tinha dentro d'alma o desejo de estrangular a mulher. Esta por sua vez começou a fazer planos para fazê-lo sofrer. Dormiram naquela noite terrível separados, e, no dia seguinte e nos outros dias, conservaram-se distantes como dois inimigos ferrenhos.

O Ódio, todavia, sentiu-se infeliz com os resultados práticos da sua experiência; o seu desejo desde o início era unir, era viver satisfeito com aquelas almas e por isso escolhera casal de tamanha paz e compreensão.

Certa vez, o marido desesperado por suspeitas infundadas chegou a estrangular a esposa que, felizmente, ficou apenas desacordada.

Muito desapontado, o Ódio lacrimoso, recorreu à sabedoria de um Velho Indiano, analista profundo da natureza humana e fiel seguidor dos postulados de Brama.

— Mestre, disse ele cheio de dor, desejaria que me dissesses porque sou incapaz de unir e de trazer a felicidade aos que escolho. Não vistes o que sucedeu ao casal feliz? Desespero-me e não encontro explicação para a minha dor.

O Velho Indiano, profundamente sensibilizado, respondeu-lhe:

— Também não encontrei solução para esse problema, meu filho. Procura o Grande Lama que vive nas montanhas e provavelmente ele te dirá.

O Ódio assim fez.

— Grande Lama, Mestre dos Mestres, Sacerdote das Estrelas e Perscrutador das Profundezas do Céu, desejaria saber porque separo sempre, não uno jamais?

— Infeliz Ódio — exclamou o Grande Lama — é esse ainda um dos mistérios insondáveis da Criação. Só mesmo o Criador poderá dizer-te o motivo de tanta infelicidade.

E o Ódio, cabisbaixo, galgou os céus, e perguntou ao Eterno Construtor da Vida:

— Senhor, explicai-me porque sou incapaz de unir? Com vossa Permissão Sublime, aninhei-me no coração dos lavradores que eram quase perfeitos e eles travaram terrível luta corporal, arriscando-se a mulher a transpor os umbrais da morte.

E uma voz ecoou no firmamento como trombeta no Vale de Jericó:

— Vai, Filho da Invigilância, e pergunta ao Homem mesmo por que é que tu existes. Não desejaste ardentemente ser filho do Homem? Na realidade tu o és. Só gerei o Amor. Não nasceste de minha Vontade ou de meu Poder. És como a Sombra na ausência da Luz.

E o Ódio desceu aos abismos da Terra e todo o dia perguntava aos homens por que é que separa ao invés de unir... Mas ninguém soube responder.

X

As lutas continuaram até
o esfacelamento completo
da sociedade com a
dispersão dos seus membros...

Entendimento espiritual

Nas humildes tertúlias do Grupo em que freqüentava o nosso irmão Pereira Mendes, havia sempre discussões, nem sempre louváveis e à altura dos preceitos Evangélicos. Havia irmãos invigilantes que se excediam nas expressões e não raras vezes conjugavam atabalhoadamente os verbos brigar e rixar.

Usavam palavras descorteses e embrenhavam-se por caminhos tortuosos da ordem moral. Aquilo trazia o ambiente perturbado e arrastava constantemente através das faixas magnéticas de proteção irmãozinhos sofredores, às vezes cegos de loucura e de incompreensão, que aumentavam sistematicamente a balbúrdia.

Enquanto alguns discutiam e assacavam-se desaforos mútuos, a maioria enfadada pensava noutras coisas. O nosso irmão Pereira Mendes, rapaz bem intencionado e desejoso de servir ao Cristo em Espírito e Verdade, não concordava com aqueles processos estranhos de ensinar-se o Evangelho de Jesus, mas não se retirava porque julgava-se ainda novato na doutrina e incapaz de saber quem estaria com a razão.

Ele havia aprendido até ali, os princípios básicos do Evangelho: o "amai-vos uns aos outros" e o "perdoai aos vossos inimigos", de modo que diante da avalanche de nomes respeitáveis que tangiam os seus ouvidos, calava-se apalermado.

Ora falavam de Richet, mais adiante citavam Oliver Lodge, repetiam constantemente Léon Denis, e era comum apresentarem William Crookes como o supremo juiz em suas contendas diárias.

O Grupo caminhava pois para a dissolução completa. Sem harmonia não pode crescer e progredir o bem. Sem a paz não pode haver trabalho produtivo. Sem compreensão não devemos esperar as claridades divinas. Daí a impossibilidade de um comércio fácil com as entidades superiores que primitivamente dirigiam o Grupo, e agora, por impossibilidade de orientarem intuindo, aguardavam a presença de elementos mais aptos para o trabalho do Mestre. Pereira Mendes estudava constantemente o Evangelho, nas horas de folga, após o serviço e nas caladas da noite. Durante o trabalho, buscava aplicá-lo às suas atitudes, tornando-se fraternal com seus companheiros de trabalho e de lutas cotidianas. Jamais os seus lábios pronunciaram uma palavra de acusação e de desrespeito. Nunca se irritava e se alguém sofria, procurava ampará-lo com recursos ao seu alcance.

Em vista de tanta boa vontade e perseverança demonstradas por espaço de dois anos, as entidades amigas o encaminharam para o trabalho de pregação no pequeno grupo.

Feita a primeira pregação evangélica, serena, suave, amiga, notou Pereira Mendes que algumas mulheres velhas choravam de comoção. Porém a maioria não gostou e saiu dizendo que o moço era simples e falava com certa facilidade mas a argumentação não convencia.

Foi portanto esquecido.

Com o correr do tempo, havendo falta de oradores, num dia em que chovia torrencialmente, o presidente do Grupo, muito contrafeito, o convocou para a semeadura.

Pereira Mendes esforçou-se por agradar; falou da beleza do perdão, e, intuido fortemente por um Irmão Espiritual de Superior Hierarquia, discorreu eloqüentemente sobre os perigos das discussões estéreis e das lutas religiosas; falou-lhes com proveito do Perdão e lembrou o Silêncio do Mestre diante dos próprios acusadores profanos da Sua Obra Sublime.

Naquela noite, os poucos assistentes ficaram enfurecidos contra o pobre rapaz. Julgaram que ele os estava apontando à opinião de todos, o que era uma grande falta. Alguns o acoimaram de intolerante e viram na sua palavra amiga dardos profundos e cruéis. O próprio presidente do Grupo mostrou-se inquieto e após os trabalhos, à parte, chamou a sua atenção:

— Senhor Pereira Mendes, aviso-o de uma vez por todas, não o convidarei mais para as pregações, se o senhor se obstinar em acusar seus semelhantes!

O moço simples, muito desapontado explicou:

— Compreendo que falei com demasiado calor a respeito do amor ao próximo e do perdão, mas não tive intenção absolutamente de indigitar quem quer que seja. Todavia, estou pronto a pedir perdão de público, a todos.

Desde esse dia, Pereira Mendes foi esquecido e os Guias ficaram sem um porta-voz para as suas orientações coletivas.

As lutas continuaram até o esfacelamento completo da sociedade com a dispersão dos seus membros, que procuraram outra casa onde pudessem expor as suas idéias destruidoras.

Correu o tempo e o rapaz simples e humilde, esforçado seguidor de Jesus, alcançou a amizade constante dos Mensageiros do Senhor de modo a se tornar uma voz potente na emancipação espiritual do Homem que está em curso.

Chamado a deveres cada vez mais árduos, desempenha-os com proficiência e agrado de Jesus. Dedica-se, esforça-se, atrai as simpatias dos próprios encarnados que passam a amá-lo.

Um dia destes porém, seguia eu em viagem de repórter despreocupado, quando dei de cara num ônibus que ia lotado, com o ex-presidente do Grupo. Fiquei expremido no meio da multidão, mas a minha situação de espírito me facilita, de modo que pude ouvir a conversa que ele travava com outro passageiro.

Dizia o outro:

— Sabe que o Pereira Mendes falou ontem na Liga Espírita do Brasil e arrebatou a todos?

E o ex-presidente do Grupo, detentor em tempos de uma responsabilidade que o levaria aos pés de Jesus, murmurou contrafeito:

— Pereira Mendes arrebatou? Não creio! Aquilo é um obsediado...!

E dando-se ares de importância:

— Eu o conheço bem. Iniciou-se comigo. Só entende alguma coisa do Evangelho... O resto é inglês para ele!

E batendo de leve no ombro do amigo boquiaberto:

— Pode crer, aquilo não dá nada em matéria de Espiritismo... É mais fácil um burro voar!

Eu também não quis ouvir mais nada; desci do ônibus e fui tratar da minha vida.

XI

...um museu de cera, onde apareciam dezenas de bonecos, centenas de pernas inertes e milhares de flores...

Nos fenômenos de materialização

Anselmo Duarte era fervoroso espírita, competente entendedor de William Crookes e de Richet, amante jovial do Coronel de Rochas e conhecedor profundo dos mistérios da Antiguidade Egípcia. Jesus permitira-lhe a ventura de assistir fenômenos de materialização num centro conceituado do Rio de Janeiro. Com ele, conversara seu pai, morto há dezoito anos, uma sobrinha que desencarnara não havia muito, fora os guias e amigos da novel instituição, que lhe deram sublimes abraços de fluidos materializados. Deixaram nas suas mãos trêmulas, flores de parafina e nas suas narinas perfumes de flores raras. Vira letreiros luminescentes e ouvira cornetas tocar em pleno espaço. Os espíritos tocaram para ele, num disco invisível, uma velha toada que a bondosa genitora lhe cantara na infância. Anselmo Duarte ficara empolgado com a Misericórdia de Deus e tornara-se um pregador exaltado da Doutrina do Mestre. Ensinava e explicava com perfeição o mecanismo dos fenômenos empolgantes.

Todavia, no lar era um homem distraído; esquecia-se de ter uma palavra amiga para com a esposa, raras vezes se lembrava dos filhinhos carinhosos que o fitavam com amor, quando ele saía para a rua sem lhes deixar um beijo de despedida.

Nas reuniões, quando alguém expunha um ponto de vista diverso do seu, ele, cheio de orgulho, arrasava o infeliz!

— Meu amigo, você não pode discordar de mim... Eu assisti materializações e lhe digo que o resto é conversa! Os espíritos conversaram comigo, me abraçaram, me beijaram...

O interlocutor, diante daquilo, calava-se e ele sorria vitoriosamente.

Quando assistia discussão entre dois irmãos em Jesus, aguardava a oportunidade de vencer a ambos com os seus argumentos irrefutáveis, ao invés de apaziguar em nome do Mestre de Serenidade e Concórdia. Nunca se lembrou de usar os seus conhecimentos para fazer a caridade, para praticar o bem e sobretudo para domar as suas paixões interiores. Entregava-se comumente à cólera mais ferina; deixava-se levar pelo amor-próprio ofendido, permitia que as sombras enchessem a sua alma. Assim, quando desencarnou, foi conduzido com os olhos vedados para um museu de cera, onde apareciam dezenas de bonecos, centenas de pernas inertes e milhares de flores materializadas. Os armários estavam cheios, o assoalho repleto, as estantes derramavam perfumes entontecedores. Deixou-o o servo do Senhor, depois de retirar-lhe a venda e afastou-se.

A princípio, ficou agradavelmente surpreendido. Examinou as pernas de cera espirituais, admirou a perfeição das linhas. Verificou as flores como um analista exímio; reparou as cabeças perfeitas e exultou-se. No entanto, passava o tempo e não ouvia sequer um rumor longínquo. Estranhando o fato, buscou as portas e viu que não havia portas, embora houvesse claridade dentro do recinto. Nem encontrou janelas que lhe permitissem contemplar os prados e as campinas, nem outras aberturas quaisquer que possibilitassem a visão panorâmica das avenidas largas cheias de sol. Apesar de tudo, sentiu-se orgulhoso, e exaltou a Misericórdia e Sabedoria do Pai que lhe concedia, só a ele, a suprema ventura de estar entre peças materializadas do "outro mundo", provavelmente modeladas pelos mais perfeitos artistas celestes.

O silêncio é todavia companheiro indesejável, malgrado as belas coisas que se constroem no silêncio e na solidão.

Pouco a pouco, Anselmo Duarte sentiu-se só. O Anjo do Senhor não apareceu mais, durante quinze anos. Ao retornar, passando através da parede fluídica que isolava Anselmo, encontrou-o prostrado e infeliz, chorando desesperado:

— Senhor, arranca-me deste lugar que não agüento mais! Não posso mais suportar a visão destas pernas e destes braços imóveis! Este perfume me mata! Esses olhos fixos de cera me

devoram! Agora compreendo o meu erro doloroso! Agora percebo a lição que estás me dando Senhor!

O Anjo, condoído, aproximou-se e banhou-lhe a fronte com o suave afago da amizade e do amor, da fraternidade e do bem, do carinho e da doçura.

A suavidade dos dedos angélicos pouco a pouco balsamizaram o coração do infeliz que descansou.

Tomando-lhe a destra, o Amigo do Alto falou-lhe ternamente:

— Graças ao Pai, Anselmo, compreendes hoje o erro que cometeste. Na tua infelicidade e no teu orgulho, esqueceste na Terra que não nos devemos deixar empolgar jamais pelos caminhos que conduzem ao Senhor e pelas suas paisagens por mais belas que sejam. O objetivo dos espíritos que se materializam é ensinar a amar e perdoar, a querer bem e a seguir humildemente os exemplos do Cristo. Museus, meu filho, na Terra mesmo há muitos e com apetrechos mais interessantes do que aqueles que lhes podemos oferecer. Tu, Anselmo, fixaste a tua mente apenas num museu, interessante e útil não resta dúvida. Todavia, após ter presenciado os prodígios do céu, deverias ter fixado a tua mente nas excelsitudes do amor e da caridade, da compreensão e do Supremo Bem. Como tu, infeliz será todo aquele que recebendo tanto, se deixa ficar entre as paredes do museu de cera, cheias de silêncio e de morte!

XII

O padre alegava a divindade do Cristo e o menino negava a divindade do Cristo.

Viagem de regresso

Depois de vários anos terrestres de aprendizagem nas Esferas Mais Altas com Eminentes Emissários de organizações celestes, o Artur estava em condições de retornar à matéria densa.

Estudadas as condições de retorno, as suas potentes possibilidades futuras no campo mediúnico, foi ele encaminhado para o seio de humilde família em recanto remoto, onde, entre as agruras mais dolorosas da caminhada terrena, teria oportunidade de preparar-se convenientemente, no próprio meio em que viveria, para a grande missão de esclarecimento e amparo coletivos. O espírito missionário exultava de alegria ao pensar que na Terra teria a santa oportunidade de servir à Causa Humana e Divina. O sol irradiava-se maravilhosamente, iluminando as serranias, banhando o vale, clareando as nuvens que se amontoavam como flocos de algodão, nas regiões superiores. Uma caravana de amigos acompanhou o espírito que os deixava para reencarnar nas zonas mais densas. Próximo da Terra, despediram-se dele que daí em diante desceu conduzido pelos orientadores diretos do serviço.

Dona Ambrozina, espírito devotado ao bem, foi a escolhida para mãe do futuro médium psicógrafo. Afinidades eletivas do passado longínquo ligavam um à outra como dois raios de sol que se entrelaçassem nas águas da lagoa. Sentiam-se presos

por afeição profunda, pelo desejo da caridade constante, pelo amor que edifica e conduz com mão firme e segura.

Dona Ambrozina, sentiu-se pois exultante quando tomou conhecimento de que nas suas entranhas se gerava um novo ser. Nas horas de sono, os trabalhadores abnegados do Pai entravam em entendimento mais aproximado com ela e lhe explicavam as razões fundamentais daquela encarnação na qual depositavam sublimes esperanças.

Passou-se o tempo...

Com a idade de quinze anos, o pequeno Artur já profetizava, conhecia de cor o Evangelho e arrebatava os pobres lavradores que por ali passavam e a propósito de pedir um copo d'água, vinham palestrar com a criança. O padre da região, antigo ministro do Senhor, soube da condição religiosa do menino e procurou atraí-lo para o seu redil. Não obstante a bondade do vigário, a missão do pequeno era mais alta e por isso não puderam entrar num entendimento. Às vezes discutiam horas a fio a respeito da Virgem Maria e da concepção sobrenatural do Cristo. Questões desde os primórdios do Catolicismo apontadas como subvertedoras da ordem.

O padre alegava a divindade do Cristo e o menino negava a divindade do Cristo. O vigário asseverava a virgindade de Maria, mas a compreensão da criança não aceitava Maria Virgem.

Assim cresceu, visto por todos como um futuro defensor dos postulados cristãos e defensor ferrenho do Cristo-Homem e do Cristo-deus. Pela manhãzinha, era comum encontrá-lo alguém cultivando as tenras flores com desvelado amor e ao entardecer ainda se dedicava ao sagrado ministério de auxiliar a mãe nos trabalhos caseiros, na distribuição de milho às galinhas, na limpeza do quintal...

Na ocasião propícia porém, o Senhor da Sementeira mandou que no caminho de Artur fossem semeadas as sementes das provações que aperfeiçoam e edificam. Assim como o sol vem após a sombra, e o dia após a noite densa, também as claridades divinas descem após as procelas tenebrosas. Não esperemos no mundo o bem sem o cortejo do mal, nem os raios do luar sem o cortejo das sombras. Engana-se o cidadão terrestre ao supor que a felicidade lhe nascerá na alma gratuitamente, sem dor e sem esforço próprio. O campo para produzir sofre os sulcos profundos e impiedosos do arado que prepara a terra; as espigas para atingirem a colheita necessitam da canícula que amadurece e da chuva que rejuvenesce. A estrada

do Bem está sempre repleta de espinhos e o próprio Cristo nos exemplificou em todas as horas de sua vida, a dor e o sofrimento, como baluarte das vitórias divinas.

Vieram pois as provações preparatórias: à volta do rapaz surgiram as primeiras incompreensões familiares, brilharam os olhos das primeiras lutas profissionais; como uma bênção dos céus, enviou-lhe o Senhor a necessidade primária do ganha-pão. Morreu-lhe a mãe e viu-se ele sozinho no mundo, renegado e desamparado.

Encaminhado para um grupo espiritista, não aceitou todavia, de início, as orientações dos maiores. Demonstrou demasiada relutância, buscou comprovar os fatos, examinou, discutiu, antes de entregar-se definitivamente ao trabalho sacrossanto. Luminosas entidades, contudo, atendendo à sua missão longamente preparada, colaboraram gostosamente em sua iniciação espiritual. Ao lado das lutas e provações recebera do Pai os dons de Deus, que, então, se multiplicaram velozmente.

Tornou-se em pouco tempo notável médium psicógrafo, de faculdades mediúnicas superiores e perfeitas. Por seu intermédio, numerosas almas receberam a luz e o esclarecimento.

Foi quando o Maligno resolveu perturbar a Obra do Senhor e, como nas tentações do Cristo, falou aos seus ouvidos manhosamente:

— Artur, você é um médium notável! Com as suas faculdades superiores poderá ganhar muito dinheiro e fugir às duras lutas da Terra. O que tem isso? Não está você espargindo a luz às mancheias? Os livros são vendidos e o lucro fica nas editoras. Tem você certeza de que esse dinheiro é empregado na caridade e no bem do próximo? Dizem que se transformam em remédios para os infelizes e esfarrapados, para os desenganados e os tristes, para todos aqueles que não têm lar nem teto... Mas você acredita nisso? E depois, não acha que vai uma grande dose de você mesmo nisso tudo?! Não supõe que é quase você completo que está se materializando em obras-primas...? Ora, lembre-se Artur, lembre-se bem do que disse Richet, e Richet era um sábio!

O moço sentiu-se abalado. Os argumentos eram sutis e atingiam a sua película perispiritual. Sentia-se cansado de tanto trabalho. Eram receitas e mais receitas. Deveria dar ouvido àquela voz íntima que o assolava dia e noite, ou deveria prosseguir curvado e triste até ao fim da jornada?

Os Amigos do Senhor alternavam as orientações e lhe falavam seguidamente do bem e da caridade. Todavia, o médium,

invigilante, vacilava entre o dever a cumprir e a cupidez do mundo.

Não satisfeito com as insinuações maléficas, o Espírito do Mal atirou os amigos contra o servidor do Mestre. A calúnia lavrou entre os que deveriam protegê-lo e o ódio cresceu. Artur, no entanto, readquiria novamente o equilíbrio.

Vencida a fase das duras provas, teve ele um grande espaço de calma e tranqüilidade e produziu os mais belos frutos da Espiritualidade.

Readquiriu reputação e os amigos dispersos aconchegaram-lhe novamente ao seu coração.

Mas ele já estava velho e cansado. Nada mais poderia produzir. Quando desencarnou, cercou-o uma auréola de glória e de beleza. Os anjos vieram buscá-lo entre abraços e beijos para a Sublime União Divina.

Comunicaram-me o fato na Espiritualidade e eu me preparei para entrevistar o ilustre visitante que chegava coberto de glórias edificantes. Numerosos jornalistas celestes já lhe haviam tomado as impressões de viagem de modo que pude conversar quase a sós com o bondoso amigo.

— Meu caro Artur, disse-lhe-eu, vai me perdoar mas você sabe que apesar de "morto" continuo a colaborar como jornalista diuturno nas expressões literárias da Terra e teria imensa satisfação de transmitir a todos os meus bondosos leitores as suas primeiras impressões de Regresso.

Eu esperava que o notável ex-médium fosse me ditar uma página inteira... Infelizmente assim não foi. Respondeu-me apenas:

— Mande para os seus leitores o seguinte:

"Fiz boa viagem. Ótimo regresso. Estou imensamente feliz. Artur."

Mero repórter, tomei nota e transmiti a mensagem integral.

Qual não foi porém a minha surpresa quando li artigos, na comunidade cristã da Terra, que diziam claramente:

"Não acreditamos que o grande médium Artur, depois de ter sofrido na Terra apodos, calúnias, acusações; depois de ter publicado dezenas de livros; depois de ter reorganizado a doutrina no setor evangélico, envie apenas essa mensagem. Naturalmente, se fosse ele, diria mais, esclareceria; decididamnte, não acreditamos..."

Muito desapontado, procurei o Artur numa colônia espiritual em que habita e lhe expus o caso.

Ele então me respondeu:

— Meu irmão, o que quer que eu diga aos homens? Eles sempre falaram de mim e discutiram a minha vida; como é que eu que sempre fui acusado de mistificador quando recebia mensagens, posso ser verdadeiro agora? Agora que sou um simples espírito?!

Em vista de resposta tão categórica, achei melhor encerrar o assunto.

XIII

. . .estarei velando dia e noite
pelos que ainda duvidam, pelos
transviados, pelos criminosos,
pelos ladrões, pelos que se perdem. . .

O discípulo desconfiado

Entre os que seguiam Jesus no seu apostolado divino, distinguiu-se Tomé por sua extrema desconfiança. Aceitou o Mestre desde o primeiro instante — como o Embaixador Celeste por excelência. Admirava-lhe as exposições evangélicas profundas mas estava sempre em guarda, quando os companheiros lhe contavam os prodígios operados pelo Sublime Nazareno. Desse modo, reduziu a cinqüenta por cento tudo o que o Cristo fez. Só relacionou como certo e verdadeiro o que ele mesmo — Tomé — pôde ver e tocar. O testemunho de terceiros nunca entrou nos seus cálculos. Era porém sincero. Verificado o fenômeno, pregava-o aos quatro ventos e exaltava o seu Divino Autor.

Pedro, entusiasta do primeiro instante de tudo o que o Senhor fez, não nutria a princípio muita simpatia pelo discípulo desconfiado e, não raro, travava com Tomé intermináveis polêmicas a propósito da veracidade deste ou daquele fato.

Após a cena em que o Cristo aparece e mostra as chagas a Tomé e este ainda, mesmo diante do Senhor, vendo-o e sentindo-o no esplendor da ressurreição, pede, mesmo assim, para tocá-lo, Pedro mostrou-se mais amigo do Discípulo Desconfiado.

— Você, dizia Pedro certa feita a Tomé, agora não poderá mais duvidar dos prodígios operados pelo Mestre. Ele lhe deu

a Suprema Prova e o convenceu irremediavelmente. Não é verdade?

Tomé calou-se e continuou meditando silenciosamente.

— O que você deseja mais, Tomé? O Senhor andou sobre águas, multiplicou os pães e os peixes, curou enfermos e deu vista a cegos, apareceu-lhe e mostrou-lhe as próprias feridas sangrentas do Suplício...

Realmente, pensava Tomé, a lição fôra demasiado dura, real, irremediável, como dissera Pedro. Mas havia qualquer coisa que Ele ainda não pudera esclarecer...

Passou-se o tempo e o Cristo se foi de uma vez da Crosta Terrestre para Esferas Mais Altas, deixando a sua Seara entregue aos discípulos amados. Nesse tempo o Cristianismo já ia longe a dezenas de pessoas se convertiam todos os dias ao novo credo. A Figura Celestial do Carpinteiro era símbolo de renúncia e de sacrifício e todos sentiam-se felizes de poder afirmar que eram seus seguidores.

Uma tarde, quando o sol já se afundava no crepúsculo e a noite enchia a Terra sonolenta, Tomé acercou-se de Pedro que cuidava atarefado dos interesses da novel comunidade.

— Pedro, disse ele humildemente, preciso falar-lhe.

O bondono Simão olhou-o admirado e respondeu:

— Estou pronto, Tomé.

— Aqui não, Pedro, preciso falar-lhe a sós.

O discípulo amado seguia-o então, até que atingiram a região das oliveiras, lugar onde muitas vezes, após a ressurreição, aparecera o Senhor a seus discípulos.

Intrigado com a fisionomia séria e com a expressão preocupada de Tomé, Pedro enlaçou-o carinhosamente:

— Meu querido, não se preocupe, conte-me o que o perturba.

O outro porém não respondeu.

Chegados ao sítio desejado, Tomé se dirigiu a Simão com os olhos marejados de lágrimas.

— Você sabe, Pedro, exclamou ele, que depois de Judas eu sou o mais infiel dos discípulos. Infiel pelo pensamento. Jamais aceitei como verdadeiros, no campo dos prodígios, os fenômenos realizados pelo Mestre, aos quais eu não houvesse assistido.

— É verdade, murmurou o outro.

— Pois veja agora Pedro.

E dizendo isso, Tomé apontava para um lugar pouco iluminado situado em pequeno monte.

Simão não viu nada.

— Não está vendo, Pedro?

— Não, não estou vendo nada.

— Pois é isso. Desde que o Senhor se foi eu o vejo todos os dias naquele mesmo lugar em que está agora a me sorrir. Mas somente eu é que vejo; ninguém mais o vê. Já mostrei a três companheiros nossos e todos negaram a realidade do fenômeno. Para todos Jesus se foi, mas para mim continua permanentemente me sorrindo e me fitando.

Pedro não disse coisa alguma. Elevou o pensamento ao Cristo e orou fervorosamente. Daí a instantes estava o Amigo Incomparável diante de seus olhos maravilhados.

— Senhor, exclamou Pedro, explicai-nos porque Tomé vos vê todos os dias sobre aquele montículo? Será uma alucinação de seus olhos ou uma perturbação dolorosa de sua mente?!

O Mestre então, pôs a mão suave na cabeça de Tomé e explicou:

— Amados, eu vos falo agora para todos os milênios: nem sempre eu estarei com aqueles que me aceitaram integralmente, sem duvidar. Porque esses já me assimilaram e já vivem em mim. Poderão estar sozinhos e caminhar com os próprios pés. Mas estarei velando dia e noite pelos que ainda duvidam, pelos transviados, pelos criminosos, pelos ladrões, pelos que se perdem no vale das sombras...

Com esses eu estarei constantemente até o último dia. Porque esses estão fora do aprisco mas também são do meu aprisco. Mais do que com os santos, eu estarei com os perversos para despertá-los para o bem e induzí-los a caminhar para o Pai. Tomé me vê todos os dias porque eu velo pela ovelha que ainda tem, depois de tudo, a incerteza no seu coração. E mais uma vez, Pedro, eu vos repito: amparai os fracos e os criminosos, velai pelos que vos perseguem, porque esses é que precisam de uma escora para não cairem no abismo...

Quando os discípulos ergueram os olhos não viram mais nada.

Desde esse dia, também, Tomé não viu mais Jesus na Terra.

XIV

. . .ao invés de conduzir os doentes
para o posto de esclarecimento,
os conduzia para regiões
mais profundas. . .

Amor Espiritual

Nas imediações da Crosta Terrestre, elevado missionário celeste pediu permissão aos Poderes Mais Altos para organizar uma colônia de tratamento psíquico em que os espíritos perturbados, logo após o desencarne, entrassem em tratamento intensivo. Evitar-se-ia, com isso, a remessa intempestiva para colônias superiores de indivíduos que não estavam em condições de galgar ainda posições tão elevadas.

Estudada a petição do respeitável orientador foi ela aceita, com certas restrições referentes ao serviço.

O nobre servo de posse da permissão desejada, tão logo dispôs de companheiros adequados, lançou os fundamentos da organização e elevou suas paredes, preparou florescentes jardins, dispôs tanques especiais e disseminou flores de agradável perfume. A guerra humana, desencadeada nos últimos dias, trouxera terríveis perturbações na zona intermediária de vibração terrestre, requisitando extraordinariamente verdadeiros exércitos do Alto para auxílio coletivo. Espíritos em grande perturbação continuaram ainda a transmitir sem rumo, desperdiçadamente, vibrações medonhas de agressividade.

Confiado no Poder do Misericordioso e na Bondade Celeste do Compassivo, o bem intencionado missionário atirou-se à luta sem descanso. A princípio transportava para a esfera da colônia doentes em primeiro ou em segundo grau de perturba-

ção apenas, os quais eram convenientemente tratados, de modo a que pudessem seguir para Cima em melhores condições. O serviço mostrava-se pois sob os melhores auspícios e as Potências Celestiais de Orientação e Esclarecimento, admiravam-se da enfibratura moral e capacidade de organização do missionário, que estava enfrentando todos os óbices, espalhando indistintamente o amor espiritual.

Era evidente que a região onde se processava o tratamento benéfico apresentava estado precário de defesa e somente demasiado destemor poderia levar avante tamanha empresa. Já durava cerca de um ano o labor apostólico do nobre ancião celestial, quando aportou ao posto socorrista uma entidade de expressão angélica que se propunha a trabalhar ao lado do missionário.

Ocupado como estava, com os seus enfermos, não prestou o Amigo dos Infelizes maior atenção ao nosso irmão, que se introduziu silenciosamente no quadro de servidores e iniciou o serviço.

Tudo ia muito bem e prosseguia sem maiores preocupações. Todavia, começou, desse dia em diante, a haver um decréscimo no comparecimento de doentes para tratamento. Com o tempo, o serviço foi ficando folgado e houve ocasião em que em todo um dia e uma noite terrestres, apenas um doente recebeu auxílio.

Admirado com o fato, o missionário agradeceu ao Pai já ter conseguido tanto em tão pouco tempo, visto que a falta de doentes significava que o número de espíritos perturbados havia decrescido.

O Anjo Novato, porém, não cessava de trabalhar e, segundo as informações obtidas, descia nos mais profundos abismos para procurar necessitados de amor espiritual para o devido reajustamento.

O silêncio reinou em torno do pequeno posto que daí em diante gozou de sublime paz e calma. Os seus servidores, satisfeitos, passavam agora os dias em palestras suaves e em alegres repousos. Todos eram unânimes em afirmar ao Orientador que a Terra se tornara num paraíso e que não havia mais doentes nas zonas de perturbação.

Satisfeito com o trabalho realizado, enviou o Bondoso Administrador da colônia uma mensagem à Esfera Superior, expondo a situação de Sublime Paz Reinante.

Estudada a mensagem com a devida atenção, os Espíritos Superiores, desconfiados com a calmaria reinante no meio de

um verdadeiro inferno conturbado, mandaram que uma entidade de olhar percuciente e preparada há longos séculos no trabalho de observação espiritual, fizesse a inspeção rigorosa e trouxesse o relatório.

Chegando ao posto, o Divino Emissário, durante dois dias e duas noites, observou o movimento da colônia. Na terceira noite, acompanhou sorrateiramente o Anjo Novato, sem que este percebesse, às regiões mais baixas.

Foi quando, muito admirado, ele viu que o servidor infiel ao invés de conduzir os doentes para o posto de esclarecimento, os conduzia para regiões mais profundas ainda e soprava nos ouvidos dos infelizes palavras de ódio e de luta.

Voltando o Emissário ao posto, relatou o fato ao administrador boquiaberto, para este tomar as medidas que o caso exigia, e retornou à Esfera de Cima, com o seu relatório completo.

Este caso quem me contou foi o próprio orientador do posto, abnegado trabalhador do Pai e do Mestre.

— Mas como? Perguntei-lhe, vocês também estão sujeitos a serem mistificados do mesmo modo que os próprios médiuns e doutrinadores terrenos?

— Ora, meu amigo, explicou ele humildemente, o mal tem mil modos de se insinuar e só o nosso aprimoramento espiritual superior pode nos proteger, assim mesmo depende muito do ambiente... Como vê, o nosso abalho aqui é em plena vibração densa e tudo pode acontecer. Nem sempre conseguimos manter completa vigilância. Espíritos mistificadores os há em toda a parte e aqueles que não enganam aos outros enganam a si mesmos. Quantos há que durante séculos dão a impressão de que estão servindo a Jesus, como este, mas no fundo o que fazem é satisfazer miseravelmente suas tendências inferiores. E nós estamos "um pouco" acima da terra, murmurou ele risonho.

Não pude conter uma insopitável gargalhada.

XV

...qual não foi a sua surpresa, ao verificar que o anjo que o recebia era resplandecente, bondoso, amigo...

Última esperança

No lar de Januário Leite raramente se encontraria a calma e a boa vontade entrelaçadas no doce himeneu dos sonhos terrestres. Dona Balbina era incapaz de conter as suas expressões de revolta contra as menores coisas. Por um pouco de nada, mostrava os olhos congestos, as mãos crispadas, as faces vermelhas, e, toda trêmula, se punha a invectivar o primeiro infeliz que encontrava. O marido, um pobre coitado, sofredor, infeliz e triste, levava a vida naquela peregrinação ininterrupta, preso ao Cérbero inexorável. Mulher decidida e implacável.

— Januário — Exclamava ela revoltada — você não faz nada, é um vagabundo! Todos estão subindo, todos estão progredindo, somente você permanece a vida inteira como mero funcionário público sem eira nem beira.

O marido calava-se porque afinal de contas era a verdade. O que dizer? Dona Balbina porém não tinha contemplação. Se chegava alguma visita, o assunto predileto era desmoralizar o marido, acusar seus erros, expor as suas pústulas, apresentar as suas manchas tenebrosas. Sentia prazer em pintá-lo como um fantoche. O pobrezinho, todavia, usava a todos os momentos a paciência compreensiva, a tolerância justa, o perdão na medida de setenta vezes sete vezes, como ensinara o Mestre dos Mestres. Jamais ergueu a voz para acusar quem quer que

seja; recriminava-se a si próprio por não ser mais diligente; apontava-se a si mesmo como fracassado causador de tamanha infelicidade familiar. E muitas vezes, meditativamente, lembrava-se que se dona Balbina não o houvesse aceitado para esposo e tivesse se casado com o Junqueira, médico rico, bom partido teria encontrado a felicidade. Chorava de pena só em pensar nisso.

Fôra o causador involuntário da infelicidade de dona Balbina. O Junqueira chegara a pedir casamento, mas era voz corrente que o Januário era o mais rico, o mais moço, o mais belo, e por fim ela o escolheu. Após o casamento, verificou-se que nada disso era verdadeiro. Que Januário era um simples funcionário público, vivendo do magro ordenado. Apenas o que o fizeram tão imponente foram a casaca e a cartola, que em tempos se usaram nos nossos ministérios.

Longos anos viveu o Januário nessa luta, até que o Anjo da Morte veio buscá-lo para o acerto parcial de contas. Do lado oposto da carne, supunha o Januário que iria diretamente para o inferno pagar todo o mal que fizera à Balbina. Porém qual não foi a sua surpresa, ao verificar que o Anjo que o recebia era resplandecente, bondoso, ao invés do Diabo que ele esperava, de cara afogueada e de garfo incandescente.

Boquiaberto, perguntou o Januário:

— Senhor, para onde me levais?

O Guia, bondoso e amigo, sorriu-lhe e respondeu:

— Para uma cidade celeste, Januário, onde poderá encontrar a paz e a tranqüilidade!

— Mas... eu não fui católico, nem protestante, nem espírita, Senhor, só fiz o mal durante a minha estadia na Terra; e, por justiça, mereço o inferno! Vós vos enganastes e com certeza procurais a outro... Eu sou o Januário Leite, marido da Balbina!

— Sei disso Januário, replicou o Enviado, sei que você é o marido da Balbina. As nossas fichas são muito bem feitas e eu não me enganaria.

— Mas e onde está o inferno que me espera, Senhor?!

O Anjo tornou a sorrir e murmurou, carinhosamente:

— O inferno ficou com a Balbina; agora ela viverá nas próprias chamas que ateou.

E assim o infeliz Januário, muito contra a vontade, desconfiado, penetrou na Cidade Resplandecente, onde viveria em paz.

Inteirado dos motivos que o levaram para lá: tolerância, paciência, boa vontade, compreensão, amor, perdão, muito

embora não fosse ele católico, nem protestante, nem espírita... pediu permissão, passado algum tempo, para ajudar a Balbina.

Numa noite em que a calma era maior, desceu ele acompanhado de Suave Companheiro Espiritual, até à casa em que morava, em Vila Izabel. Qual não foi sua surpresa ao ouvir a mesma cantilena de sempre:

— Você é um marido imprestável; todos sobem, somente você está no mesmo lugar, não progride, não prospera! ...

Pensou o Januário:

— Coitada da Balbina! Ainda delira e pensa em mim; com certeza está sonhando... Tenho, todavia, a esperança de que antes do seu desencarne, conseguirei modificá-la e conduzí-la para os caminhos da libertação humana.

Penetrando porém na alcova, aguardava-o enorme surpresa; a Balbina falava com um homem e discutia:

— Você é mesmo um imprestável! Não adianta explicar-se porque não admito! Nem no tempo do Januário Leite, eu admitia réplica... quanto mais agora!

Profundamente consternado, interrogou Januário o Guia com os olhos. Este respondeu imediatamente:

— Não se admire Januário; há dez anos que dona Balbina consorciou-se com o Junqueira... Aquele mesmo que por volta do seu desencarne também enviuvou.

Ora, se o Januário sabia quem era o Junqueira! Era o mesmo ex-candidato à mão da Balbina, na época da casaca e da cartola...

— Como vê, continuou o Mensageiro, o mal não estava em você Januário, mas nela. Mudou de marido mas não mudou de idéias. Não acha que ela mesma é que é dona do Inferno?

Muito triste, apesar de tudo, ainda suplicou o Januário:

— Não podemos fazer nada por ela?

— Por enquanto não — Afirmou o Orientador do Céu —, é possível que esta não seja a última esperança... Quem sabe se quando ela chegar no terceiro marido mudará de idéias?

Januário fitou-o assombrado e o Guia pôs-se a rir francamente.

— Não se preocupe, Januário, daqui a seis anos voltaremos para buscar o Junqueira...

Enquanto isso, esperemos!

XVI

...se a luz não entra em nossa casa,
muitas vezes é porque
estamos com as janelas
e as portas fechadas...

A travessia dos Alpes

Conta-se que quando o grande general cartaginês, Aníbal, atravessou os Alpes, numa demonstração extraordinária de força de vontade e confiança nos seus subordinados, os romanos, prevendo a catástrofe que se aproximava, clamaram aos céus desesperados.

Todavia, no meio da confusão reinante, apenas um homem manteve a calma e a serenidade necessárias em hora tão grave. Era Cipião, que se chamaria depois, o Africano. Os cartagineses estavam próximos da Cidade Eterna e Centro Administrativo do Mundo Antigo, prestes a cair nas mãos do genial descendente de Dido. Traziam no sangue as disposições dos fenícios, seus ancestrais, e no coração, o sol ardente da África Misteriosa. A população romena, estarrecida, aguardou a invasão audaciosa, certa de que seria a derrota final, terrível, inevitável.

Cipião porém reuniu as legiões romanas e marchou por outro caminho para a infeliz Cartago. Pouco tempo depois, conhecedor de que Roma invadia a sua pátria, o Vingador retirou todas as tropas e foi lutar em defesa do solo amado. Perdeu a batalha de Zama e caiu nas mãos do general romano, inteligente e capaz, como um prisioneiro vulgar.

Conta mais a História ainda que Aníbal, desanimado para sempre de vencer Roma, que estivera em suas mãos, suicidou-se miseravelmente, do mesmo modo que Demóstenes, o grego

É interessante meu amigo, a moral sublime que se pode tirar dessa passagem heróica. Reclama você que o mundo é insípido, que nada lhe agrada, que a incompreensão o rodeia, que as doutrinas filosóficas humanas não o satisfazem e que preferível seria morrer e entrar definitivamente no nada, no não-ser, abraçado com o inexistente.

Lembrou-se algum dia de atravessar os Alpes das suas imperfeições, do seu orgulho, da sua vaidade e da sua tibiesa moral? Ou por acaso, num golpe de inteligência e boa vontade, já resolveu fazer como Cipião: se o mundo não o atrai, se o mundo está perdido como a Roma Eterna, avance para Cartago, onde vencerá o seu inimigo respeitável. O que você não pode é agir como está agindo, entregue à inércia e à desilusão. Temos de ser lestos nas nossas decisões e prontos no combate. Se ameaçam Roma, invadiremos Cartago. Se o inimigo nos dá combate, batalharemos contra o inimigo. Usaremos armas que se equilibram. Não acredite que a indiferença construa alguma coisa. A indiferença é o pior dos males humanos, porque se irmaniza com a morte, sonhada pelos homens.

Você, meu amigo, é uma usina de energias interiores, mas acredita que tudo está perdido e que o mundo o sufocará. Há quem sofra mais do que você na Terra, não se iluda.

Leia algumas lendas antigas de feitos heróicos em que a vontade humana venceu as circunstâncias adversas. Procure nos pergaminhos bolorentos um pouco de luz para a sua alma sequiosa.

O mundo está cheio de gente boa e dedicada. Todos estão lutando por uma situação melhor e por uma calma superior. Reuna-se aos que lutam e afaste-se dos que desanimam. A energia estimula a energia e a decisão desenvolve a decisão. Não se entrelace somente com os que sonham; procure também os que realizam. Só assim você transporá os Alpes da sua própria alma e destruirá a Cartago da sua pusilanimidade. Não se esqueça que se você possui um Aníbal na mente que o aniquila e ameaça, possui também um Cipião sereno no tumulto, pronto para dar combate noutro local e desviar o inimigo secular da sua rota inevitável.

O homem que, podendo reagir, se entrega inerme nas mãos cruéis dos próprios pensamentos está se deixando ameaçar por perigos que podiam ser afastados com um só gesto seu...

Lembre-se que se a luz não entra em nossa casa, muitas vezes é porque estamos com as janelas e as portas fechadas... Pense bem no que lhe digo e não desanime.

XVII

Os espíritos têm necessidades
incompreensíveis para nós
mas que no futuro serão coisas
banais e aceitas como verdades...

Voando baixo

Comentava-se em pequeno grupo familiar breve trecho de iluminado autor espiritual, escalado para trabalho doloroso e prolongado na Crosta Terrestre, quando o Wenceslau, jovem entusiasta e neófito cheio de decisões louváveis, interpelou o bondoso diretor da noite:

— Meu irmão, eu não posso me conformar com essa história de espírito viajar de Zepelin! Isso é que não! Tudo eu aceito, mas zepelins e aviões no mundo espiritual é duro demais!

Diante da assertiva abrupta e descoroçoante, o expositor ficou alguns instantes sem voz.

Finalmente, readquirindo o domínio perdido, revidou mansamente:

— Pois bem, Wenceslau, admito a sua perplexidade diante de problema tão complexo. No século passado, no nosso próprio plano de encarnados, o avião era um mito prodigioso e os livros de Júlio Verne até bem pouco tempo eram lidos como belas fantasias de um cérebro privilegiado. O submarino, outro sonho verniano da libertação do Homem, converteu-se durante muito tempo em tablado de disputas estéreis nas mãos de indivíduos que não crêem no progresso e na civilização, no aperfeiçoamento e no avanço da Técnica. Como pois haveremos de convencê-lo de que os espíritos, em certas regiões de

maior densidade mental, tenham de recorrer a aparelhos de transportes? A maioria acredita que os espíritos na sua totalidade possuem asas para grandes vôos e, libertos da carne, galgam o azul do firmamento sem mais aquelas. O vôo baixo é ainda uma necessidade espiritual para o serviço de auxílio aos encarnados. As entidades porém de maior pureza sentem necessidade de atravessar grandes zonas sem enfrentar as náuseas e as perturbações que fariam com que elas fossem obrigadas a retardar o serviço pré-anunciado e para determinada hora.

Estranha você o zepelin espiritual e no entanto sonha para a Terra, provavelmente estádio mais atrasado de evolusão, aparelhos cada vez mais aperfeiçoados e perfeitos. O espírito sopra onde quer Wenceslau, e não é um "sopro" como muitos supõem...

Calou-se o orientador inspirado e o Wenceslau pôs-se a remexer na cadeira, inquieto.

— Sr. presidente — Tornou ele em breve — desculpe-me a ousadia, porque ainda sou ignorante nessas questões, reconheço-o agora; mas não posso admitir que haja necessidade de tubos, como tenho ouvido contar, por onde descem os espíritos... Afinal, isso tudo já não temos nós aqui na TeTrra?

— Sim, meu filho, o homem terrestre recebe por intuição ou por outra forma um pouco mais acentuada de mediunidade, o conhecimento desses aparelhos celestes e que procura reproduzir na Terra. Não são os encarnados que ensinam aos desencarnados, mas a Esfera Superior é que esclarece a Inferior. Embora Hermes Trimegisto tenha afirmado que não há nem em cima nem embaixo, existe o inferior e o superior, na ordem qualitativa do progresso conquistado. Os espíritos têm necessidades incompreensíveis para nós mas que no futuro serão coisas banais e aceitas como verdades incontestáveis.

Wenceslau, porém, não se deu por convencido e retornou à carga, agora mais decidido.

— Meu amigo, como explica o fato de os espíritos aplicarem injeções espirituais, quando sabemos que tudo lá é fluido? Para que a seringa e a agulha da injeção se, pelo que sabemos, seria mais fácil que eles colocassem diretamente o fluido que faltava no local, pelo simples império da vontade?

O orientador, intimamente, fez uma prece ao Pai e pediu-lhe enviasse algum mensageiro capaz de convencer a pequena assembléia, que começava a se inquietar com as dúvidas suscitadas.

Daí a instantes, Wenceslau, tomado de pânico inexplicável, começou a berrar desvairado:

— Acudam-me! Estou sentindo picadas de alfinetes na pele! Penetram-me nos músculos! Oh meu Deus! Que calor na veia!

O coitado estorcia-se banhado em suor e calafrios, no meio da pequena comunidade, que contemplava o fato insólito e novo.

O orientador, profundamente admirado mas confiante em Deus, aproximou-se, diante dos olhares estarrecidos de todos, e deu-lhe alguns passes.

Pouco a pouco retornou Wenceslau ao estado normal, cansado, suando em bicas, e explicando-se muito sem jeito:

— Podem acreditar que dezenas de agulhas me espetavam em todas as partes do corpo! E posso afirmar que eram seringas de injeção!

Enquanto o presidente elevava o pensamento ao Pai e agradecia a dádiva recebida, um espírito amigo da casa manifestou-se por um médium de incorporação e explicou:

— Meu irmão, não vos assustais. As perguntas do nosso Wenceslau foram todas úteis para a comunidade. Numerosas entidades aqui estavam desejosas de ajudá-lo, de levar esclarecimento até a sua mente em dúvida, mas houve um momento em que seria impossível explicar-lhe por palavras o que ele não poderia admitir como simples exposição literária da mente mediúnica... Com a permissão do Senhor, fomos obrigados a demonstrar-lhes, por Misericórdia Infinita do Pai, o fato em si. Nem sempre as palavras correspondem ao nosso desejo. Temos certeza que hoje ele nos compreendeu.

E dizendo isso, após breve saudação, retirou-se.

Encerrados os trabalhos, no entanto, quando a pequena comunidade cristã se dispersava, eu ouvi alguém escarnecer:

— Você acreditou, fulano, em tudo aquilo?! Eu não! A mim ninguém engana! O rapaz é fiteiro e o médium não passa de um mistificador!

E eu fiquei pensando tristemente: será mesmo que os fatos, mesmo os fatos servem para alguma coisa?

XVIII

...justa é toda a tristeza
que me enche a alma;
dolorosa é a mágoa
que me inunda o coração.

Na ressurreição de Lázaro

A nova sublime da Ressurreição de Lázaro correu a Galiléia como um relâmpago, levando às almas transidas de pavor, uma alvorada de esperanças santificadas. O Mestre foi exaltado como sendo de fato o Messias Esperado, e os próprios discípulos não cabiam em si do assombro. Aquela fôra a maior façanha. Arrancar um homem do túmulo, após dias de falecimento, desenrolar-lhe os trapos, e reconduzí-lo à vida terrena, só poderia ser levado a efeito por um autêntico Embaixador do Pai Todo-Poderoso.

O Mestre porém, após a ressurreição do amigo bem amado, caiu em profunda cisma e tristeza.

Inexplicável névoa cobriu-lhe os olhos de límpida ternura e, sentado num pequeno monte, entrou em angustiosas meditações...

André, assustado com a mudança do Mestre, procurou-O em companhia de Felipe, no desejo de despertá-lo.

— Senhor, perguntou aquele, respeitosamente, não compreendemos a vossa prostração. A Galiléia e toda a terra exaltam o vosso nome luminoso pelo prodígio que acabais de realizar. Os humildes e pequeninos, que nos ensinastes a amar, deliram de entusiasmo pelo feito maravilhoso que uniu a Terra ao Céu... As crianças e as mulheres repetem com respeito a vossa mansidão e o vosso amor, a vossa bondade

e o vosso poder. Os vossos discípulos são unânimes em aceitar a Vossa Missão como a Celeste Mensagem, esperada desde o Princípio, e Vós ao invés de regozijardes conosco, entrais em profunda angústia!

Não podemos compreender semelhante atitude! Não julgais que é o momento oportuno de correrm os todas as cidades para colhermos as homenagens devidas a semelhante Graça de Deus?!

Felipe por sua vez juntou a sua voz à do amigo antes que o Mestre respondesse:

— Concordo com as palavras de André, Mestre, e Vos peço em nome dos discípulos do vosso coração, que festejeis conosco a Grandeza e Onipotência Divinas!

Jesus, então, voltando-se cheio de ternura para os queridos amigos, ensinou mais uma vez:

— Agradeço, amados discípulos, a demonstração carinhosa que me dais e o apreço que demonstrais para com o Poder do Supremo Pai, porém em verdade vos digo: justa é toda a tristeza que me enche a alma; dolorosa é a mágoa que me inunda o coração. Como quereis que me regozije convosco? Um dia transformei a água em vinho e os homens se mostraram entusiasmados com o Poder do Misericordioso, mas permaneceram no Mal. Noutro dia, curei cegos e paralíticos, e os homens, profundamente assombrados, continuaram assassinando e dilapidando. Outra vez, andei sobre as ondas apenas tocando as águas, e os homens, cheios de admiração, seguiram ainda o caminho da Devassidão. Noutra oportunidade, multipliquei pães e multipliquei peixes para milhares de pessoas e não consegui maior êxito. Agora, meus amados, agora é o maior feito, a maior Misericórdia concedida pelo Perfeito... Eis porque me angustio! Trouxe da "outra vida" com a minha vontade uma alma, exigi que ressurgisse para todos, e o cadáver animado do sopro divino vos assombra. Dei vida a um homem, querido do meu coração, e será que valeu a pena fazer isto? Eis em verdade porque me angustio.

André e Felipe não souberam responder a essa pergunta de fogo e de dor.

Retiraram-se, por isso, silenciosos e cabisbaixos.

XIX

Os meus olhos agora estavam quase cegos; a minha alma, angustiada; a minha mente, cheia também das desilusões...

Variedade doutrinária

Fiquei surpreendido quando o Antenor veio me anunciar, no meu gabinete de trabalho na superfície da Terra, que se tornara adepto fervoroso de Kardec, o revolucionário-filósofo da minha amada França. Nesse tempo, o Espiritismo valia pouco para mim e não me dera, naquela confusão do Rio de Janeiro, ao trabalho de percorrer-lhe as páginas grandiosas.

Estranhei a atitude mística do homem que depois de perder toda a esperança de conquistar o mundo a golpes de política partidária, se voltava para o cenário terrível e negro da Magia.

Era realmente inacreditável. O Antenor, como eu, viera do norte cheio de esperança e de sonhos. Aos poucos, também como eu, se desfizera dos ideais, abandonara as ilusões que trouxera dos bancos acadêmicos e enfrentara a vida dura e difícil da metrópole. A Capital da República seduzira os seus olhos de rapazelho louco e de idealista sorumbático. Tentara subir por diversos modos. Metera ombros algumas vezes à empresa árdua de falar na praça pública; depois lá se fôra atrás dos políticos influentes e por fim se perdera no burburinho. Nunca mais o vi nem ouvi falar dele. Há dois anos, reaparecera no Rio.

Dissera-me que tinha estado no norte, matando saudades da família e que agora retornara.

Não lhe disse nada, mas notei que envelhecera. As faces antes rechonchudas, agora estavam enrugadas. Os olhos límpidos de criança se tornaram nos olhos tristes do velho sem ilusões, e os cabelos negros, ali estavam branqueando a neve. Tive pena e tive respeito. Afinal, eu também não conseguira grande coisa e se alguém respeitava o meu nome era apenas porque a alma dos povos tem muito de ternura pelos que os amam. Nós na verdade nos acreditávamos dois sacrificados, dois tristes, que abandonaram a terra natal, boa e santa, para tentar a vida no turbilhão e no tumulto. Trocamos idéias naquela tarde e o Antenor, deslumbrado, contou-me as maravilhas do Espiritismo, as excelências de Kardec e a grandiosidade da Revelação Nova, que surgia nessa Grécia Rediviva do Anatole e do Victor Hugo da minha juventude.

Após três horas de conversa entusiástica, o homem saiu e eu fiquei meditando nas suas palavras de fé na imortalidade...

Os meus olhos agora estavam quase cegos; a minha alma, angustiada; a minha mente, cheia também das desilusões do Antenor.

Eu também não fizera nada... Apenas lera com ternura o Evangelho e espalhara os seus sentimentos elevados em algumas centenas de milhares de páginas com o intuito de consolar criaturas infelizes. Sentia que estava no fim, que a morte chegaria e que não possuía aquela calma olímpica do Antenor.

Soube mais tarde que o meu amigo fôra atropelado por um carro. Que os seus cabelos brancos se cobriram de sangue, que os seus olhos esperançosos se empaparam de lama e que o seu rosto envelhecido estava inerte para sempre.

Não fui ao seu enterro, mas um amigo comum me declarou que o Antenor, no caixão, apresentava uma cara rejuvenescida e parecia sorrir. Dava a impressão de estar possuído de excelsa beatitude, que a todos assombrou.

Naturalmente, este amigo não sabia da conversa que Antenor mantivera comigo dias antes de sua morte.

Impressionado com o fato, busquei Kardec com avidez; como um náufrago que se agarra a uma tábua de salvação, agarrei-me aos seus livros, li-os, aceitei-os, assimilei-os com amor, com carinho, repleto de esperanças.

Tempos depois também eu atravessei o Grande Rio. Mergulhei na inconsciência e despertei na eternidade. Porém qual não foi a minha dor e a minha desilusão: apesar de ter encontrado, na última hora, nos últimos momentos, no instante

mesmo de partir, a Verdade luminosa, deixara na Terra, a propósito do assunto, uma crônica ridícula, sem nexo, sem sentido como a exprimir pensamentos de alguém que já não era mais desse mundo.

Desde esse dia, com a permissão do Senhor, tornei-me repórter da Espiritualidade, humilde obreiro que deseja mais do que tudo dar vida e esperança aos que estão às portas da Morte e aos que andam despreocupados da Vida.

XX

O presidente desencarnado não sabia mais como conciliar a situação particular sua que gerara a situação angustiosa do seu povo.

O presidente

Quando "morreu" alto dignitário de uma das conhecidíssimas repúblicas Sul-Americanas, contam os anais da Espiritualidade, que devido à alta bondade e espírito justiceiro do "de cujus", enviou o Mestre Jesus uma extensa caravana de espíritos luminosos para recebê-lo no limiar da eterna vida...

Braçadas de flores rutilantes atapetaram o caminho por onde havia de passar e centenas de corações amorosos se postaram diante do seu caixão, aguardando o despertar triunfal do nobre morto. Em torno, a multidão chorava, o pranto convulsivo enchia todas as almas e, como de praxe, foram decretados três dias de feriados nacionais.

A Nação prostrou-se abalada nos seus alicerces, o céu tornou-se cinzento e triste e uma terrível agonia pesou sobre as mentes vacilantes...

Era um pulso vigoroso que cessava repentinamente de agir em prol do bem e da paz, do amor e da concórdia. Dificilmente se encontraria outro homem para substituí-lo no governo. Quem estaria em condições de reproduzir-lhe a serenidade e a calma diante das grandes lutas inevitáveis.

No céu, porém, grande era o regozijo pela volta do filho amado.

Desperto, encontrou-se o grande homem e humilde espírito nos braços dos amigos celestiais, que o conduziram can-

tando entre hinos de contentamento. Penetrados na Mansão dos Eleitos encontrou ele a alegria sem fim dos que merecem por terem posto o seu pensamento constantemente no amor do Pai. Louvado no céu e louvado na terra, sentiu-se ele devedor de tanto reconhecimento e não podendo, após as primeiras semanas de alegria, suportar mais os louvores sem fim pediu ao Pai Celestial e ao Jesus Amigo, que, embora estivesse imensamente agradecido pela grandiosa recepção, lhe concedesse que fossem encerrados os dias de louvores à sua volta e cessassem todos os hinos.

Todos compreenderam o seu sentimento de humildade e lhe foi feita a vontade, no céu. Todos os anjos se calaram; as trombetas do triunfo silenciaram; as rosas foram recolhidas aos corações amigos, e o Justo passou a viver em relativa calma e satisfação. Todavia, o rumor da Terra não se acalmara. E à proporção que os dias avançaram maior se tornara a exaltação ao seu nome.

Um pouco acanhado, recorreu o bondoso ex-presidente à Autoridade Augusta de Jesus e implorou mais uma vez:

— Senhor, perdoa-me a minha ousadia e espírito de insatisfação, mas não posso suportar por mais tempo os elogios que vêem da Terra ao meu nome, à minha pessoa, aos meus atos...

O Mestre fitou-o benevolamente e murmurou:

— Infelizmente, meu filho, quanto à sua pretensão com respeito aos homens muito pouco poderemos fazer. No entanto, enviarei mensageiros para que ensinem por todas as formas que você pede se silencie em torno do seu nome, que o esqueçam, que o deixem na paz do olvido.

Assim, como prometeu Jesus, foi feito; e o pobre presidente viu que em todos os centros espíritas se manifestavam elevados guias, que expunham o seu desejo; jornalistas e escritores de possibilidades mediúnicas, embora não soubessem ser médiuns, escreveram artigos veementes, combatendo a onda de louvores que já ia por mais de um ano.

Agradecia ele a Jesus a misericórdia concedida, quando percebeu que a intervenção nesse sentido piorara a situação. O povo alertado pelos pedidos, redobrou os comentários, aumentou as exaltações à sua figura, acusou os que, dizia o povo, queriam desprestigiá-lo. E a onda cresceu novamente inundando o país. O sucessor presidencial porém mantinha-se calado, na expectativa. O Justo, abatido com o resultado da intervenção, recorreu mais uma vez a Jesus e expôs a situação.

— Meu filho, explicou-lhe o Mestre, pouco poderemos fazer. Os homens não se cansam de exaltar as suas boas ações e isso para você, eu sei, é motivo de sofrimento, pois na Espiritualidade você é um dos menores, apesar de merecer imenso respeito. Como pode receber com satisfação elogios rasgados à sua pessoa, tendo à sua volta entidades respeitáveis que mereceriam mais e que passaram pela Terra em completa obscuridade? Compreendo meu amigo o seu tormento.

No país amigo, todavia, a propósito do assunto, os ânimos se exaltavam e temia-se a qualquer momento uma revolução.

Os homens de imprensa mal intencionados aproveitaram-se de suas boas qualidades para compará-las com o presidente atual, no desejo de achincalhar o governo constituído e para satisfazer seus pontos de vista partidários.

O presidente desencarnado não sabia mais como conciliar a situação particular sua que gerara a situação angustiosa do seu povo.

Foi quando teve uma idéia luminosa. Voltou novamente à mansão do Mestre e fez a sua exposição:

— Senhor, descobri um meio prático de fugir à onda avassaladora que me inunda, trazendo-me a intranqüilidade e o desespero. Encontrei a fórmula maravilhosa que fará de mim um desconhecido para todos e para mim mesmo! Não me envergonharei mais diante das entidades solares que me auxiliam; não corarei mais diante do riso escarninho das entidades tenebrosas que me acusam de longe por conhecerem a minha situação; fugirei Senhor!... Graças vos dou por essa porta de salvação!

Jesus, frente à alegria e à dor do bom espírito, sorriu compassivo e disse:

— Vai meu filho, seja feliz!

Algum tempo depois, o presidente reencarnou.

XXI

Estariam os médicos com a razão e o seu caso era apenas uma questão simples de dissociação da personalidade?

As dúvidas do psicógrafo

No coração bom e simples do Atanázio, médium de possibilidades mediúnicas extraordinárias e esteio respeitável da comunidade espiritualista, começou certo dia a nascer a dúvida cruel e devoradora. Médium semi-mecânico, consciente, sentia no entanto a onda inspiradora estranha passar como avalanche através do seu cérebro e indefiníveis sensações encher-lhe o coração. Percebia nitidamente a aproximação de diferentes espíritos; sabia quando era o bondoso Orientador de sua mediunidade e percebia claramente quando eram entidades outras que se manifestavam. O estilo era diferente, a doçura de um diversa da ternura e bondade de outro; alguns escritos estavam repletos de luz divina e outros expunham conhecimentos filosóficos acima dos conhecimentos de Atanázio.

Mas a Dúvida, sábia e cruel, resolvera brincar com o pobre Atanázio e espicaçava-lhe a mente, torturante. Seria ele mesmo que estava escrevendo? E se fosse? Se fosse... o seu prejuízo seria enorme! Montões de livros com o nome de espíritos já haviam sido vendidos. Afinal, fôra um tolo, trocara o nome respeitável e mundano de "escritor do mundo" pelo de simples médium, intermediário humilde das potências celestes.

Não resta dúvida, pensava o Atanázio, quem entregava dezenas de receitas podia fazê-lo sem ser médico, mas e o

subconsciente? Ele afinal, conhecia muitos nomes e aplicações de remédios! Não seria uma traição do subconsciente, o grande enigma Freudiano? Não estariam os médicos com a razão e o seu caso era apenas uma questão simples de dissociação da personalidade? E os estudos concludentes de Janet e de Richet?

Começou pois o Atanázio a viver no mundo torturante da Dúvida e da Vacilação. A cabeça parecia-lhe oca. Já não atendia mais os humildes com aquela atenção e quando se sentava na mesa para o trabalho mediúnico era desanimado, triste, abatido. Alguns espíritos amigos, de grande elevação, não encontravam mais possibilidades na sua mente cuja vibração se tornara momentaneamente mais lenta e difícil.

Isso foi mais uma razão para o médium exclamar para consigo mesmo:

— Estão vendo? Foi só eu reagir e os espíritos não se comunicam mais! Qual espírito qual nada, eu é que sou um gênio! A minha inteligência é que constrói muito contra a minha vontade todos esses capítulos maravilhosos!

Alguns dias após, todavia, o Atanázio recuperava a fé antiga e prosseguia recebendo as belíssimas mensagens. Tempos depois incorria na mesma dúvida, e a vida lhe prosseguia cheia de angústias e tristezas.

O espírito amigo que o guia, cheio de sustos pelos rumos que as coisas tomavam, chamou-o muitas vezes à realidade, durante o sono, quando o espírito livre da matéria densa buscava os páramos celestes. Tudo em vão. A missão marchava por isso cheia de altos e baixos, apesar de ir produzindo bons frutos.

Certa feita, venerável escritor desaparecido na Terra manifestou-se pelo Atanázio. Quando foram publicadas as primeiras produções, houve manifestações da imprensa espírita e profana, pró e contra. A coisa tomou vulto, cresceu... Aquilo, devido os ataques acerbos, só serviu para colocar o Atanázio em maior dúvida ainda. Passou noites de insônia e de dor.

Foi quando, em vista da situação aflitiva do médium, os Poderes de Mais Alto expediram ordem para que fosse facilitado ao médium o acesso a uma sessão de materialização, na cidade do Rio de Janeiro.

Combinado o assunto por carta, embarcou o Atanázio radiante e feliz. Finalmente, iria tirar a limpo a sua luta. Verificaria se de fato era ele quem escrevia ou os espíritos.

Iniciados os trabalhos de materialização no dia aprazado, presentes numerosas pessoas amigas, o Atanázio, com o coração na mão, viu primeiro a materialização do seu bondoso guia, um homem alto e forte, que se aproximou dele e o beijou banhado em lágrimas...

Após, vieram seguidamente todas as entidades que se comunicavam com ele e foi uma noite repleta de júbilos. O Atanázio não cabia em si de contentamento. O Alto foi pródigo para com o médium, não poupou nada para convencê-lo da suprema realidade da vida, porque era de fato um dos bons trabalhadores da Seara.

Terminada a inesquecível sessão, o psicógrafo voltou para o hotel empolgado.

— Agora sim, dizia rindo sozinho, trabalharia e produziria com fervor! Afastara de vez a Dúvida do seu espírito! Deus fôra Boníssimo. Infinitamente Bom!

Não dormiu o resto da noite...

Oito dias depois voltava para a sua cidade disposto a continuar o trabalho.

Realmente, durante seis meses, o Atanázio foi o mais entusiasta dos médiuns; receitou a caridade, recebeu mensagens...

Depois disso, a Dúvida Cruel e Traiçoeira voltou a visitá-lo. E o Atanázio com os olhos desvairados, a face congesta, acordou um dia gritando desesperadamente.

— E eu?!... Posso ter certeza que tudo o que eu vi na tal sessão de materialização não foi alucinação? Não será que os membros do grupo fingiram-se de fantasmas?! Como, meu Deus, ter a certeza?

Ninguém lhe respondeu e ele ficou soluçando desesperadamente sobre a mesa de trabalhos mediúnicos; mas nós que estávamos por ali, vimos que havia alguns rostos diabólicos que gargalhavam na sombra.

XXII

...as incorporações continuaram,
na praça pública, no baile,
no ônibus, num passeio simples
com as companheiras, na cozinha...

Incorporação estratégica

Minervina de Souza Caldas não era o que se pode dizer uma adepta fervorosa do Espiritismo. Tinha lá seus dias de maior fervor e possuía por outro lado, momentos de verdadeiro ateísmo.

É certo que a sua mentalidade não lhe permitia compreender bem as sutilezas da Revelação Nova e os termos empolados de pregadores que seguiam, mais a Richet, Delanne, Denis, Paul Gibier (Com todo o nosso respeito) do que mesmo ao Cristo, cheio de simplicidade e amor; enchiam a cabecinha dela de enormes preocupações. Como compreender a Jesus, com toda aquela gente a acompanhá-lo por toda a parte? Daí, o misturar fenômenos de materialização com passagens mal citadas do Evangelho, e misturar Moisés flamejante no cimo do Sinai com Jesus Nazareno, morto na Cruz. As dúvidas nasciam no coração da pobre criatura que, não encontrando quem as desvanecesse completamente, ora ia para os bancos das igrejas, envolta em crepe negro, como as tristes viúvas; ora freqüentava terreiros de mediunidade, com cachimbos, vinho e noitadas monstruosas. Em toda parte porém, a que ia, ouvia pronunciado o nome de Jesus e a decisão tornava-se por isso mais difícil.

Como escolher definitivamente entre tantas seitas que apresentavam sempre o mesmo Mestre Venerável, Amigo,

Consolador? Como escolher o Caminho da Verdade, se todas ensinavam o "amar ao próximo como a si mesmo"...? Resultado, chegara à conclusão que todas eram iguais e freqüentava esta ou aquela, segundo o gosto e o paladar do dia.

Se chovia e o tempo mostrava-se escuro, preferia o Espiritismo de concentrações silenciosas. Se a noite estava quente, agradável, corria para as igrejas, onde as praças regorgitavam de rapazes e de casais felizes.

Afinal, criara para si o ecletismo prático em matéria de religião. A filosofia saia-lhe barata e a compreensão do Reino de Deus lhe viria por certo, acreditava ela não sem razão, com o correr do tempo.

Todavia, a Minervina, antes de encarnar, se comprometera na Espiritualidade, além das cláusulas rígidas das provações necessárias, a desempenhar as funções respeitáveis de médium de incorporação. Dedicado auxiliar divino, desde tenra idade, se postara ao seu lado e desenvolveu no decorrer dos anos, trabalho laborioso de passes magnéticos com o fim de desenvolver-lhe paulatinamente, as faculdades mediúnicas. Infelizmente, com a dúvida constante e com o ecletismo religioso que não lhe permitia freqüentar dois dias na mesma semana a mesma casa de Deus, lá se ia a parte mediúnica por água abaixo. A terra preparada e adubada esperava apenas a oportunidde suave do ambiente propício.

A Minervina porém envelhecia a olhos vistos; não estava longe o termo dos seus dias, e nada de se encontrar uma ocasião para o desenvolvimento completo da mediunidade. Em algumas sessões, quando se dirigia a consultas aos amigos espirituais, estes, mansamente e com ternura, lhe disseram das faculdades que jaziam inúteis e da necessidade de pôr em atividade o aparelho divino. Nas primeiras vezes que ouvira o conselho, exultara de alegria. Depois, fôra se acostumando com a palavra de convocação. Sim, possuía qualidades apreciáveis, mas já estava velha, alquebrada. Difícil seria se dedicar seguidamente a trabalho tão laborioso. Depois... — pensara ela — era uma pobre empregada de cozinha, sem instrução, incapaz de articular duas palavras certas; como haveria o espírito de manifestar-se por intermédio dela?! Naturalmente, iria fazer feio no meio de tanta gente letrada.

O diretor dos trabalhos do centro onde freqüentava Minervina diversas vezes seguidas, intuído pelo guia espiritual da irmãzinha, convidou-a para sentar-se na mesa. Nada porém a demoveu do propósito inexorável de observadora somente.

Queria ver, rezar, concentrar-se na assistência, nada de ir para a mesa mediúnica.

Por causa do tal convite, não voltou mais ao bem organizado grupo e lá se foi, como uma peregrina, para outros agrupamentos religiosos. Os espíritos no entanto não descansaram e certa feita, quando Minervina, silenciosa e calma, cheia de sentimentos, orava num templo católico, um espírito perturbado "tomou" a Minervina de assalto e a criaturinha desarvorada, saiu a correr pela casa à dentro gritando como uma louca. O padre que dava seguimento à missa, ficou desesperado com a interrupção brusca e, cheio de ira, ordenou que a pobre moça fosse colocada fora da igreja. O espírito porém gritava:

— Isto é casa de Deus ou casa do Diabo? Eu sou Edmundo de Amicis e escrevi "O Coração", deixem-me orar! Eu quero orar!

Apesar de tudo e dos brados inúteis, moça e espírito foram atirados na rua. Um senhor bondoso e amigo aproximou-se de Minervina, que apresentava as vestes rotas, fez uma prece sentida, pediu ao Pai que a aliviasse, falou ao espírito com autoridade, e este foi-se embora.

Desperta, Minervina ficou assombrada com o fato, e quis saber de que se tratava. Ninguém porém soube informar. O salvador amigo já não estava mais ali. Grande multidão a contemplava com receio, julgando-a louca ou bêbada. Ela, um pouco desconfiada, voltou para casa.

Passaram-se os tempos. Convocada novamente nos grupos espíritas para o trabalho mediúnico, respondia invariavelmente.

— Agora é difícil, não pode ser.

Em vista disso, os bondosos guias, escolheram uma ocasião oportuna.

Certo dia, em pleno bonde que a conduzia ao centro da cidade, o mesmo espírito que se declarava em altos brados ser Edmundo de Amicis, autor de "O Coração", apossou-se dela. Foi um rebuliço infernal no interior do elétrico e, desta vez, a Minervina foi parar na cadeia. Diante do delegado boquiaberto e numerosas pessoas respeitáveis, a moça gritava:

— Soltem-me! Eu sou Edmundo de Amicis, o autor de "O Coração"! Eu sou Edmundo...

Todos riam assombrados com a novidade. E a Minervina diante da ferocidade inconcebível, dormiu no xadrez.

Quando despertou, horas depois, caiu das nuvens. O que estava fazendo ali? Interrogou o delegado, e este, julgando-a afetada das faculdades mentais, aconselhou-a:

— Minha filha, não foi nada. Você teve um ataque e nós a trouxemos para aqui. Amanhã, procure um médico, ouviu? Um psiquiatra, não se esqueça!

Liberta, procurou Minervina o médico indicado; mas tudo em vão, não lhe encontrou o ilustre psiquiatra mal algum. A essa altura, já os patrões de Minervina de Souza Caldas estavam aflitos com a doença dela e o melhor que fizeram para evitar complicações, foi despedí-la. Felizmente, encontrou outro emprego logo, mas as incorporações continuaram, na praça pública, no baile, no ônibus, num passeio simples com as companheiras, na cozinha; em toda parte e a toda hora, ouviam Minervina gritar desesperada, com voz forte:

— Eu sou Edmundo de Amicis, autor de "O Coração"!

Finalmente, após três anos e seis meses de martírios e de lutas, Minervina, alquebrada, triste, abatida, procurou o diretor do centro amigo e lhe disse:

— O senhor tinha razão, vou desenvolver minha mediunidade!

Foi nessa hora que o espírito guia de Minervina, um velho bondoso e simpático, limpando o suor da testa, agradeceu a Deus a santa decisão e exclamou para mim:

— Pois é isso meu filho, vencemos a batalha e pode crer que a maioria das incorporações imprevistas e absurdas, não passam de incorporações estratégicas!

XXIII

Não me adores
porque digno de adoração
é só o Pai
que está nos céus!

Na casa de Pedro

Apesar de ser o chefe supremo do Cristianismo, depois de Jesus, e de possuir a lealdade e sentimento humilde que o tornaram respeitável e querido de todos, Pedro não conseguia impôr a harmonia evangélica no seu lar. Constantemente mantinha acesas e terríveis discussões com a sogra, que se prolongavam pelo dia afora. Não raro, ambos chegavam à exasperação perigosa. A mulher, afastada do convívio do Mestre e da sua palavra reveladora, não podia compreender a atitude do pobre pescador, abandonando o serviço de cada dia para seguir aquele profeta incompreensível em suas peregrinações por toda a Galiléia. Podia isso lá ser coisa de Deus? A palavra do profeta arrastava os chefes de família de suas casas e os obrigava a seguir para o deserto — dizia ela — fanaticamente. Por certo aquele homem era enviado do Maligno que se comprazia em lançar a confusão em toda a parte.

Pedro perdia a calma diante dos ataques ao Mestre Venerável e Amigo Extraordinário. Era uma calúnia sem precedentes as acusações deslavadas que lhe faziam. Nem os feriseus eram melhores que o Mestre, nem o Grão-Sacerdote era merecedor de limpar-lhe o pó das sandálias. Jesus é o Filho de Deus, exclamava Pedro irritado, e o seu reino de luz se estenderá no futuro por todo o mundo conhecido!

As palavras de amor hão de atravessar os corações e os continentes, e a doutrina da humildade completa reinará para sempre!

A sogra porém não se convencia, e revidava com todas as forças, atacando-os, a eles, os tolos que seguiam um Louco, e a essa doutrina incompreensível que ensinava o amor e o perdão, quando Moisés que era reconhecidamente, o profeta de Israel, não consignara o Perdão como lei e fôra duro para com a mulher adúltera e para o criminoso.

Como então supor que o carpinteiro, nascido ali e bastante conhecido de todos, pudesse ser maior que Moisés, filho de Termutis e Orientador da Casa de David? Não, isso era insensatez! Os grandes profetas, dizia ela, possuem uma ascendência nobre e são filhos de reis e rainhas. O teu profeta, Pedro, é filho de Maria, mulher pouco conhecida e da qual pouca coisa sabemos!

Em vão expunha-lhe o discípulo fiel, a descendência divina do Mestre e a sua ascendência espiritual sobre Moisés, muito embora este merecesse grande respeito.

Ela não compreendia e odiava a toda aquela corja de vagabundos.

— Vejam só, exclamava alucinada, até Levi, o probo e honesto Levi, perdeu a cabeça, abandonou a coletoria, lugar lucrativo e invejado, para seguir a esse homem! É ou não é arte do Maligno?

Pedro, finalmente, vencido e desanimado, calava-se e abandonava a casa entristecido. Quando retornava ao lar, era a mesma coisa.

O Senhor tomara de há muito, conhecimento das discussões intermináveis e sabia o que se passava no íntimo de Pedro, mas não dizia nada. Da última vez que Simão abordara o assunto, dizendo:

— Senhor, vós sabeis os sofrimentos e as incompreensões que reinam no meu lar, que eu desejara solidário com a vossa doutrina... Como devo proceder? Jesus apenas respondera:

— Confia no Pai e espera, Pedro, porque Ele que é Todo-Poderoso, enviará o remédio no momento oportuno. Não te desesperes com a incompreensão alheia; esclarece no que podes, ensina no que sabes, ama com tuas forças, perdoa com boa vontade, esquece sempre, e o Pai que sabe o de que precisas enviará o alívio que desejas.

Pedro recebera os conselhos, mas impulsivo como era pôs em prática somente alguns. Os outros, ele os esquecia na hora da discussão. Passada a batalha, chorava por não ter executado o pedido do Mestre...

Naquele dia, o Senhor veio a Pedro e disse:

— Pedro, regozija-te no Pai. Ele, Compassivo e Misericordioso, ouviu as tuas súplicas e a paz entrará no teu lar para sempre!

Pedro, repleto de alegria, quis beijar a túnica de Jesus, mas este esquivou-se murmurando:

— O que é isso, filho amado? Não me adores porque digno de adoração é só o Pai que está nos céus!

O discípulo afastou-se inundando de luz e correu célere para casa na esperança de comprovar imediatamente a paz que conseguira.

Todavia, ao chegar em casa ficou desolado: a sogra, pomo da discórdia e adversário terrível, jazia no leito, ardendo em febre devoradora. Não havia dúvida que dentro de algumas horas estaria morta.

Simão, diante do quadro desolador, pôs-se a chorar.

— Dura lição me dais, oh Pai de amor! Realmente, com a morte dos nossos inimigos, estamos livres de discussões! Mas não desejo a morte de Ninguém! Desejo que ela tenha a Vida Eterna pela assimilação dos ensinamentos de teu filho!

E caiu novamente em convulsivo pranto.

Foi quando apareceu Jesus com um sorriso nos lábios e, afagando a cabeça de Pedro, lhe disse:

— Alegra-te no Pai, meu filho, a paz entrou na tua casa! Porque a trégua vem sempre após a batalha, a compreensão após o sofrimento, e a alegria após a dor.

A sogra de Pedro, profundamente admirada no seu delírio, fitou o Senhor e pediu:

— Senhor, toca-me e ficarei curada.

— Então, agora crês em mim?

— Sim creio; cura-me que Te seguirei por toda a parte.

O Mestre carinhosamente tocou-a com a destra e a febre desapareceu imediatamente e ela, levantando-se, foi servi-los.

Pedro, cessado o pranto, em vista do prodígio, abraçou o Senhor, e exultou alegre:

— Senhor, vencestes a batalha para mim!

Jesus porém lhe respondeu:

— Pedro, eu não venci a batalha para ti. Tu é que a vencestes, mas antes de ti, tua sogra mesma já estava vencendo. Tolo será todo aquele que acredita vencer seus semelhantes no jogo de palavras. Nem todas as palavras são de Vida. A maioria das palavras são palavras de incompreensão e de morte. Só podemos vencer o semelhante no amor do próximo que é o Verdadeiro Poder de Deus!

E dizendo isso, afastou-se silencioso.

XXIV

Pedir é fácil mas é
preciso saber pedir.
Não murmureis apenas,
como dizia Jesus...

Mundo mental

O notável orientador do Grupo Espiritual Antônio de Pádua, que funciona em Olaria* iniciara o Trabalho na noite com reduzida assistência. Mulheres, velhos, alguns jovens e no mais eram apenas necessitados que buscavam o alívio imediato para as suas dores. Um esperava o desaparecimento completo de antiga ferida que o prostrava dolorosamente. Outro aguardava a bênção do Divino Amigo para úlcera amargurosa que o corroia paulatinamente. Todos confiavam em que seus males seriam extirpados de um momento para outro. Intuído por luminosa entidade, o orientador começou a expor os pontos de vistas, resumos que atendiam perfeitamente as necessidades de todos.

— A maioria, explanava ele, espera encontrar no Espiritismo a tábua de salvação para todos os males! E está certa; a doutrina consoladora de Jesus, revivida no Espiritismo Hodierno, acalma todas as dores e consola todas as almas... Lago de águas cristalinas, limpa e purifica, edifica e constrói para a eternidade. Aqui, temos a Luz para o espírito e o bálsamo suave para as feridas purulentas. É preciso porém não supor que Espiritismo é mágica transcendental capaz de resolver todos os problemas sem o concurso daquele que pede.

(*) Bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

Antes de mais nada, é necessário o concurso daquele que implora a Misericórdia do Pai. Pedir é fácil mas é preciso saber pedir. Não murmureis apenas, como dizia Jesus, mas aplicai na prece o melhor do vosso coração. Fazei com sinceridade a vossa oferenda e recebereis. Tenho visto, no entanto, que a maioria nos procura com o intuito manifesto de resolver seus negócios particulares e conseguir vencer suas "demandas". Espritismo é ciência e religião, mas não é ciência econômica nem religião mercantilizada. Meus amigos, organizai primeiro a vossa vida mental, o vosso mundo interior para que a vossa prece tenha o valor de um pedido endereçado ao Criador!

Conta-nos suave mensageiro que um dia foi chamado insistentemente por um irmão necessitado do plano terrestre:

— Ambrósio, oh Ambrósio! — Murmurava o infeliz. — Atende às minhas súplicas! Sofro tanto! Sê o meu advogado aos pés do Onipotente! Intercede por mim, ajuda-me que sofro desesperadamente!

O divino mensageiro ouviu a voz lamentosa que vinha do abismo. Condoeu-se do infeliz e foi pedir permissão para auxiliá-lo. O departamento especializado, todavia, negou-lhe autorização, dizendo que o homem que se lamentava estava em ótimas condições e que o fazia por egoísmo. Nenhum auxílio devia ser enviado por enquanto.

Ambrósio, muito triste, retornou ao seu trabalho, mas a voz patética continuava a clamar do fundo do abismo:

— Ambrósio, auxilia-me com a tua misericórdia! Sou tão infeliz, ajuda-me a resolver estes problemas cruciantes que serei teu servo pelos séculos dos séculos. Intercede junto a Jesus em meu nome!

O bom santo, penalizado, voltou novamente ao departamento encarregado do assunto e falou francamente:

— Rogo humildemente permissão para atender esse infeliz! Não é possível que se lamente tanto sem sofrer! Naturalmente há algum engano no fichário e trocaram-lhe o nome.

O departamento porém, após examinar mais uma vez a ficha do lamentador e pedinte, negou autorização para auxiliá-lo.

Ambrósio porém havia tomado uma decisão inabalável: desceria assim mesmo sem autorização alguma ao fundo do abismo e atenderia o infeliz; depois sofreria por sua exclusiva responsabilidade as conseqüências do seu ato. Encerrou pois o trabalho que estava fazendo e esperou o momento oportuno de descer.

A voz angustiosa continuava chegando-lhe aos ouvidos como carta dolorosa de mulher apaixonada e no abandono:

— Ambrósio, meu bom Ambrósio, atende as minhas súplicas! Como vou me arranjar sem o teu auxílio amigo? Estou em grande perigo!

O santo espírito não esperou mais nada... num instante de silêncio e pouco movimento, desceu por entre as penedias abruptas de fluidos pestilentos, enfrentou crocodilos e cobras espirituais, atravessou florestas densas e tenebrosas, percorreu planícies frias e gelatinosas, até atingir as profundezas negras do abismo.

A voz cada vez se tornava maior à medida que avançava e os soluços cortavam o coração do santo, que murmurava:

— Senhor, perdoa a minha desobediência mas deve haver algum engano, este homem sofre muito!

Finalmente, chegou o Amigo Benevolente à casa do infeliz, que se lamentava. Era um palacete com escadarias de mármores, no Flamengo, com vista para o mar.

A primeira coisa que o espírito viu foi um automóvel, último modelo, parado na porta.

— Deve ser o médico, exclamou Ambrósio, vendo o carro. Deixa-me apressar.

Entrou.

O infeliz jazia numa cadeira, diante de pequena mesa, com a destra na testa amarfanhando os cabelos e tendo na outra mão um lápis.

Era um senhor de quarenta a cinqüenta anos, cabelos grisalhos, pele enrugada, mas ainda assim cheio de juventude.

Ambrósio chegou, pousou-lhe a mão na cabeça e afagou-o mansamente.

O homem, sentindo a vibração espiritual do amigo, gritou mais alto:

— Ambrósio, ajuda-me!

O espírito, então, em vista daquele grito cruciante, materializou-se, não sem grande susto do homem que horrorizado sacou de um revólver.

— O que qereis? — Exclamou ele desvairado.

— Eu sou Ambrósio, murmurou com ternura o mensageiro, ouvi a sua voz e estou aqui para atendê-lo. Você não me chamou?

Muito sem jeito, respondeu o outro:

— Sim, chamei-vos.

— E o que quer você meu filho; o que tem, o que sofre? Diga que eu o ajudarei em nome do Senhor!

E o outro, olhando muito para o espírito, exclamou com um brilho novo nos olhos:

— Bem, já que estais aqui, vou expor o assunto. Trata-se do seguinte: sou negociante e tenho em minhas mãos atualmente grandes negócios. Milhares de pessoas dependem de mim. Não é que meus negócios estivessem ruins, mas é que joguei uma parte do meu dinheiro no cassino e o perdi. Cerca de quatrocentos contos. Para refazer o que perdi, joguei nas corridas de cavalo e tornei a perder...

O homem suava fitando o santo, ao dizer estas coisas, e o Ambrósio acabrunhado e pensativo contemplava-o severamente.

— Agora, continuou o infeliz, num golpe de último recurso comprei um bilhete de loteria e espero ganhar. Mas só vós podereis me salvar.

— Eu?! — Gaguejou desta vez admirado o bondoso espírito. Eu não entendo dessas questões de loteria! Ando muito afastado da Terra; há séculos que não venho a este planeta de sombras... Como poderei ajudá-lo?

— Ora, retorquiu o homem desesperado, os santos são capazes de tudo! Com os dedos invisíveis podereis mover as bolas e colocá-las no meu número. Olha! — E dizendo isso, com os olhos fora das órbitas, exibiu o bilhete: 22.664.

Ambrósio estava agora desanimado. Todavia, refazendo-se do choque, procurou acalmar o irmão em perigo.

— Pois bem, disse o amigo celeste, vamos primeiro fazer as contas. Esquecendo-se o que perdeu no cassino e nas corridas, quais são os seus haveres atuais?

— Bem, os meus haveres, sem isso, ainda somam um total de mil e duzentos contos...

Ambrósio então suspirou, bateu nas costas do homem e explicou:

— Pensei que você estivesse desesperado porque a sua alma estava às portas do abismo. Supus que desejasse a minha presença para tratar de coisas sérias. Acreditei mesmo que as pessoas que dependiam de você estavam em perigo. Agora sei que me enganei.

O homem fitou-o novamente, mas desta vez assombrado:

— Como? Não vai me auxiliar? Não é então santo? Como hei de fazer sem o seu auxílio?

O bom Ambrósio fez que não percebeu a mudança de tratamento gramatical.

— Quando você houver perdido todo o dinheiro, então me chame que tornarei a descer a rampa, mas agora é muito cedo para ajudá-lo. Você tem um palacete, um carro, mil e

duzentos contos, uma indústria florescente, e recorre aos Poderes Celestiais para aumentar a sua renda?

— Eu que sou eu meu filho, para subir a rampa deste abismo tenho que ir a pé mesmo, enquanto que você para ir à casa comercial vai de automóvel! Evidentemente, de acordo com o seu ponto de vista, meu caro, quem precisa de auxílio sou eu!

E dizendo isso Ambrósio saiu de mansinho ao mesmo tempo que subia arrastadamente as inclinações tenebrosas do abismo...

Neste ponto da explanação, o diretor dos trabalhos do pequeno grupo de Olaria encerrou a sessão porque a maioria dos assistentes estava dormindo desinteressada do assunto.

XXV

Deixou de ser o elemento humilde e simples dos primeiros tempos e tornou-se autoritária.

Vidência inesperada

No trabalho do Senhor, é raro o irmão bem intencionado que não sonhe a posse de faculdades mediúnicas por menores que sejam. A mediunidade, nos tempos que correm, ainda se reveste de misteriosa luz capaz de seduzir e encantar. Nos grupos espiritistas, os médiuns merecem a consideração de todos e são tratados com amor e respeito. Muito embora o mundo profano os apedreje, acuse e despreze. São, todavia, engrenagens e peças da grande máquina Evangélica que trabalha dia e noite, buscando a iluminação de todos. Daí, o grande susto e sublime emoção de dona Zaira, quando o guia espiritual se referiu pessoalmente a ela naquela noite:

— A irmã possui a faculdade da vidência e necessita o quanto antes desenvolvê-la. Poderá prestar enormes serviços aos seus semelhantes e colaborar ativamente no bem de todos os que freqüentam esta casa humilde de trabalhos.

A irmã Zaira sempre demonstrara sublime humildade e grande recato, o que a tornara sobremodo simpática no coração de todos. A revelação inesperada alegrou pois a pequena assembléia, que não dispunha de um médium vidente que lhe desse notícias objetivas do que se passava no recinto. A moça contudo foi a que mais diretamente recebeu o golpe de emoção.

Naquela noite, ao retornar ao lar, não conseguiu conciliar o sono. Rolou na cama, gemeu, suspirou. O pensamento vagava

repleto de felicidade em regiões de sublime paz celestial. Sentia-se chamada agora, diretamente pelo Senhor, para uma grande missão. Durante a madrugada, não raras vezes sentou-se na cama e abriu desmesuradamente os olhos no intuito de ver alguma coisa. Nada porém divisou. O invisível continuava silencioso como antes da Grande Notícia. Infelizmente, a nova sessão do grupo se realizaria somente dois dias após o que foi motivo de imenso sofrimento para Zaira, já agora compenetrada do seu papel de médium e missionária do Cristo. Na sessão seguinte, como devia sentar-se na mesa, conforme ordem expressa do Mensageiro, vestiu um novo vestido, penteou o cabelo de modo diferente e atrativo, coisa que não fazia há longos anos, e se encaminhou empolgada para o trabalho mediúnico. Todos estavam fitos nela no decorrer da reunião. Ela abria às vezes desmesuradamente os olhos, outras vezes, fechava-os e caía em cisma profunda...

Terminados os trabalhos cheios de frutos sazonados, interrogou o presidente com uma certa emoção na voz:

— Dona Zaira, diga aos nossos irmãos o que foi que viu.

A moça muito descontrolada, mas sincera, respondeu:

— Infelizmente, por enquanto não vi nada, mas tenho fé que ainda verei!

Muito acabrunhada voltou para casa. No íntimo estava satisfeita porque de uma hora para outra tornara-se pessoa de destaque na comunidade de estudos experimentais. Passaram-se três reuniões e a moça não viu nada. Na quarta reunião, porém, lhe foi facultada a visão de humilde mensageiro do Senhor que trabalhava naquele setor de atividades. A alegria encheu-lhe o coração ao contemplar a figura venerável. Descreveu-o para todos e foi motivo de contentamento inexprimível. Daí por diante a sua mediunidade caminhou sempre progressivamente, e todo o recinto lhe foi desvendado claramente. Antes do início da reunião já percebia todo o movimento espiritual. Flores luminosas caídas do Alto atingiam-lhe a retina repleta de lágrimas, e mãos luminosas atingiam-lhe a mente. Tinha oportunidade de se dirigir diretamente ao Orientador da casa e travar com ele conversas agradáveis, pois que nesse tempo, por Misericórdia Divina, também lhe fôra concedida a audiência. A pequena comunidade era unânime em tributar à vidente o máximo respeito e consideração. Ocupou os mais elevados cargos da casa e teve acesso a todos os trabalhos. Passou a ser a criatura sem a qual não se dá um passo. Ninguém desejava desagradá-la porque era uma fonte de dons preciosos para os sofredores e uma alegria constante

para os companheiros. Porém, havia algo que espantava os observadores e era a observação que fizeram desde os primeiros instantes da declaração da vidência de Zaira. Deixou de ser o elemento humide e simples dos primeiros tempos e tornou-se autoritária. Devido às demonstrações de carinho e respeito, julgava-se agora superior aos outros, e, dentro da concepção que possuía de que era uma autêntica missionária, impunha as suas idéias e desejos. Não usava mais como antigamente o vestido simples de sarja. Passara a usar sedas caras, sapatos de primeira qualidade, penteados extravagantes e não ficava de modo algum satisfeita quando era obrigada a sentar-se em lugar pouco proeminente. Não raras vezes, mudara ostensivamente de cadeira, situando-se de frente para a assistência, que, de bom grado, lhe perdoava essas pequenas faltas, em vista da evidente predileção dos espíritos por ela... Alguns até começaram a pensar que a atitude hostil e orgulhosa de Zaira é que facilitava o acesso dos espíritos e puseram-se a imitá-la. A assistência, antes humilde e silenciosa, trazia cores variadas e as *toilletes* antes escassas se sucediam umas às outras sem intermitência. Até mulheres luxuosas com chapéus de pena apareceram nas sessões.

Ia pois o descalabro atingindo a comunidade do Cristo sorrateiramente. A Invigilância rondava soturnamente. Foi quando o anjo de guarda e guia espiritual de Zaira teve ordem expressa de cortar-lhe todas as comunicações com o invisível, repentinamente. Deixou de ver e de ouvir. Desapareceram os fantasmas e as flores luminosas desapareceram por completo. Zaira no entanto era absolutamente sincera e honesta. Daquele dia em diante, interrogada pelo diretor de trabalhos, replicava:

— Meu irmão, ultimamente não tenho ouvido nem visto nada... não sei porque! Voltei à situação primitiva!

Já faziam seis meses que Zaira perdera a vidência e a audiência, o que não fôra motivo de lamentação de toda a comunidade. Rude golpe que não deixou de atingir a moça em cheio. Certa noite, acabrunhada, triste, interrogou Zaira o Mensageiro que lhe anunciara a feliz mediunidade:

— Meu irmão, eu desejava uma explicação.

— Pode pedir, minha filha.

— Por que é, tornou ela, que a minha mediunidade que se mostrava tão bela e promissora, desapareceu repentinamente, por completo? Não posso compreender o fato inesperado! Se Jesus me convocou por que me tirou assim de uma hora para outra a mediunidade? Parece-me que houve injustiça! Não compreendo, não!

O bondoso guia sorriu através do médium de incorporação e murmurou:

— Zaira, quando você foi convocada para o trabalho do Senhor, você era moça simples e compenetrada dos sentimentos de fraternidade humana... Se fez por isso merecedora das graças que recebeu. Como se tornara um exemplo de humildade, o Mestre, embora conhecendo seus deslizes no passado tenebroso, julgou de bom alvitre que se experimentassem as suas novas disposições de trabalho. Mas infelizmente, minha irmã, perdoe a franqueza, a sua humildade era aparente. Possuidora da moeda que corre do mundo invisível para o visível, e deste para aquele, voltou a ser a mesma alma despótica do passado. Como o pobre silencioso que conseguindo a fortuna, da noite para o dia, se torna o milionário inconsciente, gastador, tirano e carrasco, você se converteu com os dons divinos da vidência num mau exemplo. Arrancou do fundo da alma o orgulho e o despotismo e começou a organizar nesta pequena assembléia uma pequena realeza que a seguia. Volte, minha amiga a ser o que era e receberá o dobro do que possuía. Só na humildade perduram os dons de Deus.

Zaira ouviu tristemente as palavras de verdade. Grossas lágrimas lhe desceram pelo rosto pálido e toda a comunidade chorou comovida diante do fato insólito mas verdadeiro.

Rematando, terminou o guia amavelmente:

— Meus filhos, enxuguem as lágrimas porque elas lavaram o nosso coração e abriram os nossos olhos! Que nos sirvam de lição imorredoura. A mediunidade como a riqueza é portadora de perigos imprevistos. Portanto, não peçam insistentemente a mediunidade porque não sabem a bomba que estão carregando. Ela tem o poder de despertar no servo humilde do Senhor tendências antigas que novamente o assaltam e conduzem para o mal.

Contaram-me que na reunião seguinte, Zaira trajava novamente o seu vestido de sarja e na pequena comunidade não havia sequer um chapéu de penas.

XXVI

...as interpretações serão diversas,
mas o fato verdadeiro permanecerá
para edificação de todos.
As materializações são úteis...

Baltazar

Dizem que no festim de Baltazar surgiu luminosa mão que escreveu em letras fatídicas uma advertência espantosa. Os convidados incapazes de compreender a mensagem divina divergiam nas suas opiniões e embrenhavam-se por discussões estéreis, como quem atravessa uma floresta espessa. As opiniões e as assertivas divergiam, cada cabeça emitiu um juízo diferente, a propósito do insólito fenômeno. O que era fora de dúvida porém, era a realidade do fenômeno em si. Se todos divergiram no conceituá-lo e interpretá-lo nenhum contou de maneira diferente o fato presenciado. As palavras ficaram sujeitas à interpretação individual, mas a mão luminosa que as escreveu atravessou os séculos e em qualquer livro que se refira ao fato, encontramos a mesma descrição, exata, perfeita.

Essas considerações me vieram ao pensamento, quando ouvi, distraidamente, certa conversa a respeito de fenômenos de materialização. Um dos personagens da estranha conversa asseverava:

— Para mim, considero inúteis os fenômenos de materialização. O importante é amar, não ver. De que vale ver, ouvir, sentir, os espíritos à nossa volta e continuar na mesma? Não, o de que precisamos é amar. Eu já estou cansado de ver materializações, não quero ver mais.

O outro, que jamais assistiu um só fenômeno daquela natureza, calou-se silencioso e pensou consigo: Oh meu Deus, não vos quero ofender, mas sinceramente, eu me sentiria

feliz se assistisse a esses maravilhosos fenômenos de materialização! Não sei se interpretais este meu sentimento como falta de fé, mas para que negar! Sentir-me-ia infinitamente feliz se pudesse encontrar-me face a face com o meu anjo de guarda, com os meus amigos e conhecidos que já se foram. Afinal, isso já não é parte da imortalidade? Sei que somente aqueles a quem convocais para esses fenômenos é que os podem ver. Não porque mereçam mais ou necessitem mais... Todavia porque isso é uma prova que lhes dais de que estão às portas da eternidade, e que devem tomar este ou aquele caminho. Alguns interpretam como sendo prêmio a seus esforços, outros como sendo a advertência solene de Baltazar. Mas eu, não o nego no mais profundo do meu coração, gostaria de ver e tocar tudo isso. E sentir-me-ia imensamente feliz.

Ouvindo a estranha conversa, fiquei pensativo e tentei tomar um partido entre os dois amigos que, ambos servidores do Cristo, raciocinavam de maneira divergente. Incapaz de solucionar sozinho a questão, recorri a elevada entidade celeste, suplicando-lhe:

— Acabo de ouvir sugestiva conversa entre dois espiritistas cristãos, o que achais de tudo isso?

O amigo cheio de doçura, me contemplou amavelmente e explicou:

— Meu caro Irmão X, não é a primeira vez que se travam essas discussões em torno do que convencionamos chamar fenômenos de materialização. Deve-se vê-los, deve-se procurá-los, ou deve-se recusá-los, afastá-los do nosso caminho, e seguir adiante? Dúvida cruel não acha? Infelizmente, meu filho, a maioria ainda não compreende os desígnios do Senhor e Amigo. Os que já assistiram os fenômenos e afirmam posteriormente que são inúteis, e que é uma tolice procurar esses fenômenos, querem negar a seus irmãos o que eles mesmos desejaram e realizaram um dia. Depois de ansiarem pelas materializações, depois de sonharem com a figura dos amigos espirituais materializados, depois de empolgados, fartaram-se dos tais fenômenos e apregoam que são inúteis e que o importante é amar. Têm razão quando afirmam que o objetivo é amar. Porém, só chegaram a esta conclusão muito digna e louvável após a verificação da realidade eterna. Os que não tendo visto fenômenos de materialização, negam a sua utilidade e afirmam que deles não precisam, também não agem bem, meu filho, porque toda obra de Deus é boa e útil, e todo espiritista sincero deve verificar o máximo possível a realidade

do que prega e ensina. Na verdade, o bem é o objetivo da vida, assim como o oceano é a bacia enorme que receberá as águas dos rios. Não devem os homens negar uns aos outros a visão daquilo que Deus lhes oferece de graça.

Belos são todos os prodígios feitos em nome do Senhor e se inúteis fossem os fenômenos de materialidade, não haveria médiuns desta natureza. A fenomenologia espírita não se constituiu ao acaso e não se processa à revelia. Entidades luminosas e experientes orientam esses trabalhos na aparência tão simples. Regozigem-se os homens pelo que recebem porque se é justo desenvolver faculdades intuitivas e psicográficas, se é útil preparar o coração para os fenômenos premonitórios, útil também é receber do Alto os supremos trabalhos de entidades laboriosas que constantemente ensinam e conduzem.

Eu estava assombrado com as elucidações sábias e amigas da nobre entidade e percebi que de seus olhos corria uma lágrima de emoção quando me disse:

— Escute aqui, Irmão X, há tempos, um grupo de espiritistas sinceros se propôs a trabalhar pelo próximo, com a finalidade precípua de realizar fenômenos de materialização. Inicialmente, tinham os melhores propósitos e as mais belas esperanças. Sonhavam convencer as massas com a irrefutabilidade da fenomenologia; além disso se propunham a tratar dos doentes e necessitados. Em vista disso, organizou-se nos planos mais altos uma equipe de espíritos preparados longamente pelo trabalho nesse setor. Durante anos incentivaram os elementos que constituiam o pequeno grupo encarnado para os trabalhos que se aproximavam. Dia a dia alimentavam as esperanças e ativavam o pensamento dessa gente. Esforços consecutivos foram realizados, e os primeiros fenômenos vieram cercar de êxito os trabalhos da assembléia cristã. Nesse tempo, a concórdia reinava nos corações e a paz ainda era o anjo da guarda dos noveis amigos. Cerca de um ano sem intermitência, convive o pequeno grupo com entidades de beleza inexprimível; teve contato direto com luminosa entidade de trabalho na crosta terrestre e os espíritos familiares se sucederam hora a hora no desejo de mostrar-lhes as belezas do Além. Embevecidos todavia na contemplação das belezas celestes, os nossos irmãos esqueceram-se que aquela fenomenologia toda, maravilhosa, era para maior propagação da verdade, e consideraram-se interinamente os eleitos do Senhor. Não permitiam a entrada de estranhos, embora cristãos con-

victos e reconhecidos, opunham a maior dificuldade possível a esse acesso.

Resultado, os espíritos orientadores indiretamente diziam:

— Meus irmãos, o que presenciais não é para vós, mas para o próximo. Agradecei a Deus o que recebeis e fazei o bem, pregai, ensinai, mas principalmente, amai.

Ora, não poderiam os guias exigir: abri as vossas portas para todos os que esperam confiantes no Senhor! Abri as vossas portas, com cautela é certo, para os incrédulos que não têm esperanças! Usai os vossos botes na tormenta para salvar os que se afogam. Para os que estão desiludidos e caminham nas trevas...

Seria ir contra o desejo de todos que estava entronizado num egoísmo profundo, oculto, apenas coberto aparentemente, de que aqueles tesouros ficassem somente em suas mãos!

E a Entidade enxugou nova lágrima, batendo no meu ombro!

— Irmão X, os encarnados ainda não nos compreenderam, pode crer. Se lhes oferecemos um tesouro, não o transmitem como receberam. Ocultam-no egoisticamente. Se lhes pedimos que se amem, entendem de outra maneira. O nosso consolo é que fenômeno é fenômeno, e fato é fato. Como no seu festim de Baltazar, as interpretações são diversas, mas o fato verdadeiro permanecerá para edificação de todos. As materializações são úteis, disso pode ter a certeza...

O Bondoso Amigo já se retirava, quando me lembrei de perguntar:

— Mas e o grupo, que fim levou?

— Ah, o grupo?! Continua se reunindo, porém com desânimo. As materializações cessaram, por ordem de Cima, e eles ao invés de se amarem, continuam afirmando que o "importante é amar". Amor, todavia, meu irmão, amor não é palavra e sim ato...

Dizendo isso, afastou-se. Eu também me retirei, e agora, mais pensativo do que antes.

XXVII

Quantos capitalistas desceram na Barca da Morte, transidos de pavor, levando nos braços pesados fardos...

No Evangelho de Jesus

Consignam os Evangelistas, em suas páginas gloriosas, a passagem dos discípulos desarvorados, recorrendo ao Mestre para expulsão de demônios. Incapazes de afastar os espíritos malignos, procuraram Jesus e este lhes disse severamente:

— Esta qualidade de demônios só se expulsa pelo jejum e pela prece. Orai e vigiai. Colocai-vos em sintonia perfeita com o Pai que está nos céus e conseguireis expulsar todos os demônios e espíritos imundos.

Só aí é que os ingênuos amigos de Jesus compreenderam que a força de expulsar demônios e afastar espíritos não é um dom gratuito de Deus, mas resultado do aperfeiçoamento moral de cada um. Assim como as águas do rio se tornam claras nos choques por entre as pedras, o espírito humano evolui através de restrições, lutas e sofrimentos.

Também os espiritistas, nos tempos que passam, se deixam seduzir pelo sonho fantástico de um dom gratuito que lhes venha de Deus. Ingênuos, não se recordam que o Pai se é Misericordioso Infinitamente, não pode e não deve forçar as suas próprias leis, estabelecendo a anarquia no universo. Acostumados talvez ao sistema moderno de decretos e portarias presidenciais, que de instante a instante se substituem uns aos outros, acreditam que o Senhor Absoluto dos Mundos modificasse a órbita das estrelas, alterasse o curso maravi-

lhoso dos astros, suspendesse a vertiginosidade dos cometas, descontrolasse as leis magnéticas universais para dar a eles a possibilidade de se tornarem santos da noite para o dia.

Aparentemente, o giro dos astros não tem nada a ver com o passo do camponês humilde; o véu da fantasia faz às vezes supor que a rota do cometa é muito diversa da rota do pensamento humano; todavia, assim não é.

As mesmas leis que presidem os destinos dos bólidos, que orientam as vias lácteas, que governam os seres angélicos e os sóis no fundo insondável do universo, atendem também ao médium excepcional e ao homem comum na sua luta diária. Alterar o sistema de passos é estabelecer a confusão de todas as leis, do mesmo modo que modificar o círculo de Saturno é produzir a anarquia sideral do nosso sistema solar.

Se não estás em condições espirituais adequadas, se os milênios de preparação não passaram sobre a tua cabeça e aprimoraram as tuas aptidões mediúnicas, debalde desejarás a situação privilegiada de santo sem trabalho, de taumaturgo sem obras, de anjo sem lutas e trabalhos árduos. Parecerá demasiada crueldade retirar-te de uma vez as ilusões que adquiriste em tão pouco tempo de serviço mediúnico, mas, meu amigo, o universo não se move pelas leis da ilusão e da fantasia. Tudo é exato e preciso, nos fundos dos abismos ou nas alturas dos céus. As leis são as mesmas e os fatos se repetem da mesma maneira. Para que iludir-te, dizendo-te que de uma hora para outra te tornarás um Santo Antônio de Pádua ou um Francisco de Assis? Seria excitar-te as qualidades negativas. Poderei apenas, como repórter melancólico que fui, dizer-te que tens à tua frente milênios sem fim e que com trabalho incessante poderás até te tornares no futuro um novo Buda e até mesmo um novo Cristo. Mas reconhecer agora que és um grande missionário e que deves te desviar dos deveres comuns da vida cotidiana, isso não. Não nego que possues qualidades superiores do homem. És afável, amigo, tolerante, parcimonioso. Mas não basta isso para fazer um santo. Na realidade, o universo não vive de rótulos pomposos e sim, de qualidades reais. Trabalha, luta, espera, confia, persevera no bem, segue adiante, aprimora tuas paixões atuais superando-as e modificando-as sempre e o teu porvir será forçosamente risonho. Não deixes a tua mente vagando assim em pleno oceano da fantasia. Aconselha-te com os que sabem mais, reconhece nos teus companheiros a autoridade que adquiriram nas experiências da vida, rende homenagem à humildade sincera, consola os aflitos e necessitados e não deixarás de

estar cumprindo uma bela missão no teu meio ambiente. Não te consideres missionário excepcional mas age sempre como discípulo fiel do Cristo, cumprindo-lhe as determinações amorosas. Aplica-te no cumprimento dos ensinamentos evangélicos como Pigmalião na construção da sua estátua. Ama o teu próximo como a ti mesmo com fervor. Evita enganar a tua própria consciência permitindo que aí habitem pensamentos que não correspondem à verdade. Não faças como o Rei Midas que sonhou transformar em ouro tudo o que tocasse, supondo que dessa maneira se tornasse o rei mais poderoso do universo. Porque senão, no futuro, como ele, irás verificar que o de que necessitamos não é do esplendor do ouro que ofusca, mas da utilidade humilde e silenciosa do pão que nos mata a fome, da água que desedenta, do leite que refaz o organismo combalido... De nada adiantará a transformação de todos os peixes em peixes de ouro, se manhã não puderes comer um pobre e infeliz peixinho real. Escuda-te pois na consciência reta e no bem incondicional. Procura nas páginas do Evangelho e encontrarás muitas passagens como aquela. Busca na vida de Paulo e vê o quanto foi necessário que ele sofresse para poder seguir ao Cristo. E tu, podes supor que já és um novo Paulo?

Pareço-te severo com as minhas rabujices de homem de letras desencarnado? É assim mesmo meu filho, todo conselho cheira a velha tia e a sogra desabusada. Toda palavra de verdade traz em si muitas arestas. Preferirias com certeza que eu fosse como os outros e te dissesse:

— Tu és um grande missionário! Abandona a tua família, despreza os teus amigos, desafia o mundo, sobe as montanhas da glória aos toques das fanfarras!

Mas eu que estou do lado de cá e contemplo o mundo de maneira mais clara, sou incapaz de ensinar isso. Quantos atravessam o Aqueronte, após essas basófias, cheios de dor e de desilusões. Vi muitos poetas e estadistas gloriosos no mundo chegarem aos berros na Espiritualidade. Aportarem aqui como os doidos dão na Praia Vermelha. Desenganados das próprias possibilidades, envergonhados, tristes, desiludidos. Querem à força homenagens grandiosas, sonham ainda à sua porta os lacaios de libré de ouro. Mas o que fazer por eles? Nada. Esperar apenas que se desentranhem das desilusões e que resolvam despertar para si mesmos.

Quantos capitalistas desceram na Barca da Morte, transidos de pavor, levando nos braços pesados fardos que simbolizariam os seus milhões. Até mesmo aqui, depois de tudo, temem os ladrões dos seus tesouros.

Devo enganar-te, a ti que estás tão bem encaminhado? A ti que já venceste o mundo, que já desprezaste os tesouros, que quase já dominaste tuas paixões, para dizer-te que és um embaixador celeste, merecedor de honras, um grande estadista em viagem pela Terra?

Não, isso nunca. Prefiro dizer novamente como ensinou o Cristo:

Sê o último no Reino da Terra para seres o primeiro no Reino dos Céus.

XXVIII

O valor do sono é incontestável; necessário se faz a educação para bem sonhar.

Jesus Crucificado

A hora derradeira pairava ainda sobre o cume do Calvário lavado em manchas suaves de sangue. Uma grande dor invadia o mundo, e os discípulos apunhalados em pleno coração, soluçavam baixinho como animais feridos. João e Maria, transidos de pavor, abraçados, contemplavam, um, o Mestre Incomparável entre dois ladrões; a outra, o filho amado, no Suplício Supremo.

— Mulher, eis aí teu filho!

— Filho, eis aí tua mãe!

As palavras proféticas ressoavam ainda em seus ouvidos como derradeiros clarins no amanhecer. Embaixo, estende-se o mundo presente e o mundo futuro que surgiria da selva da terra fecundada na Cruz. A cabeça nobre do Mestre pendia silenciosa. O seu espírito porém buscava o espaço entre cânticos sublimes de anjos e querubins.

Descido da Cruz, sepultaram-no numa verdadeira fortaleza de pedra, onde as mãos humanas frágeis dos companheiros seriam incapazes de retirá-lo. Ele porém apareceu para todos e deu provas de Si mesmo, ainda bem não tinham secado as lágrimas dos seus discípulos amados.

A notícia da ressurreição correu célere como o vento, percorreu as pequenas aldeias, e inundou de alegria os cris-

tãos alvoroçados. Após isso, mais de quinhentos O viram na doçura sublime de sua majestade...

Discorria assim o orientador espiritual dos trabalhos naquela pequena colônia de trabalhadores desencarnados do espaço. Numerosas entidades iam e vinham conduzindo irmãos necessitados que durante o sono abandonavam o veículo carnal para receberem instruções do Alto.

Nisto entrou furiosa entidade do aspecto feroz e olhar desvairado. Contemplou os assistentes, mediu o bondoso orientador e gritou desesperada:

— Tudo isso é mentira! Vocês são uns hipócritas! Não posso acreditar! A morte reduz o homem a cinzas! Só o nada nos espera após o sepulcro! Jesus? Estão todos doidos? Deixem-no em paz onde está! A morte é o fim de tudo...

O Guia espiritual da pequena comunidade porém fez um sinal e dois espíritos que faziam as vezes de enfermeiros afastaram o infeliz da nobre assembléia que se perturbara um pouco.

— Meus filhos, disse o amigo noturno, como vêem, vocês estão aqui conosco na hora em que os seus corpos descansam em suas camas. Não estão mortos agora, mas estão distantes dos corpos carnais como se estivessem mortos. Ouvem os meus conselhos e têm assim a prova de que são entidades distintas do aparelho físico. O nosso irmão que aqui penetrou, como vocês neste momento separado do aparelho fisiológico, devido à fixação mental constante nas coisas da matéria, é incapaz de perceber o fenômeno que se passa com ele. Supõe que está na carne e que nós somos uma comunidade de encarnados numa agradável reunião de conversa indiferente... O coitado não percebe que é um espírito negando ridiculamente a existência do espírito. Desmente a Espiritualidade do Cristo porque não pode perceber que ele mesmo é uma entidade espiritual. Isso é doloroso e lamentável mas é a situação comum da maioria, esquecida de si mesma, olhando mais para a seara alheia do que para a sua própria, se perde em ataques desvairados... Imaginem pois a situação deplorável dos encarnados quando despertos. A vida, meus filhos, deve ser um trabalho constante de preparação para a morte e de luta pela compreensão cada vez maior. Se os homens avaliassem o valor do sono e pudessem compreender que a noite é uma oportunidade maravilhosa do aperfeiçoamento tudo seria diferente. Querem ter um exemplo? Vamos acompanhar por um momento a trajetória do nosso irmão infeliz que aqui penetrou.

Dizendo isso, imprimiu um pequeno botão oculto aos olhos pouco habituados dos ouvintes, e imediatamente no fundo do cômodo espaçoso iluminou-se pequena tela, semelhante aos filmes cinematográficos...

Pediu o orientador a concentração suave de todos e o desejo de acompanharem o espírito que se afastara fazia alguns momentos. Imediatamente, em tamanho reduzido, apareceu na tela o espírito desvairado que seguia precipitadamente para a casa de uma prostituta em São Januário.

Chegando lá foi penetrando no quarto de dormir. O espírito da mulher, parcialmente liberto da matéria, percebeu a presença do inimigo feroz. Gritou-lhe ele imediatamente nos ouvidos ao mesmo tempo que com mãos horríveis procurava estrangulá-la!

— Mulher maldita! Eu não lhe disse que se conservasse fiel ao meu amor? Não lhe prometi o sustento e o amparo? Odeio-a! Hei de odiá-la sempre!

A prostituta gemeu alto, percebendo inconscientemente que era atacada.

— Oh! Murmurou a mulher gemendo mais alto ainda, eu também queria ser fiel mas você não veio! Prometeu e não cumpriu... Eu estava morrendo de fome... Perdoe-me!

— Perdoá-la? Gritou o homem alucinado, quero matá-la, estrangulá-la de uma vez!

Depois, com uma decisão repentina, afastou-se. O olhos da assembléia espiritual acompanharam o homem que em alguns instantes penetrava em outra residência. Desta vez defrontou um espírito também de homem, que parece já o esperava. Travaram violenta discussão a propósito de negócios não realizados durante o dia.

— Você é um canalha!

— Você é que é! — Respondia o outro — não cumpre a sua palavra, não se esforça no trabalho. Rouba-me o que tenho. Amanhã mesmo o despedirei...

Finalmente, cansado, o espírito infeliz voltou a seu lar onde a esposa bondosa e amiga repousava calmamente ao lado dos filhos.

Veio e imediatamente apossou-se do veículo carnal, despertando a seguir como que tocado por um raio. Ainda era madrugada. Levantou-se da cama, cheio de pensamentos terríveis, e despertou a bondosa esposa, dizendo:

— Izabel, tenho tido sonhos horrorosos. Não posso mais dormir! Dê-me um pouco de sal de frutas.

A esposa levantou-se e foi atendê-lo.

O guia espiritual da comunidade apertou novamente o botão, a luz se apagou e ninguém viu mais nada na tela.

— Meus filhos, tornou o mensageiro, está na hora de nos retirarmos; eu porém quero mais uma vez encarecer a importância do sono para a humanidade. Esse pobre homem é considerado durante o dia negociante probo, bom chefe de família e indivíduo normal. Não resta dúvida que se envolveu passageiramente em sua mocidade com a prostituta que vimos. Todavia, a sua vida mental, a natureza dos seus pensamentos diários são tão maus e perversos que durante o sono ao invés de vir se esclarecer como vocês, ele continua a rotina dos seus ódios. Durante o dia duvida de Deus e descrê da existência da alma, durante a noite sofre as conseqüências do seu desvio. Tem ainda ódio no coração. Isso o leva a perseguir os seus inimigos constantemente. O valor do sono é incontestável; necessário se faz a educação para bem sonhar. O desprezo pelo Cristo Crucificado, vem da falta de educação para dormir. Quando os homens aprenderem a dormir, a humanidade se transformará...

Pouco depois dessas palavras, os amigos encarnados momentaneamente libertos da matéria voltaram aos corpos adormecidos.

A confusão porém continuou ainda por muito tempo a reinar nos lares da Terra.

XXIX

As revelações de Deus estão na Terra através de seus anjos e benfeitores desde o começo dos tempos...

Dificuldades da prece

Contam os anais dourados da Espiritualidade, que nos princípios dos tempos, o Homem, Filho da Terra e Herdeiro Divino, não sabia orar. Mal juntava as mãos segurando a machadinha impiedosa, deixando entrever nas pupilas chamejantes o ódio e a ferocidade. Subia os montes, descia os vales, penetrava no silêncio da planície em busca da alimentação sangrenta, nos despojos dos seus irmãos inferiores ou seguia no encalço do regato cristalino de águas claras e sonoras. Não olhava para o céu nem procurava nas noites consteladas o brilho das estrelas. Sonhava somente com a caça tímida que se escondia ao amanhecer e vinha à noite silenciosa nos aguadouros frescos. O Homem, solitário e triste, odiava o seu irmão e via em todos os homens o inimigo que lhe roubava a presa fácil. Daí não ser difícil encontrar na mata ou às margens dos grandes rios, ossadas antigas de homens primitivos que pagaram com a vida o desejo de luta. Nessa ocasião o "bípede implume" não pensava em Deus nem se comprazia na contemplação do Infinito. Temia o trovão e respeitava o sol. A Terra como ainda hoje, cobria-se de sangue e dores, sombras e lágrimas... O vale da dor estava cheio de gemidos lancinantes. O Homem acordava ao morrer o dia e repousava com as primeiras sombras do ocaso. O seu sono era de pedra. Todavia,

embora se sentisse satisfeito com as lutas constantes que tinham o sabor do esporte violento, a inatividade espiritual paralisava a mente humana, que se equiparava com pequena diferença às árvores e às pedras. Foi quando condoído e penalizado com a sorte infeliz do homem terreno, bondoso mensageiro se dirigiu ao Sólio Divino e implorou à Suprema Bondade que concedesse ao plano terrestre a bênção da oração que eleva e edifica.

Estudado o pedido, julgada a argumentação, considerou-se favoravelmente. No entanto, dizia a ordem celeste:

— O bom amigo que intercedeu merecidamente, na aquisição da prece para o plano terrestre deverá organizar com seus próprios recursos a mente humana para a recepção da ponte entre a criatura e o Criador, pois a Terra ainda está um pouco atrasada para a compreensão dos planos mais altos e a ligação com o Céu, se é uma bênção, não deixa de arrastar consigo inúmeros perigos.

O mensageiro leu e releu a ordem aparentemente incompreensível, e pôs-se a caminho da Terra certo de que em breves instantes daria ao homem terreno a chave da eterna vida. Dirigiu-se pois às cavernas em busca do homem primitivo. Para não se denunciar e aumentar as suspeitas, tomou a forma de um habitante da região, coberto com uma pele de animal selvagem e sobraçando pesada machadinha. Em alguns instantes estava diante do habitante da Terra.

— Meu irmão, disse ele, dirigindo-se ao troglodita, trago-te a bênção da prece que redime. Quando te sentires cansado e desanimado, junta as mãos e murmura estas palavras maravilhosas que te colocarão em contato com os seres mais evoluídos do que tu e te reanimarás.

O feroz habitante da caverna contemplou o irmão que lhe falara de coisas estranhas e investiu contra ele de machadinha em punho para uma luta singular.

O Anjo do Senhor, diante do inesperado da resposta, fugiu o mais depressa possível das garras do temível necessitado.

Compreendeu que deveria usar método diferente já que aquela forma não servia para ensinar ao homem a orar.

Assim que caiu a noite, revestiu-se da forma angélica mais luminosa e quando o Homem ia deitar-se apareceu-lhe em todo o esplendor.

O Homem porém, diante da Sublime Aparição, rilhou os dentes desesperado e saiu em disparada pela mata a dentro em gritos medonhos.

O Servidor Fiel porém não desanimou. Noutro dia, revestiu-se de toda a paciência e encaminhou-se para a caverna, sem apresentar-se ostensivamente e falou meigamente nos ouvidos do Homem!

— Meu irmão, eu sou a palavra do Senhor; lembra-te que estou a teu lado e posso auxiliar-te, escuta-me. Ensinar-te-ei a oração que constrói e edifica... Não me ouves? Não me compreendes?

O filho das selvas contudo olhou muito assustado a redondeza, contemplou irritado as árvores supondo que houvesse entre elas algum inimigo escondido, que lhe vinha povoar a mente de fantasmas. Armou-se por isso com as toscas armas e não deu importância à voz.

O Guia Espiritual após isso tudo, compreendeu a advertência da Orgem Divina. Mas não desanimou. Esperou que o Tempo passasse, confiado na Misericórdia Divina. A dor continuou povoando a Terra, o Homem continuou sofrendo e o Anjo da Prece aguardava pacientemente o momento de cumprir a promessa da Perene Oração.

Quando o Cristo desceu à face da Terra e a Missão Redentora seguia o seu curso, o Anjo da Perene Oração, encarnado na Terra, pediu ao Senhor:

— Amigo Misericordioso, ensina-nos a orar para que o Homem encontre no tumulto da vida a Paz Universal!

E o Cristo volvendo os olhos ao Pai, fez a singela e imortal Oração Dominical.

Só então é que o Homem pôde compreender que até a Oração Divina lhe foi ensinada com imensos sacrifícios e que o seu coração só pôde aceitar a semente do Amor na estação própria. As revelações de Deus estão na Terra através de seus anjos e benfeitores desde o começo dos tempos, mas o Homem só pode compreendê-las quando chega o momento oportuno.

Se o Céu desce sempre à Terra, raríssimas vezes a Terra sobe até o Céu.

XXX

. . .acreditam que o trabalho espiritual começa no instante em que abrem a sessão mediúnica.

Desencarne brutal

Anísio chegou ao primeiro posto de socorro espiritual na Crosta em péssimo estado. As pernas mutiladas pelo choque do automóvel contra as árvores, os olhos esbugalhados de espanto e terror, os braços contorcidos e moles. . . Conservava ainda a atitude da criança aterrorizada diante do fato inesperado. Não compreendeu portanto o chamamento do guia amigo e dedicado que procurava trazê-lo à consciência. Não houve meio adequado nem processo capaz de recolocá-lo na situação de espírito consciente. Apenas gemia e manifestava o seu torpor com exclamações alternadas de dor e incompreensão.

Daí a necessidade de levá-lo, passados tempos de convalescença inconsciente, a uma pequena reunião de servidores de Jesus em Marechal Hermes.

Aproveitando a calma da noite silenciosa, alguns emissários do Além trouxeram em maca especial o doente irresoluto para novo contato com a carne sofredora. Numerosas entidades amigas assistiam ao infeliz e algumas outras, sofredoras também, se acotovelavam na pequena sala da casinha humilde.

Ao sentir-se no meio dos fluidos humanos, Anísio já começou a manifestar angústias dolorosas e recordava rapidamente a cena do desastre. Via o perigo à sua frente e a imprudência que cometera pisando demasiadamente no acelerador

enquanto o carro entregue à fúria da explosão voava como um monstro pela estrada afora.

Assim, no momento em que entidade piedosa o aproximou e colocou no veículo carnal de jovem médium de incorporação, Anísio gritou desesperado e em lágrimas:

— Sou um infeliz, um desgraçado! O que é que estou fazendo? Corro para a morte certa! E minha mulher e meus filhos?! Deus, perdoa-me! Perdoa-me!

As lágrimas copiosas caiam-lhe dos olhos e ensopavam a roupa do médium que se convulsionava todo.

As pesoas presentes à reunião entreolharam-se surpreendidas pois raramente batia às suas portas um sofredor naquelas condições de dor.

Aumentaram a concentração e pediram a Jesus que o auxiliasse na sua Divina Misericórdia.

Anísio, após a prece sentida do presidente e dos sentimentos puros da assembléia, sentiu-se mais calmo. As lágrimas desapareceram e pôde distinguir nobre entidade que do nosso plano lhe falava sinceramente condoída:

— Anísio, você agora é um espírito desencarnado. Não pertence mais ao número dos que na terra chamam "vivos". Eu sou aquela que o gerou na carne. Sou sua velha mãe! Escute-me. Quero auxiliá-lo. Quero ajudá-lo.

Anísio reconhecendo a figura bondosa e atendendo-lhe as palavras percebeu toda a história do desastre e viu o mal que cometera. Voltou-se pois alguns instantes depois de manifestado para os presentes e debulhado ainda em lágrimas redentoras, exclamou:

— Agora eu sei que não pertenço mais à Terra, sou um espírito desencarnado. Compreendo a minha situação. Deus lhes pague a bondade e a dedicação.

Diante disso, houve no meio da pequena assembléia mais de uma mente que vibrou intensamente contra o infeliz:

— Como?! — Estava gravado nelas — Como é possível que este espírito nestas condições, ainda envolto em dor e sofrimento, compreendeu logo, imediatamente a sua situação angustiosa. Deveria levar meses para a compreensão! Com uma simples prece descobriu tudo! Não, nisso não creio eu! É impossível! É por coisas dessas que não posso às vezes aceitar o Espiritismo.

O Antenor, mais ousado e um dos quais não puderam aceitar a transformação brusca, pediu licença para conversar com o espírito diretamente. O Antenor era estudioso do Evangelho, ninguém podia negar isso, e grande ledor dos cientistas espí-

ritas e não espíritas. Por isso não se deixava enganar à toa. Iria pois submeter o pobre Anísio a um interrogatório completo e eficaz. Dirigiu-se pois a Anísio nestes termos, maliciosamente:

— Meu irmão, dê-me os informes exatos do desastre, como morreu, em que lugar, a que hora e dia certos.

Um pouco desapontado e desejando corresponder à bondade demonstrada e ao esclarecimento pedido, Anísio atendeu prontamente indicando nome, lugar, dia e hora do desastre. Indicou a família a que pertencia e quantos filhos possuia.

— Como pois, continuou Antenor, entrando você aqui mutilado e cheio de dores pôde se refazer em minuto apenas? Não acha isso um absurdo? Explique-me o fato.

— Bem, disse Anísio trêmulo, isso eu não sei; falavam-me ao ouvido enquanto vocês oravam e me esclareciam. Não sei como nem porque compreendi tudo num minuto.

— Não disse, bradou o jovem Antenor entusiasmado, estamos diante de um mistificador e de um mentiroso!

E dizendo isso, acusou o infeliz espírito das mais torpes maldades de que já haviam sido vítimas no grupo. A maioria a princípio cética começou a concordar com Antenor que levou a discussão ao ponto de confundir Anísio que ainda fraco e convalescente foi retirado do aparelho em estado de grande debilidade e cheio de calafrios. Com a retirada brusca do espírito, Antenor julgou-se triunfador e o presidente da reunião, humildemente curvou a cabeça, sentindo que se deixara enganar e que demonstrara pouca argúcia acreditando naquele espírito perverso e fingido. Antes porém de encerrarem-se os trabalhos da noite, quando a alegria de Antenor era maior, manifestou-se elevada entidade do nosso plano pelo mesmo médium que momentos antes servira ao Anísio, e dirigiu-se bondosamente a todos:

— Meus filhos, assistimos os trabalhos desta noite e vimos a luta travada entre o espírito que aqui esteve e o nosso bom e dedicado Antenor. No entanto, a bem da verdade e para tranqüilidade de todos, permitiu-me Jesus que esclarecesse o fato; o irmão sofredor que aqui esteve, por nome Anísio, não é um mistificador vulgar e mentiroso contumaz. É na realidade um espírito que teve um desencarne brutal, recentemente, em desastre de automóvel. A transformação imediata que sofreu em contacto com a carne e com a esfera física para nós é compreensível, meus amigos, pois que antes de vir à reunião de vocês, já ele fôra longo tempo submetido a tratamento e preparação na Espiritualidade. Não foi de um momento para

outro que ele se transformou aqui, não. Já estava sendo preparado há dias e durante muitas noites. Os espíritos necessitados não vêm a reuniões sem preparação prévia; aquele que vem a uma reunião na Crosta, reunião bem orientada e evangélica onde os sentimentos são puros, já conseguiu grande coisa. Enquanto vocês comentam o Evangelho e fazem preces, nós, deste lado da vida, doutrinamos os espíritos infelizes e procuramos, aproveitando a vibração ambiente, esclarecê-los. A maioria que aqui vem, esclarece-se sem mesmo se incorporar. Há muita coisa que os homens não podem compreender porque ingenuamente acreditam que o trabalho espiritual começa no instante em que abrem a sessão mediúnica. Não, meus amigos, o trabalho espiritual não cessa e é eterno. O descanso é palavra sem sentido na Espiritualidade e o vale da morte está sempre repleto de mensageiros que atendem, amparam e esclarecem.

Terminou o Emissário Celeste a sua comovida exortação e a assembléia ficou silenciosa, sentindo os efeitos do divino esclarecimento.

Antenor porém, ferido no seu orgulho, murmurava intimamente:

— Bonito discurso! Mas eu vou acreditar nisso? Eu não! Isso é o próprio médium que deseja justificar o fato lamentável. E não duvido nada se o mistificador for ele mesmo!

XXXI

...quando alguém me compreende
e vive as minhas palavras
se realiza nele o maior
fenômeno praticado...

A obra mais perfeita

Os discípulos amados seguiam o Mestre Incomparável nas suas pregações divinas em torno do Genezaré, nos vales da Galiléia e nas viagens longínquas onde a Missão Sagrada do Senhor o levava na exposição definitiva do Reino de Deus na Terra.

Cada qual louvava um fato mais impressionante e todos constantemente discutiam qual dentre os fenômenos realizados pelo Mestre seria o mais importante e o mais belo. Alguns admitiam que a transformação da água em vinho era o mais perfeito fenômeno e merecia o carinho de todos porque assinalava o início da Tarefa Redentora. Outros louvavam a Ressurreição de Lázaro como o supremo fenômeno e aquele que apresentava Jesus à Terra como o Homem-Deus.

Às vezes os ânimos se exaltavam nessas apreciações entusiasmadas e Jesus era obrigado a recorrer com doçura enérgica à sua autoridade de Mestre Incontestável.

— Afinal, dizia Ele com imensa bondade no olhar amoroso, por que disputais? Tudo o que o Pai nos concede é divino e sagrado e tanto vale a Ressurreição de Lázaro como o despertar de Pedro para a Vida Eterna. O que eu faço não é de mim mesmo que eu faço e tudo denuncia a Mão Sacrossanta do Pai que está sempre Vigilante.

— Mas, exclamavam todos, decidí por nós então, Senhor, qual destes fatos é o supremo, o mais importante e acataremos a Vossa Augusta Decisão.

O Mestre porém sorria e adiava a escolha definitiva do maior fenômeno.

Certo dia em que os discípulos reunidos meditavam num dos sublimes ensinamentos do Mestre, surgiu uma dúvida cruel a respeito de passagem controvertida. Não podiam penetrar no âmago da questão e compreender o significado profundo e oculto. Rememoraram todos os esclarecimentos recebidos mas não chegaram a uma conclusão clara.

Ensinara Jesus que aquele que quisesse ser o maior no Reino dos Céus se tornasse o menor no Reino da Terra. Ensinara o Amigo que somente a humildade diante dos homens fazia a grandeza diante do Senhor dos Mundos que exalta a humildade e condena o orgulho. Em vista da nova incompreensão gerada, recorreram ao Cristo imprecando um maior esclarecimento da passagem difícil.

— Senhor, exclamaram eles, não podemos compreender este novo ensino, pois nos dizeis que sois rei e que vindes para que as vossas leis governem e dirijam a Terra. Ensinastes que somente a submissão a Deus pode trazer a alegria e a felicidade. O nosso desejo é o de submeter todos os homens o mais depressa possível ao vosso império e fazer com que todos vos obedeçam. Queremos que a fraternidade reine na Terra e que todos, judeus e romanos, em todos os quadrantes do mundo vos respeitem incondicionalmente. Como pois conciliar este novo ensinamento? Se aplicarmos este ensinamento à nossa vida de cada dia, em breve estaremos submetidos ao mundo e ao invés de o governarmos ele é que nos governará e submeterá. Teremos que obedecer às leis constituídas, aceitar a autoridade do romano despótico e pagar todos os impostos que as leis ordenarem. Não podemos decididamente, entender esta passagem perigosa. Ser o menor no Reino da Terra não quer dizer ser o último em tudo e renunciar a tudo? Como pois renunciar a tudo e governar a Terra? Quem renuncia não governa!

Um clarão suave descia das encostas e o céu cheio de colorações harmoniosas formavam um quadro de sublimes tonalidades, emoldurando os cabelos cor de amêndoas do Suave Rabi.

Jesus fitou os discípulos que o contemplavam ansiosos e repetiu:

— Bem-aventurados os mansos e os humildes. Bem-aventurados sereis quando vos perseguirem em meu nome. Meus amados filhos, confiai sempre na Misericórdia Divina. Dizeis bem que é de difícil conciliação o que eu ensino e o que é necessário para governar o mundo. No entanto, queridos, não renunciaremos nunca ao governo do mundo que o Pai nos confiou. Até aqui o céu e a terra foram tomados e dirigidos por violência mas doravante o serão pelo amor. Não viemos imperar na terra com rédeas de governos temporários e efêmeros. O nosso governo meus filhos tem que ser o governo das almas e o império sublime do amor. Na Terra renunciamos ao governo de todas coisas mas não renunciamos aos laços do coração humano. Viemos submeter todas as criaturas à lei do amor e para que essa seja completa e perfeito só com a humildade o conseguiremos. Para se ser grande no Reino dos Céus é preciso ser pequeno no Reino da Terra porque desprezando as coisas da matéria exaltamos a beleza do espírito e humilhando-nos diante dos homens cresceremos diante de Deus. Quando eu me for no último dia, vossas almas se cobrirão de luto e julgareis que tudo acabou, mas eu voltarei para vós e nesse momento compreendereis estas minhas palavras. Não é o leme material que vós deveis desejar mas o leme espiritual. Que cada criatura encontre em vossos corações a imagem divina do amor e que cada alma desesperada encontre em vós o orientador seguro. Esse é o governo que preconizo e ensino. Humilhai-vos, esquecendo-vos que a Terra possui governo e lembrai-vos constantemente que a bondade e a doçura são o governo compatível com as vossas aspirações. Amai-vos uns aos outros como eu vos amei; renunciai a vós mesmos e entregai-vos ao mundo sem resistir ao mal."

Encerradas as palavras vibrantes do Mestre, os discípulos se calaram. Pedro, porém, que era o mais entusiasmado, caiu de joelhos para beijar a túnica do Senhor.

— Mestre, disse ele, derramando lágrimas de comoção, eu vos compreendo. Agora sei que de nada valho e que fomos escolhidos para dizer aos homens o que o Pai vos ensinou. Somos instrumentos de uma voz mais alta. Sim, eu vos compreendo e renuncio desde já a tudo.

O Senhor então afagou-lhe a cabeça como se Pedro fosse uma criança e ensinou de novo:

— Queríeis saber qual o maior fenômeno que realizei? Na verdade meus filhos, quando alguém me compreende e vive as minhas palavras se realiza nele o maior fenômeno praticado

pelo Filho de Deus. É a transformação do coração humano o que de maior tenho feito na Terra, porque todas as outras coisas passam e se esquecem, mas o coração regenerado e bom é eterno e viverá comigo para sempre!

Os últimos clarões da tarde desciam atrás dos montes e os discípulos se retiraram lentamente, emocionados e felizes.

XXXII

As religiões separam
os homens com barreiras
mas o amor de Jesus
reune a todos.

Velhice

O cura de pequena aldeia italiana situada nas encostas dos Alpes, envelhecia tristonho e aflito. Pregara em toda a vida os dogmas romanos, afirmara o valor do batismo, exaltara a excelência da confissão, dissera com entusiasmo da divindade da comunhão. Numerosos fiéis passaram no correr dos anos por suas mãos acostumadas a distribuir a hóstia com displicente contentamento. Lembrava-se ainda de delicada criança que o procurara chorando em noite de chuva e trovões, implorando a assistência espiritual para a velha mãe que estava prestes a partir, moribunda num leito de dores. A noite estava fria e não tivera a coragem necessária para enfrentar a chuva. Para desencargo de consciência, entregara uma hóstia à criança e dissera:

— Eu não posso ir minha filha, estou doente, mentira ele, mas tome lá esta hóstia e leve para a progenitora. Nesta hóstia está Jesus Cristo, ouviu?

Lembrava-se como a criança apertara esperançada a hóstia nas pequeninas mãos enregeladas e saíra na noite, só e desamparada, levando como único companheiro aquele Cristo fundido no pedaço de pão, símbolo da vida eterna.

A consciência do velho cura mordia-o por dentro naquele dia:

— Afinal, pensava ele, agora estou no fim da vida, outro virá me substituir nesta igrejinha e fará o que eu fiz. Sem conhecer o Cristo e o que Ele ensinou verdadeiramente, trans-

mitirá aos semelhantes princípios incertos e caminhos desconhecidos...

Foi quando atrás de uma coluna do templo, surgiu um espírito inferior, usando a forma antiga de Satanás.

O cura arregalou os olhos e exclamou:

— Vai-te Satanás, não te quero na Casa de Deus!

O "Diabo" que é conhecedor antigo das escrituras, cofiou a barbicha diabolicamente e entrou em conversação com o padre:

— Meu filho... por que tem tanto medo de mim? Nós sempre vivemos unidos na melhor fraternidade possível. Porventura, ensinando aos homens caminhos incertos não estavas servindo a mim que gosto de receber os incautos nos caminhos tortuosos da vida? Sou velho conhecido desta casa e tenho auxiliado aqui no trabalho de cada dia. Não podes agora me desprezar.

O padre ao ver o "Diabo" começara a suar e implorar:

— O que desejas de mim? Queres me levar?

— Não, respondeu "Satanás", não vim buscar-te. Vim apenas conversar contigo. O que pensas agora que estás à morte, da vida espiritual? Se responderes com senso estarás salvo.

O padre arregalou de novo os olhos e expôs sinceramente:

— Tens razão. Cumpre-me dizer a mim mesmo, nesta hora, o que penso da vida espiritual e do bem que ela pode nos trazer. Quando eu era jovem e acreditava na vida, duas tias, parentas de meu pai, solteironas sem esperanças, sonharam ter-me sempre ao seu lado para ampará-las e protegê-las e o melhor meio seria o de tornar-me padre e ministro de Cristo. Enviaram-me para o seminário. Nos primeiros anos senti a revolta da prisão indébita e o dever terrível de tornar-me sacerdote, renunciando violentamente a tudo que o mundo oferecia. Minha consciência se revoltava contra a situação. Eu ainda desejava viver e sonhava casar-me e criar filhos porque sempre adorei as crianças. As minhas tias, no entanto, decidiram o meu destino. Sem pai ou mãe que me amparassem sujeitei-me à decisão das que se tornaram meu pai e minha mãe no correr da vida. Sofri muito no seminário. Com o tempo, acomodei-me à situação. Minha alma compreendeu cedo ainda que a Igreja era uma organização humana mais dedicada a governar o mundo materialmente que iluminá-lo espiritualmente. Convenci-me disso e entrei para a vida propriamente eclesiástica disposto a tudo. Li os Evangelhos sem me preocupar com o seu sentido eterno. Aceitei os dogmas da Igreja como decretos muito bem feitos e

sagazes e recebi a infalibilidade papal como medida política de profundo alcance.

Perambulei, após, a ordenação, um pouco pelo mundo e vi que em todos os povos a Igreja lançava os seus tentáculos. A Terra estava praticamente governada pela Igreja. Em vista disso comecei a considerar que minhas tias dispuseram de profunda sabedoria quando me enviaram ao seminário. Mas hoje... meu velho "Satanás", vendo-te aqui, sei que escolhi o pior caminho e que de nada me serviu o Reino da Terra porque perdi o Reino dos Céus!

Diante das palavras desconsoladoras do sacerdote, o "Diabo" condoeu-se dele e aproximou-se mais:

— Velho padre, lamento ter de estar contigo mais alguns séculos. Depois da tua confissão, tão sincera e tão angustiosa, eu sei que para ti só o tempo pode servir.

E "Satanás" deu uma gargalhada diabólica exclamando terrível:

— Mal sabes, hipócrita, o mal que me fizeste em outras existências, mal sonhas o quanto sofri por tua causa! Desejaria queimar-te no fogo eterno, mas não preciso disso porque a tua consciência se encarregará de ti.

Furiosamente, acercara-se do sacerdote que caído no solo agonizava e apertava-lhe o pescoço para estrangulá-lo.

O velho padre em lágrimas, porém, clama do fundo do coração:

— Perdoa-me Senhor! Sou um pobre pecador incapaz de conduzir-se a si mesmo na vida eterna e no labirinto da morte.

Uma prece fervorosa de arrependimento brotou-lhe do coração angustiado e subiu ao infinito.

Nessa hora, a porta da igrejinha se abriu e uma criança luminosa entrou risonha e feliz. Dirigiu-se ao padre e disse bondosamente:

— Padre, por que choras? Não confia em Jesus? Ele o amparará!

— Quem és tu, minha filha?

— Eu, murmurou a criança, sorrindo, eu sou aquela criança a quem deste a hóstia no dia de chuva. A tua intenção foi boa porque desejaste sinceramente que Jesus estivesse naquela hóstia e me acompanhasse. Desde aquele dia Jesus está comigo e eu lhe sou reconhecida.

— Mas eu te abandonei filha, eu te menti!

— Não, meu irmão; mentiste e muito, mas quando eu saía o arrependimento brotava no seu coração e daquele dia em diante te tornaste reto e bom. Não enganaste a mais ninguém.

E o padre em lágrimas murmurou:

— Não sou digno de ti!

— Todos, meu irmão, disse a criança, são dignos uns dos outros. Jesus nos ensinou que amparássemos os pecadores e levantássemos os infelizes.

As religiões separam os homens com barreiras mas o amor de Jesus reune a todos. Perdoa, esquece, trabalha, e renova-te, ama com Jesus Cristo e serás digno de todos os tesouros do Céu.

XXXIII

Subiu do vale da sombra
até o sólio da luz eterna,
como a pomba da paz,
a sua palavra sentida...

Outros amigos

Após trabalhar durante sete anos no humilde Grupo de tarefas espirituais em Madureira, Vinício cansou-se do ambiente. Meditou muito antes de tomar uma decisão. Estava alí havia sete anos, desenvolvera as faculdades mediúnicas, distribuira receitas vindas diretamente do Além, atendera milhares de sofredores vindos de toda a parte, mas não estava satisfeito. Dizia ele que a incompreensão era geral. Sempre as mesmas caras, os mesmos amigos, os mesmos companheiros com as suas velhas manias. Ele não; queria outros ares e buscava amigos novos que lhe dessem algo de suculento em matéria espiritual. Em Madureira pregava-se Evangelho e distribuiam-se receitas. Isso era lá vida? Todas as noites o trabalho se revestia daquela característica horrível de atender doentes, estropiados e coxos. Afinal, ele não era nenhum Cristo para andar acompanhado por aquela turba cheia de farrapos e repleta de feridas.

— Mas, objetou-lhe o presidente da casa com lágrimas nos olhos, como haveremos de fazer sem o seu concurso? Você é o único médium receitista que temos. A procura de receitas é enorme. Esses infelizes ficarão tristes e não encontrarão o consolo que desejam.

— Não? — Exclamou ele dando uma gargalhada — E o que me importa isso? Estou ficando velho aqui! De Espiritismo só

conheço este barracão imundo... Quero me instruir, quero conhecer outros centros. Afinal, quero andar um pouco. Quer saber de uma coisa? Estou cansado de tudo isso!

— Mas... gaguejou o amigo, e a tolerância ensinada por Jesus?

— Por causa dessa tolerância é que fiquei sepultado aqui sete anos!

Com essas palavras Vinício se despediu para sempre da oficina de trabalho que o Pai lhe oferecera amorosamente.

O Grupo humilde ficou em breve vazio de sofredores e todos erguiam preces a Deus pedindo a volta de Vinício. O tempo passou vertiginosamente e Vinício se encaminhou para onde desejava. Procurou os grandes centros de população, gozou a vida mundana como num desafogamento de mágoas sufocadas; só freqüentava daí por diante sessões de pregação em casas conceituadas. Com o tempo, quis conhecer outras religiões e buscou conferências de cunho espiritualistas. Nos últimos tempos já freqüentava a Igreja de Roma. Esqueceu-se do Espiritismo e do seu apostolado mediúnico. Quando alguém lhe perguntava:

— Como está meu amigo, e a mediunidade?

Ele respondia:

— Mediunidade? Eu nunca possui isso. Naquele tempo eu devia estar louco e enganava os infelizes. Essa história de comunicação com os mortos é facécia e ilusão. Fica bem para os tolos. Nós homens de sociedade não devemos nos preocupar com isso.

Mais tarde, Vinício esqueceu-se da própria Igreja de Roma. E quando lhe diziam agora:

— Ora, Vinício, e a religião?

— Religião? Essa é boa! Deus não existe e tudo acaba com a morte. Não percamos tempo com essas coisas infantis.

Passaram-se os anos e Vinício, desencantado da vida, passou a freqüentar assiduamente os botequins mal afreguesados e a sorver o divino licor de Baco. Entidades perversas que o acompanhavam desde o começo, sentiram que a sua vitória se aproximava e o tomaram completamente. Entregou-se ao álcool, dedicou-se aos amores impuros e foi caindo de degrau em degrau. Espíritos malígnos gritavam nos seus ouvidos:

— Suicida-te, tolo! A vida é inútil. Deus não existe e tu não possuis alma! Para que viver?

O pobre homem rolava vertiginosamente no caminho das sombras. As entidades luminosas impossibilitadas, por culpa

dele, de ajudá-lo, distanciadas, lamentavam o acontecido e aguardavam para qualquer momento um desfecho horripilante.

Um dia começou a ouvir palavras estranhas murmuradas com medonho acento:

— Médium covarde! Por que me abandonaste!? Morri por tua causa. Implorei-te remédio e podendo dar-me negaste-me. Ser repelente sofre agora!

Outra voz escarnecia:

— Não tens alma hem?! Nós aqui estamos à tua espera! Separa-te do corpo e verás se não tens alma. Fugiste do serviço, mau servo! Meu filho morreu por tua causa!

E milhares de vozes diabólicas clamavam do abismo negro e medonho.

Aterrorizado com o quadro que já se desenhava a seus olhos, Vinício se recordou dos primeiros tempos, das horas amáveis com os velhos e dedicados amigos que falavam do Evangelho, que repetiam a caridade e que pregavam o amor. Como aquilo tudo era suave e divino!

Lembrou-se e começou a chorar enterrando as mãos crispadas nos cabelos negros. Grossas bagas de suor desciam-lhe da testa. Os olhos injetados, buscavam no fundo do espírito aqueles sentimentos de caridade que o inspiraram durante tanto tempo. Mas fôra um louco. Desprezara o ambiente humilde e pacato acreditando que o mundo muito teria a lhe dar e agora, sentia ele, perdera a própria alma na qual quase deixara de acreditar.

Nascida do seu coração brotou uma prece fervorosa a Jesus, implorando perdão pelos erros e pelas faltas dolorosas. Subiu do vale da sombra até o sólio da luz eterna, como a pomba da paz, a sua palavra sentida de pecador. Nesse instante começaram a cair sobre a cabeça de Vinício uma chuva de pétalas de rosas e entidades amigas dos antigos tempos se aproximaram dele carinhosamente. O médico espiritual que o auxiliara durante sete anos afagou-lhe a fronte com meiguice e disse:

— Graças, Vinício, pelas lágrimas redentoras que estás derramando. O coração que chora arrependido é um coração santificado e a prece que sobe do fundo do Abismo para os Cimos da Esperança e da Paz é um Mensageiro de Amor...

— Eu porém, sou hoje um pecador vulgar... protestou Vinício chorando convulsivamente. Reconheço que não mereço amparo e amizade.

— Não, meu filho, disse o médico bondoso. És a ovelha de que falava Jesus. Há mais alegria no Céu pela tua volta do

que pela chegada de cem justos. Os que se arrependem estavam perdidos e foram encontrados.

— Mas, e os sofredores que desprezei, que não atendi?

— O mundo, Vinício, ainda está cheio de sofredores. Vamos meu caro, continuou o amigo espiritual, dentro de algum tempo retornarás à carne para realizar de novo a missão em que falhaste. Ninguém deixa de cumprir o que promete e ninguém deixa de pagar o que deve até o último ceitil. Foste fraco acreditando ingenuamente que a tua mediunidade dependia exclusivamente de ti e foste insensato supondo que um ambiente simples e humilde não te servia. Já que preferiste verificar os fatos pela própria experiência guarda também essa nova lição que os médiuns que fogem do trabalho por este ou por aquele motivo sofrem as conseqüências dos seus atos. É preferível lidar com entidades esclarecidas e amigas que ajudam do que com obsessores diabólicos, que acusam e escravizam, não acha?

Vinício curvou a cabeça envergonhado e o mensageiro, tranqüilamente sorriu, afagou-lhe os cabelos e terminou:

— Deixa de tristeza Vinício, os milênios estão aí, vamos aproveitá-los!

XXXIV

...porque o meu Reino
não é de exclusivismo
mas Reino de
libertação e luz.

No Evangelho do Reino

— Senhor, dizia Pedro ao Mestre Bem-Amado, esclarece-nos a consciência ensinando o que vem a ser: eu estou no mundo mas não sou do mundo.

Jesus sorriu mansamente, contemplou Pedro com os olhos amorosos e expôs na simplicidade da sua maneira sublime e cativante:

— Sei o quanto é difícil para vós meus filhos compreender as palavras de vida que vos tenho dado. O Pai enviou-me a vós para que vós o conhecêsseis mas poucos têm entendido o que digo. Sois ainda como criancinhas tenras que não podeis ingerir alimentos sólidos e como a sementeira nova incapaz de suportar os raios do sol mais quente. Eu porém vos esclarecerei até o final dos séculos naquelas coisas que o Pai me permitiu que vos esclarecesse. Eu estou no mundo, meus amados, porque era necessário que uma voz mais alta e mais autorizada falasse ao coração endurecido dos homens e lhes mostrasse o caminho espinhoso da ressurreição e da vida. Moisés encaminhou-vos através do deserto para o altar do Deus único porém terrível na sua autoridade. As criaturas submeter-se-iam ao império do Deus que sendo Justo não perdoava. O mundo estava portanto vazio de Amor e de Esperança, Enviou-me então o Pai para que a Esperança e o Amor habitassem a Terra. Em verdade, Moisés foi a espada e a justiça. A justiça que eu vos

trago é mais doce e mais suave. Não submete pela espada nem obriga pela força. Obriga sim pelo coração, pela bondade, pela doçura. Eu estou no mundo porque o Pai determinou-me que viesse ao mundo, mas não sou do mundo porque antes de existir o mundo eu já existia em comunhão com o Pai e com o seu Amor. Não sou do mundo porque o mundo por ora não me conhece e não me aceita. Vós todavia me aceitais e por amor de vós e de outras ovelhas que não são deste aprisco, estarei no mundo até que os séculos cantem o Hino da Redenção Eterna. Os lobos vorazes também têm o seu rei e regozijam-se com ele, vós contudo que sois meus discípulos deveis regozijar-vos com o que vos ensino e vos peço. Se não fazeis o que vos peço como pois dizeis que fazeis a minha vontade e que me seguís? Eu estou convosco em todas as horas mas desejo que vós estejais comigo em todos os instantes. Porque então vós também não sereis mais do mundo, pois que o mundo não terá mais força e domínio sobre as vossas almas. Para não serdes do mundo, como eu não sou do mundo, deveis abandonar as coisas do mundo e esquecer que o mundo existe para o mal. Amai-vos como eu vos amo. Como o Pai ama a seus filhinhos e como a mãe acalenta o seu rebento. Ficareis assim acima do mundo e o mundo que é perverso e mau vos esquecerá também. Para abandonar as coisas do mundo basta colocar a mente nas coisas do Pai e ensiná-las e exemplificá-las com amor e doçura. Compreende agora Pedro, porque eu estou no mundo mas não sou do mundo? Sou de plano mais alto e volto para ele assim que a vontade do Pai se completa em mim."

O sol radioso nimbava de luz maravilhosa a cabeça olímpica e santificada do Mestre, que voltando os olhos para o céu exclamou:

— Digo-vos mais, meus filhos, até que alcanceis a alegria de estar no mundo e não ser do mundo, tereis que lutar dolorosamente em vossos corações. As vossas almas terão que enfrentar as lutas íntimas de aperfeiçoamento ascensional e constante. A missão dos que vieram iluminar é sempre precedida da iluminação dos que se propõem a discípulos. Como quereis que a vossa lâmpada ilumine as cidades e clareie o caminho de sombras se ela ainda não tem azeite? Enchei pois as vossas lamparinas primeiro com o azeite do amor e do perdão e depois distribuireis com os vossos irmãos sequiosos de esperança e de consolação. Não vos preocupeis com o dia de amanhã e com os seus males. Não vos turbeis e não tenhais receio de que o mundo vos sufoque. A Providência Divina conhece as vossas necessidades e encherá as vossas mãos com

o pão da vida. Aqueles que amam ao Pai não morrem pelos caminhos porque mãos carinhosas os amparam sempre. Os filhos do Senhor em verdade estão espalhados por toda a Terra e esperam apenas o sopro vivificador de renovação. Amai-os sinceramente, amparai-os como eu vos tenho amparado e todas as minhas palavras deixarão de ser enigmas pois que os vossos corações se abrirão para a Eterna Vida. Tendes confiado em mim porque vos tenho revelado prodígios e mostrado o meu Poder. Aprendei todavia a confiar no Pai que é mais poderoso do que eu e Ele vos dará também a vós o Poder ilimitado. Pois que Ele já vos ama e vos tem como filhinhos bem amados. O Pai é terno e justo e a ternura do Pai não tem limites. Vencereis o mundo se amardes ao Pai como Ele deve ser amado. Se vos prendeis demasiadamente aos bens terrenos, estais sujeitos ao império da matéria e em breve esquecereis a vida do espírito. Eu vos escolhi como ceifeiros da minha semeadura. Eu semeei e me vou do mundo mas vós sereis os meus ceifeiros e colhereis os frutos do que semeei. Em verdade vos digo que outros virão do Sul e do Norte, Oriente e do Ocidente, aos quais não conheceis e que semearão e colherão mais do que vós porque o meu Reino não é de exclusivismo mas Reino de libertação e luz. Ninguém é maior na Casa do Pai senão aquele que trabalha sem esperar e ama sem ser amado. Não tenhais receio meus amigos porque dia virá em que as palavras do Filho de Deus serão tão claras para os homens como o sol e as estrelas, como o dia diáfano e como a pérola brilhante que jaz no fundo das águas."

Terminada a exposição empolgante, Pedro e os demais discípulos tinham os olhos rasos d'água e sublimes pensamentos enchiam as suas almas.

— Senhor, disse Pedro, creio que és verdadeiramente o Filho de Deus porque vossas palavras abrem na minha alma horizontes novos e me conduzem para os páramos iluminados do êxtase!

— Em verdade vos digo — Tornou Jesus sereno e pensativo — que dia virá em que todos vós sereis chamados filhos de Deus e em que as vossas palavras serão para o mundo como bálsamo suave e lenitivo amoroso. Porém, vos digo ainda que até esse dia, todos os que me seguem deverão esperar sempre tribulações e lutas, incompreensão e dor, morte e martírios, sofrimentos e zombarias, porque penetramos nas sombras do abismo e o abismo está cheio de escolhos. Eu vos trouxe ao mundo nas horas de sombras para que a vossa luz resplandeça para sempre!

XXXV

O primeiro grito
de vida da criança
foi o último grito
de vida da mãe.

Missão arriscada

Quando Firmino Neves reencarnou, as entidades que o assistiam nos últimos momentos eram unânimes em afirmar o risco da missão que solicitara. As primeiras claridades do dia invadiam a residência confortável que seria na Terra o novo lar do nosso irmão. Cortinas de veludo pendiam da alcova repleta de obras de Arte e de peças formosíssimas. Lustre de elevado custo pendia no centro do quarto e um berço maravilhoso aguardava a chegada do hóspede que até àquela hora se ocultava ainda nas entranhas da jovem mãe. De acordo com as instruções superiores, Firmino Neves ao nascer causaria a morte da progenitora, como de fato sucedeu. Esse seria o seu primeiro passo na vida, resgatando é certo, dívidas passadas, o traria para ele a prova dolorosa das acusações do futuro pai, apaixonado pela esposa e que jamais se conformaria com o desenlace.

Algumas horas após o nascimento de Firmino, a progenitora desencarnou em boas condições porque entre os véus de uma hemorragia intensa que lhe deu a impressão de suave vôo para o infinito. O primeiro grito de vida da criança foi o último grito de vida da mãe. O pai diante do fato consumado, abatido, desanimado, revoltou-se contra a criança e desde aquele instante negou-se a vê-lo e desconheceu-o como filho legítimo do seu amor. Passou a venerar a esposa morta e a

desprezar o filho vivo, emissário divino para a sua redenção. Assim cresceu o pobre Firmino, desprezado pelo pai, pouco amado pela criadagem que no desejo de agradar ao patrão, acusava-o de tudo o que sucedia na bela residência certos de que o dono da casa mais ainda se enfureceria contra ele.

Firmino cresceu pois entre o desalento e a violência. É verdade que o pai não lhe negava dinheiro para a educação.

Escolheu um velho padre, bondoso e amigo, para a educação da criança e orientação geral. Fizera essa escolha movido por um sentimento de ódio, pois de acordo com suas concepções o velho reverendo era um homem pusilânime, incapaz de reagir diante da vida humana, sempre metido com Jesus, outro vagabundo sem eira nem beira que se fizera rei do mundo, também na opinião do rico senhor. O padre, condoído da criança, afeiçoou-se-lhe profundamente e dedicou-se a ela com o coração e a alma. Transmitiu-lhe os seus conhecimentos de latim e grego, de história e filosofia, de religião e os seus sentimentos elevados de amor ao próximo. O reverendo porém, assim que Firmino atingiu os vinte anos, desencarnou e o nosso pobre irmão ficou só no mundo material, tendo Jesus por bússola e o conhecimento por amparo, diante da ferocidade do pai que aumentava dia a dia. O pai de Firmino nos últimos tempos dera-se à bebida e vivia a repetir em altas vozes:

— Esse infame do meu filho é que me destruiu a vida! Eu era um homem feliz até que me apareceu esse cão. Depois disso... sou um perdido e um devasso!

Firmino certo dia procurou falar-lhe bondosamente e explicar-lhe que não era culpado do que sucedera, que Deus tem desígnios inescrutáveis e que possivelmente haveria razão para que isso sucedesse.

— Razão? Gritou o pai enfurecido. Além de te dirigires a mim que te desprezo, ainda tens coragem de afirmar que há razões divinas para o teu crime? Vai! Some da minha frente!

Com os olhos lacrimosos, Firmino ocultou-se no fundo do jardim, atrás da pequena capelinha que o bondoso reverendo construira com suas próprias mãos e aguardara confiado em Jesus que o pai algum dia recuperasse a razão e o perdoasse.

A vida de Firmino limitava-se agora à leitura dos livros religiosos, à oração e ao estudo. O mundo não o preocupava e o dinheiro não o seduzia. Tinha como amigos dedicados as árvores amigas do jardim, os pássaros que vinham comer na sua mão, recordando o humilde Francisco de Assis, e os peixinhos dourados que recebiam alimento diário que ele lhes atirava.

Cedo percebeu Firmino que tinha uma missão a realizar naquela casa e era convencer ao pai que o odiava das verdades eternas que aprendera no Evangelho de Jesus. Esperou pois a oportunidade propícia.

Soube certa ocasião que o pai perdera grande soma no jogo e estava desalentado. Buscou-o então, indo bater à porta do seu gabinete, coisa que não fazia nunca. O pai, espantado, abriu-lhe a porta e perguntou áspero:

— O que deseja de mim? Já não lhe disse que não me procurasse? Não o considero meu filho!

— Pai, exclamou Firmino com lágrimas nos olhos mansos, sei que estás triste e amargurado! Deixa-me reanimar-te e amparar-te. Deixa-me encostar a cabeça no teu ombro e dizer-te que os tesouros da Terra de nada nos valem e que tudo passa sobre a Terra. Consola-te comigo que sou teu filho!

Mas o pai de Firmino, passado o primeiro instante de torpor e espanto, gritou para o rapaz:

— Falas de consolo e amor como se eu não soubesse que vem me acusar por eu dilapidar a fortuna que em breve lhe pertencerá! Não acredito nas palavras. Diz que os tesouros da terra de nada valem mas eu vejo nos seus olhos o desejo cruel de que eu morra! Saia daqui que não posso vê-lo!

Foi-se mais uma vez Firmino triste e desalentado. Evidentemente o pai não o compreendia ou deixara empolgar-se pela má vontade. Algum tempo mais tarde o dono da propriedade foi vítima de um atentado injusto, acusado de estar fazendo a corte à esposa de nobre amigo. Ferido com um tiro de pistola, gemia prostrado no leito. Enquanto não deu acordo de si, o filho foi o enfermeiro dedicado e o amigo indefectível. Fazia-lhe os curativos, trazia-lhe alimento e não permitia que ninguém mais velasse ao lado do pai que esteve oito dias assim entre a vida e a morte.

Voltando ao normal, quando amanhecia o último dia da semana, berrou ele ao filho que preparava uma injeção:

— Larga isso, demônio! Afasta-te satanás. Eu bem sabia que o teu desejo era matar-me!

Com os gritos e exclamações do velho rabujento, correu a criadagem e agora revigorada com a atitude do dono e patrão, pôs Firmino fora do quarto.

O pai porém ficou sabendo por informações indiretas que Firmino cuidara dele no correr daquelas noites de dor. Isso não modificou a sua atitude com respeito ao rapaz. Persistiu na incompreensão e nas acusações.

As sombras da velhice já vinham invadindo o velho solar e o ódio do pai de Firmino não se aplacava, antes aumentara. O rapaz, seguindo os impulsos do seu coração, amparava os pobres e os necessitados, atendia os infelizes e angariava pouco a pouco as simpatias da vizinhança. Não tardou a lhe darem mesmo o título de santo, que ele recusava com energia. Essa atitude ostensiva do filho aumentou a cólera do velho que mandou chamá-lo, certo dia.

— Meu filho, disse ele sarcasticamente — Firmino sentiu brilhar a luz no seu coração quando ouviu pela primeira vez o nome: filho! —, meu filho, disse o velho, sei que de uns tempos para cá você resolveu tomar atitudes de santo com o objetivo de menosprezar publicamente a minha pessoa. Está fazendo política de terceira classe, ligando-se a famintos e a vagabundos, o que não posso consentir por deslustrar o meu nome. De hoje em diante pois, corto-lhe a pensão que lhe concedia. Aviso-o também que se considere deserdado porque embora seja você o meu único herdeiro, entregarei a minha fortuna ao Estado alegando todos os desgostos que me tem dado no correr da vida ao mesmo tempo que direi que foi você que atentou contra a minha vida, há tempos atrás, porque como você sabe eu não poderia indicar o criminoso sem grande escândalo.

Firmino curvou a cabeça submissa e explicou:

— Em vista disso, senhor, peço-lhe perdão de todo o mal que lhe causei e hoje mesmo me retirarei da sua residência.

E assim fez. Como porém era amoroso e dedicado ao pai, conseguiu barracão ao lado da residência paterna e assim que a noite caía, ia dormir para que ninguém soubesse que o pai o expulsara de casa. Orava constantemente pela felicidade paterna e atendia a todos com amor e benevolência. A sua dedicação ao povo sofredor porém era tanta que o Senhor Jesus lhe concedeu grandes dons espirituais, que em breve substituiram a riqueza paterna com vantagem. Ao invés de dinheiro e comida, dava aos infelizes conselhos e esclarecimentos, curava-lhes as doenças e amparava-os fraternalmente. A sua fama correu longe e milhares de indivíduos vieram à sua procura em busca de alívio e da paz. O pai em vista disso exigiu-lhe que mudasse de nome, o que ele fez sem revolta alguma, pois que ninguém o conhecia senão por "santo" e "amigo". O que era mais doce e mais fraterno.

Assim correram os anos. Firmino crescia em obras e o pai afundara-se na lama das paixões e dos desregramentos.

Incapaz de servir ao pai, embora servindo a todos, Firmino orava e chorava em silêncio amoroso.

Vítima de um colapso cardíaco o pai de Firmino passou de repente para o outro plano da vida em péssima situação espiritual. O rapaz continuou a sua missão arriscada, na pobreza e na dor. A fortuna paterna foi parte entregue ao Estado e parte devorada pelos advogados sem escrúpulos. O moço cristão não fez um gesto para defender o que era seu. Compenetrado do seu trabalho terreno, prosseguia com os olhos fitos em Jesus. Nunca revoltou-se; jamais acusou o destino ou desprezou a vida.

Eu ouvia embevecido a história amarga de Firmino, quando o amigo que a expunha calou-se.

— Como, disse-lhe eu, a história termina aí? E o fim? Não conseguiu Firmino reconciliar-se com o pai?

O Bondoso Amigo sorriu da minha curiosidade e explicou-se:

— Não, a história não termina aqui. Ela continuará ainda por muitos séculos. Firmino hoje é elevadíssima entidade espiritual, dispõe de poderes que na Terra seriam considerados ilimitados, mas apesar disso pouco poderá fazer pelo pai que o odeia. No passado longínquo eles tiveram lutas terríveis. Um evoluiu rapidamente e atingiu a paz e a bem-aventurança. O outro continua apegado à carne, ao ódio. Mas terão ambos que recair constantemente nessas arriscadas provas até que esteja pago o "último ceitil" ensinado por Jesus.

Fiquei silencioso e na minha tela mental cruzaram pensamentos sem fim a respeito do livre-arbítrio. Eu agora via o quanto era justa a justiça divina que não permitia que um ser elevado capaz de servir a milhares de desconhecidos na Terra, violentasse o livre-arbítrio de outrem embora ligado a ele por laços milenares!

A verdade é essa: nem para amar poderemos desrespeitar a entidade espiritual que cada um possui diante do universo inteiro. E por maior que seja o nosso amor, teremos que esperar o escoar dos milênios para que se complete a obra de renovação espiritual que compete a cada um!

XXXVI

Temos por nossa
conta a eternidade.
Algum dia
ele te ouvirá.

Emissário Divino

O Senhor Supremo do Universo enviou elevada entidade aos abismos sombrios da Terra com a missão sublime de convocar o Homem para o trabalho celestial.

O Emissário Divino descendo ao vale das sombras e da morte, abordou humilde lavrador que arroteava a terra e lhe disse:

— Meu irmão, venho do País da Luz e da Claridade, trago-te uma mensagem de vida eterna e represento o Criador na sua Misericórdia Infinita. Deixa o teu arado de cada dia e vem colocar as mãos no arado celestial que redime almas e salva corações!

O lavrador contemplou-o serenamente e respondeu:

— Não cuido dessas coisas Senhor, e cada dia curvo-me para a terra no intuito de aumentar cada vez mais os meus haveres e os meus bens. Estou muito ocupado para tratar de assuntos do céu. Tenho numerosa família e não me sobra tempo para atender ao teu chamado.

Buscou, pois, o Enviado do Senhor descuidada bailarina que voltava da festa e lhe repetiu:

— Sou um emissário do Mestre, minha irmã, e venho convocar-te para o serviço do Pai Amantíssimo. Abandona o teu labor sacrílego e segue-me.

Ela porém bocejou, olhou-o de alto a baixo e exclamou:

— Não me interessa a tua missão. Gosto da vida e estou bem no teatro. Represento mal mas os homens pagam-me bem. O que me importa o dia de amanhã?

O Anjo entristeceu-se e procurou um pobre sapateiro que fazia meia-solas e suava dia e noite no martelo desesperançado e incompreendido.

— Sou um mensageiro do Alto, disse o enviado, e venho buscar-te para a Obra do Pai que se inicia na Terra. Por teu intermédio muitos infelizes serão curados e muitas almas se salvarão. Serás um oráculo dos espíritos elevados e um transmissor da palavra divina. Falarás em diversas línguas e terás numerosos dons que te farão feliz no Reino de Deus. O sapateiro contudo não deu atenção ao Missionário do Céu e continuou em seu labor incessante, aplicando-se cuidadosamente na confecção de determinado par de calçados.

O Embaixador Celeste marchou então no encalço de um pobre aleijado, que às portas da cidade mendigava e sofria, expondo dolorosa chaga que lhe corroía a perna.

— Mendigo, disse o Amigo de Cima, alegra-te porque o Senhor convoca-te para o trabalho sublime da escalada espiritual. Caminharás doravante com desempeno e mensageiros diversos te assistirão tornando-te amado e seguido no Nome do Pai. Não mais mendigarás porque todas as portas se abrirão para ti. Levanta e acompanha-me.

O aleijado todavia não estava disposto ao trabalho divino e respondeu:

— Deixa-me mais um pouco aqui meu amigo, há tantos que possuem as pernas em bom estado e que muito poderão fazer pelo Reino de Deus. Que colaboração poderei dar com estas pernas miseráveis?

— Darás a cada um que passar por esta porta, em troca da moeda que recebes, uma palavra de carinho e de compaixão, de amor e de caridade. Levantarás o ânimo das viúvas chorosas que te procuram para ajudar-te e encherás de alegria o coração dos desesperados!

Todo esforço porém foi em vão. O aleijado pôs-se a dormir e o Enviado seguiu o seu caminho.

Seguiu para o palácio do rei e exprobou-lhe:

— Ninguém melhor do que tu, está em em condições de colaborar na Obra Divina. Tens o poder terreno nas mãos e governas muitas vidas. Poderás criar leis sábias e justas, ensinar a fraternidade através do teu corpo de professores nas escolas juvenis, amparar com obras sociais de alcance divino.

O rei porém resmungou:

— Não, não posso servir ao Pai agora. Tenho numerosos inimigos e devo exterminá-los antes. Depois que o meu território estiver limpo, e afastados todos os meus inimigos atenderei a tua convocação! Agora não.

Procurou então o Amigo do Senhor o cozinheiro do palácio e lhe expôs o motivo da visita:

— Venho em nome do Senhor Supremo convocar-te para o trabalho da Seara. Deixarás a cozinha real mas entrarás na posse de sublimes dons divinos e regalias celestes.

— Infelizmente, disse o cozinheiro, reconhecendo embora o valor do trabalho espiritual, terei que me abster de qualquer manifestação contrária à vontade de meu rei. Além de que o meu ordenado aqui é uma pequena fortuna e não seria justo que eu deixasse esta oportunidade magnifica para sair atrás de uma estranha aventura. Dentro desta cozinha sou um pequeno rei e no salão de honra os meus pratos são como enviados meus que parlamentam com os grandes. De mim, na realidade, depende a felicidade do reino todo. Pois, se não fosse a minha mão habilidosa e a minha profunda sabedoria culinária, o rei todos os dias estaria enraivecido por ter comido mal e o povo sofreria. Vês por aí que não posso abandonar o meu posto.

O Anjo desta vez retirou-se cabisbaixo porque até aquele momento fracassara em sua missão. Orou ao Pai pedindo forças e seguiu a sua jornada.

Encontrando um sacerdote que não cumpria como era devido as determinações do céu, exortou-o ao trabalho:

— Mandou-me o Pai convocar-te para o trabalho da sua Seara.

— Como, disse o padre enfurecido, e eu não estou a serviço do Pai na Terra? É natural que me defenda nas minhas necessidades e angarie a maior quantidade possível de dinheiro para a Ordem que represento. Não me sobra tempo para pregar, coisa aliás que deixamos sempre para os irmãos mais ingênuos e tolos, pois que o trabalho dos homens inteligentes tem de ser na Terra o de preservação do patrimônio da sua comunidade. Senão morreremos de fome e em breve a Ordem desaparecerá. Não me sinto com ânimo de exemplificar por ora o desprendimento e a humildade, a boa vontade e a paz, a ternura e o amor. Estou a serviço de poderosa organização que enfeixa o mundo nas mãos e o Senhor deverá ficar satisfeito com a nossa habilidade, impedindo que todos se tornem

vagabundos e se dediquem apenas à contemplação do Céu e à oração inútil.

O Emissário derramou lágrimas de tristeza e abandonou a Terra em vôo direto para o firmamento constelado. Na morada divina, o Criador Celestial interrogou-o amorosamente:

— Meu filho, convocaste o Homem para o trabalho espiritual?

— Convoquei, disse o Anjo simplesmente.

— Graças, meu filho! Murmurou o Altíssimo, e o beijou na fronte iluminada. Quando começará o Homem o seu trabalho de ascensão, filho meu, tornou a perguntar o Pai e Amigo.

— Bem, meu Pai, respondeu o Emissário Divino, convocar o Homem eu convoquei; parece-me no entanto que atualmente ele anda muito ocupado e teremos que aguardar um pouco.

— Não faz mal, conciliou o Senhor; de cem em cem anos descerás à Terra e convocarás o Homem para o Trabalho Divino. Temos por nossa conta a eternidade. Algum dia ele te ouvirá.

Dizendo isso o Pai calou-se no silêncio do Universo e o Emissário Divino murmurou:

— Bem, em todo o caso disponho de cem anos para descansar.

E foi-se embora.

XXXVII

A Terra está cheia
de sinais de Deus,
os homens na sua cegueira
desprezam a sua Presença...

Maior que Satanás

Entre os que condenaram Jesus de Nazareth, o Mestre Supremo de nossas almas, havia um homem chamado Mamelek que o odiava profundamente. Não podia suportar a vista dos "milagres" produzidos pelo Mestre nem aceitar a sua filiação legítima de descendente primeiro do Pai Celestial. Invejava-lhe os dons divinos de clarividência e a majestade empolgante das curas que produziu. Enquanto o povo caía de joelhos bendizendo o Senhor por sua Misericórdia, Mamelek estorcia-se de dor e de ciúme.

— Aquilo, pensava ele, era absurdo, demasiado absurdo! Enquanto ele morria na obscuridade, Jesus crescia aos olhos dos homens. Por que, pensava ainda, não poderei fazer o mesmo que esse galileu imundo e esfarrapado que se diz filho incontestável de Deus? Não tenho grandes possibilidades? Não disponho de mágicas desconhecidas e de faculdades apreciáveis? Na inconformação e na dor, Mamelek colocava toda a sua vida sofrendo horrivelmente. Acompanhava o Nazareno, misturado com a multidão anônima que o seguia. Muitas vezes percorrera o Genezareth, ouvindo suas pregações; outras estivera oculto no Jardim das Oliveiras de ouvido atento pronto a surpreender a prece mágica que fazia do Cristo um Sublime Taumaturgo. Mas o Mestre nessas horas só se dirigia ao Céu em termos simples e piedosos, de modo que Mamelek jamais pôde compreender onde e como recebia Ele as suas mágicas.

Aquilo já se tornara para o infeliz uma obsessão terrível. A vida tornara-se-lhe insuportável e não encontrava prazer algum em trabalhar. Certa vez foi abordado diretamente pelo Mestre, quando no meio da multidão, que o exprobou nestes termos:

— Homem, o que queres de mim? Por que te ocultas daquele que é teu irmão? Não sabes que os que têm a consciência reta andam de cabeça erguida à luz do dia?

Mamelek, surpreendido e nervoso, não respondeu e fugiu, levando na alma um ódio ainda maior. Daquela hora em diante compreendeu que o Nazareno conhecia os seus pensamentos e sabia dos seus objetivos. Diariamente porém, invocava Mamelek as potências das trevas e lhes pedia forças para vencer àquele Jesus vagabundo que surgia sempre em seu caminho. Satanás ouviu a Mamelek e apareceu-lhe em todo o seu poder diabólico.

— Filho de minhas entranhas, disse ele, elevando a voz carinhosamente; tenho ouvido o teu chamamento reiterado e procuro atender às tuas súplicas de discípulo fiel do Poder da Noite Escura e das bênçãos infernais. Não deixarei de atender-te o desejo e na primeira oportunidade precipitarei esse teu inimigo milenar no Abismo da Dúvida e da Descrença.

Dizendo isso ocultou-se novamente e Mamelek agora estava certo de que o Cristo seria vencido.

Escolheu Satanás para tentar o Cristo um dia em que o Filho de Deus sentia saudades cruciantes das regiões celestiais e em que a sua missão se tornara pesadíssima. Quando o Mestre fugindo um pouco da multidão, subira ao cume de elevada eminência, surgiu-lhe Satanás e diabolicamente sugeriu:

— Poderás, se quiseres e me atenderes ser o Rei de toda a Terra. Dar-te-ei palácios magníficos e governarás os homens. Os maiores potentados do mundo curvar-se-ão diante de ti e serás amado por toda a Terra!

Jesus porém, ouvindo a palavra untuosa e pérfida de Satanás, respondeu-lhe:

— Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai dos lábios do Senhor. Não vim para conquistar a Terra e dominá-la mas para ensinar-lhe o Amor e o Bem. Nada lhe peço e tudo lhe dou, porque não dou de mim mesmo mas daquele que me enviou e que é o Rei da Vida. Desprezo os teus palácios e os teus tesouros perecíveis e ingratos! A minha missão é a de fazer a Vontade de meu Pai Celestial.

— Mas, tornou Satã, com novo brilho no olhar; precipita-te então no abismo; não está escrito que os anjos te ampararão nas suas longas asas?

— Também está escrito, murmurou Jesus, "não tentarás ao Senhor teu Deus". Porque não cabe ao Filho tentar ao Pai que o ama. A Terra está cheia de sinais de Deus, os homens na sua cegueira desprezam a sua Presença Sublime. Não vim para servir de divertimento aos que andam nas trevas, mas permaneço na Terra como bússola para os que buscam a verdade! Vai-te Satanás! Volta ao teu covil de iniquidades e deixa-me seguir o meu caminho de dores! O que te importam as minhas dores? Marcha e arrebanha os teus enquanto é noite porque virá a hora em que nenhuma ovelha ouvirá a tua voz!

Satanás diante da atitude enérgica do Senhor, desapareceu-lhe das vistas, buscando uma oportunidade melhor para perdê-lo.

Quando Jesus seguia para o Calvário, Satanás apareceu a Mamelek e expôs humildemente:

— Meu filho, depois do ato de Judas percebes que o meu trabalho foi completo e que o meu poder realmente é grande e se estende por toda a Terra. Venci o próprio Justo!

Mamelek sorriu também diabolicamente e seguiu a multidão que ia crucificar ao Mestre.

Na hora da subida na Cruz, Mamelek contemplava o Senhor com estranho brilho no olhar. A alegria enchia a sua alma e penetrava-lhe o coração. Assistiu à crucificação e aguardou silencioso os últimos momentos. Eis porém que o véu do templo se rasgou e uma voz misericordiosamente disse no íntimo de Mamelek:

— Filho meu, não te percas no caminho do erro. A minha morte não é o meu fim mas o meu começo. Até aqui eu anunciei aos homens o grande espetáculo da vida eterna, agora é que realizarei prodígios nunca presenciados.

Mamelek guardou assustado a palavra final e tremeu internamente na antecipação do que viria. Algum tempo depois, soube que Jesus ressuscitara e não acreditou, supondo que era boato espalhado pelos discípulos para imporem a doutrina de amor e misericórdia.

Foi quando Jesus, condoído do homem infeliz que o odiava, apareceu-lhe em todo o seu esplendor e glória.

— Quem sois? Perguntou Mamelek supondo ser Satanás.

— Eu sou Jesus. Venho trazer-te a minha palavra. Escuta o que te digo e te salvarás.

Mamelek porém irado respondeu:

— Satanás é meu Senhor! Agora sei que és maior do que ele e que o teu reino é eterno. Ressurgiste dos mortos e venceste a batalha, mas a mim não vencerás. Não quero o teu amor nem sonho o teu reino, mas ambiciono o Poder. Regozijo-me porque não estás mais no mundo e pregarei o erro como sendo o teu Evangelho e a descrença como sendo a tua palavra.

O Mestre diante disso silenciou e desapareceu. Mamelek todavia, que tivera o Mestre ao alcance de sua mão, continua encarnando e reencarnando através dos séculos no desejo de tornar Satanás maior do que Jesus, embora saiba que não há na Terra ninguém maior que o Mestre e que jamais o Mal vencerá definitivamente o Bem.

XXXVIII

Na Espiritualidade, nós também temos os companheiros de trabalho de má vontade...

Um companheiro de trabalho

Sublime Orientador das Esferas Resplandecentes em serviço mediúnico na Crosta Terrestre, suplicou aos Dirigentes Superiores do Alto que lhe concedessem um companheiro constante de trabalho para a tarefa que deveria realizar em tempo previamente determinado. A autorização não se fez esperar. Foi para isso designado Amphíbio Filomeno, espírito recém-liberto da carne para ser o assessor imediato de Fernando, o diretor citado. No dia imediato Amphíbio compareceu ao trabalho. Fernando examinou-o rapidamente e não se sentiu muito seguro da cooperação do amigo. Não teve o tempo necessário para estudar-lhe as características mas sentiu vibrações algo perturbadoras que não poderia definir de imediato.

— Vamos, meu amigo, recomendou Fernando, não temos tempo a perder. Há uma pobre irmã em sofrimento constante em São Cristóvão e requer o nosso auxílio urgente..

— Estou um pouco cansado da viagem, disse lesto o Amphíbio, não poderíamos deixar para mais logo?

Fernando olhou desconfiado e replicou mansamente:

— O sofrimento, Amphíbio, não pode aguardar as nossas decisões vacilantes. O amparo deve ser imediato e rápido. Não duvido que você esteja cansado, mas a nossa irmãzinha está nos últimos momentos.

Atendida a necessitada contra a evidente má vontade do novo companheiro, Fernando propôs:

— Meu irmão, agora, rumaremos para uma reunião de trabalhos espirituais em Olaria onde pequeno grupo colabora ativamente com Jesus Cristo.

— Como, admirou-se Filomeno, depois deste trabalho estafante com esta velha agonizante, ainda vamos assistir reunião de trabalhos oráticos? Não posso concordar, estou cansado!

O nobre orientador, profundamente admirado da resistência de Amphíbio, tornou paternal:

— Concedo-lhe pois esta noite para completo descanso. Amanhã às seis, contudo, esteja pronto para o trabalho ativo.

Fernando dirigiu-se sozinho para Olaria enquanto que Amphíbio aproveitando jardim verde e de fragrância suave, reclinava-se no gramado pronto para o descanso.

No outro dia às seis, no entanto, Amphíbio não compareceu ao trabalho. Chegou às oito, resmungando desculpas mal alinhavadas.

Ponderou suave o mensageiro do Senhor:

— Amphíbio, compreendo que o recém-desencarne ainda influencie as suas disposições fraternas. O trabalho do Senhor porém não comporta longos descansos e devemos nos dedicar inteiramente ao seu serviço. Dentro de alguns minutos estaremos na enfermaria do "Hospital dos Sofredores" para o trabalho de passes magnéticos em doentes, juntamente com numerosas outras entidades de elevada luz.

— Mas... Gaguejou Amphíbio, com tanta gente assim julga que será necessário o nosso concurso?

— O concurso individual, meu filho, respondeu Fernando, é imprescindível. Pouco importa o número que coopera. A nossa responsabilidade deve ser saldada conosco mesmo. Se os cooperadores são muitos, o número de doentes é maior ainda. Não importa discutir, mas trabalhar.

No hospital, enquanto Fernando se desdobrava em aplicações magnéticas consecutivas, dispendendo enorme esforço, Amphíbio distraía-se conversando com entidades sofredoras que se afastavam ao contacto da luz mais forte dos mensageiros divinos.

Recomendou-lhe Fernando amigavelmente:

— Não deve ficar demasiado perto dessas entidades infelizes pois que ainda não está em condições de afastá-las no momento que desejar. Elas se afeiçoam não somente a encarnados, mas também a desencarnados. A lei é a mesma.

Amphíbio afastou-se contrafeito e não aplicou sequer um passe de reconforto espiritual.

Mais além, quando na viagem de volta, sugeriu Fernando:

— Vamos visitar velha amiga que mora nesta rua; é cooperadora de nossos trabalhos individuais na Crosta.

— Não seria melhor prosseguirmos na jornada? Propôs Filomeno. Quem sabe se a nossa irmã não está ocupada com serviços caseiros?

Fernando não perdeu todavia a paciência. Contemplou o amigo serenamente e disse:

— Eu entrarei.

Amphíbio não teve outro jeito e também entrou.

Fernando saudou as entidades que lá estavam em serviço de vigilância e aproximou-se da dona da casa, senhora de seus sessenta anos, de olhar bondoso e amigo; conversou com ela através dos canais da audiência e reanimou-a no trabalho amigo de Jesus. Com a visita de Fernando, a casa encheu-se de nova alegria. Amphíbio, porém, ficara na porta de cara amarrada e posição displicente.

Dali continuaram a marcha. Em certa altura perguntou Amphíbio Filomeno:

— Não haveria por aqui um aparelho que nos levasse mais rapidamente às esferas mais altas?

— Não, disse Fernando, nesta altura do caminho, só a marcha a pé pode ser aplicada. Mais acima disporemos de aparelho adequado. A caminhada no entanto não deve ser desprezada porque é oportunidade magnífica para sublimes meditações. Uma bela paisagem sugere-nos pensamentos belos, um irmão em dificuldade possibilita trabalho redentor, uma construção espiritual em andamento nos reanima e revigora. Dentro de aparelho de vertiginoso vôo nem sempre disporemos dessas oportunidades de movimento mental.

O novo ensinamento de Fernando caiu no espírito de Amphíbio indiferentemente, porque este não o compreendeu.

— Pois eu não, sou diferente, gosto de chegar logo e não perder muito tempo em divagações.

Ao entardecer recebeu Fernando ordens do Alto para atender nas regiões mais baixas uma caravana de irmãos necessitados que vinham sendo conduzidos em macas especiais.

Sabedor da notícia, Amphíbio exclamou logo:

— Ora, só esta que faltava! Essa gente não poderia vir sozinha? Para que a nossa intervenção nesse sentido? Não temos nós muito serviço? Cada um que trate de conduzir-se como puder!

— A cooperação na Seara do Mestre é geral, esclareceu o Bondoso Orientador, e não estamos no Universo para trabalhar em grupos separados; a separação dos grupos é apenas uma necessidade de serviço. Somos no entanto, todos nós, trabalhadores da Seara do Senhor. E ela é uma só. Formamos uma coletividade e todos somos irmãos no espírito do Cristo. A divisão é apenas aparente e deve ser compreendida assim, sem o que estaremos fazendo serviço de "sapa".

Amphíbio engoliu desta vez a advertência enérgica e marchou de mau humor ao encontro dos infelizes necessitados de amparo e reconforto. De muito má vontade ajudou a conduzí-los até os leitos previamente preparados e tratou, terminado o serviço, de buscar um pequeno descanso.

Alguns dias depois terminava a tarefa de Fernando na Crosta. Amphíbio satisfeito aguardava o momento de acompanhar o companheiro excelso a um plano mais elevado onde com certeza passaria o tempo em maiores distrações e divertimentos. Aguardava a chegada da entidade destacada para o serviço de revezamento. Aproximou-se luminoso mensageiro trazendo nas mãos duas fichas de cor diferente. Entregou uma a Fernando, abraçando-o comovidamente, dizendo:

— Meu irmão, venho substituí-lo no posto de serviço. Você fez jus a maiores possibilidades e por isso deverá encaminhar-se para esfera mais alta.

Fernando sorriu satisfeito e derramou lágrimas de comoção.

Amphíbio diante das palavras finais do mensageiro, consertou as vestes, ajeitou-se, aguardando também uma bela notícia de progresso. Fernando retirou-se e Amphíbio contemplava o mensageiro que, silencioso, se preparava para reencetar o serviço de Fernando.

— Como, perguntou Amphíbio, essa outra ficha não diz nada a meu respeito?

— Sim, disse o novo Orientador, de ora em diante você ficará sob minha orientação em serviço na Crosta. Aliás prosseguiremos no mesmo serviço que é do seu conhecimento.

— Mas, quer dizer que não tenho direito a subir mais?

— No serviço do Senhor, ponderou o iluminado guia, não basta ocupar horas de trabalho somente: é preciso trabalhar com boa vontade, amor, dedicação, carinho e compreensão. Enquanto não conseguimos estas virtudes primordiais, repetiremos o curso e as horas de trabalho.

Dizendo isso, tomou Amphíbio pelo braço e disse fraternalmente:

— Não fique triste e vamos visitar novamente aquela infeliz agonizante da semana passada.

Horas depois, eu repórter desocupado do mundo invisível, procurei Fernando para maiores esclarecimentos a respeito do estranho servidor.

Eclareceu-me o bom amigo:

— Na Espiritualidade, nós também temos os companheiros de trabalho de má vontade; a propósito de tudo nos aplicam uma palavra de desânimo e de descrença. Adiam constantemente o serviço e contornam as dificuldades ao invés de vencê-las. Para esses, meu filho, a Misericórdia de Deus foi demasiada!

E bateu-me no ombro alegremente, ajuntando:

— Amphíbio Filomeno ainda será perfeito companheiro de serviço espiritual, é apenas questão de tempo...

XXXIX

Eu na Espiritualidade
sou ainda o
explorador que
chegou no cais.

No setor da vigilância

Pergunta-me você, na sua ingenuidade de criança que se interessa pelas coisas do Senhor, por que têm os espíritos se referido tantas vezes à necessidade de vigilância. E diz-me muito sutilmente, que nessas condições, o Criador entregou as suas criaturas sem meios de defesa às mãos dos maus e dos perversos. Acredita portanto, que sem defesa natural, está o homem à mercê das feras dos dois planos. A argumentação não deixa de ser interessante e traz à mente do incauto e do desprevenido, dúvidas cruéis. Ora, diz ainda, a minha irmã, se Deus conhece os pontos vulneráveis de nossas almas; se realmente fosse infinitamente bom, modificaria o ser humano, apenas com um olhar de boa vontade, naquele ponto fraco e sujeito a influências externas. Se não o faz é porque não quer e se não quer é mau!

Diante disso, nós paramos um minuto para meditar: a responsabilidade de quem se arvora em *Revelador* e *Guia* é enorme. Somente porque me aventurei a escrever alguns livros sem importância, abordando assuntos de ordem espiritual, crê você que me tornei um sábio e um santo; supõe que serei um Laplace do "outro mundo" capaz de indicar as origens e de mostrar que a lógica de certos raciocínios está errada. Não minha amiga, apesar da minha boa vontade e da amizade que lhe dedico, terei que aguardar a passagem vertiginosa dos milênios até que um dia tudo se abra a meus olhos sequiosos de luz e compreensão.

Conta-nos a lenda que um general grego, após a vitória estrondosa e estonteante de Salamina, chamou um velho soldado acostumado ao fogo das batalhas e lhe disse:

— Toma uma pequena barca, faze-te ao largo e examina o oceano, verifique o que aconteceu aos Persas e depois traze-me o relatório completo.

O velho soldado, habituado a cumprir ordens, com mais alguns companheiros dedicados, tomou a barca e fez-se ao largo. Dentro de algumas horas voltou com um relatório completo sobre a batalha naval, relacionando mortos, feridos, perdas de navios, prisioneiros feitos, dados meteorológicos de acordo com os instrumentos rudimentares da época...

O comandante, satisfeito com o relatório, ponderou todavia ao soldado:

— Faltam aqui os dados referentes à história do povo Persa, do seu rei e dos generais e almirantes que comandavam suas tropas.

Foi aí que o soldado humildemente respondeu:

— Senhor general, desculpai minha ousadia, mas estais vos esquecendo que sou um simples soldado analfabeto e velho, incapaz de saber esses altos conhecimentos que só às grandes inteligências e aos generais é dado compreender. Apenas referi o que meus olhos já cansados puderam divisar. Não sou nesta hora o elemento indicado para essa parte do trabalho. Sei olhar e sei ver, mas raciocinar e rememorar fatos sucedidos no passado remoto só os grandes o fazem.

O general sorriu, bateu nos ombros do soldado e declarou:

— Tens razão, havia me esquecido desse particular.

Minha irmã, a pergunta que me fez é pergunta para os generais da Espiritualidade e não para mim, pobre soldado, que apenas conta o que vê e o que houve, assim mesmo através da pena manca de escritor que mal aprendeu as primeiras letras. Não poderia de uma hora para outra tornar-me um sábio pelo simples fato de me ter sido permitido relacionar acontecimentos jornalísticos a respeito daqueles que atravessam as águas do Aqueronte. Procurarei apenas dar-lhe minha humilde opinião que deve ser pouco considerada em caso de tanta gravidade. Se a Bondade de Deus é Infinita como o têm atestado todos os grandes espíritos que aportaram no Campo Humano e como o atestam as suas Obras Divinas é justo que se Lhe fosse possível alterar as suas leis de misericórdia para atender ao homem mau Ele o faria. Até nisso minha amiga, a Bondade de Deus se revela. Sendo Ele Todo Poderoso e podendo modificar integralmente a natureza do homem, respeita contudo a sua individualidade de verme da terra. Espera pacientemente que o Homem se resolva a melhorar, aguarda com infinita ternura que os seres desviados retornem por si mesmos ao caminho do bem, contempla com amor a todos os que não se dispuserem ao progresso com o Supremo Bem. Desejaria você naturalmente que o Divino Pai obrigasse a criatura a ser como Ele o é? Nesse caso, estaria Ele estabelecendo a Ditadura Universal, copiando dessa maneira os pobres e infelizes homens que só agem através da força e da tirania. Deus ainda não se dispôs a tomar a indumentária de Tirano Celeste e de César Divino. Os meios de que usa ainda são os da Suprema Tolerância e do respeito mútuo. Seria minha filha, como um leão profundamente bom que não usasse as suas garras de modo algum e as suas mandíbulas contra o ratinho minúsculo e indefeso que lhe gritasse nas bochechas:

— Não és poderoso? Modifica-me, rasga-me, altera-me o íntimo! Não estou aqui te desafiando? Ruge pois!

Não, a organização do Universo não é tão simples como você acredita. E Deus seria insensato se fizesse como um professor de matemática que resolvesse ensinar álgebra superior aos alunos do primeiro ano do curso ginasial. O Pai espera que os seus filhos vençam as etapas todas do curso espiritual. Sendo Eterno Ele vive sempre no presente e o futuro e o passado são meros símbolos que servem aos homens como meio rudimentar para a contagem do seu progresso e para marcar os momentos culminantes que medeiam entre o nascer e o morrer. Como vê, minha amiga, o pobre e velho soldado tentou falar da história dos Persas e dar notícias a propósito do seu rei. Mas quem ainda não estudou profundamente as origens e ainda não mergulhou no oceano quase que insondável da História dos Tempos, só poderá falar com expressões e idéias elementares. Neste caso, serei para você como um explorador que indo à África, somente tivesse desembarcado no cais e voltado no outro dia. Pouco poderia relatar. Diria que viu algumas palmeiras e raros negros carregando pesados cestos. Como o cais era quente possivelmente toda a região o seria e como havia palmeiras à beira mar, naturalmente o continente negro estaria repleto de palmeiras. Com algumas leituras de livros de outros exploradores, o nosso homem alinhavaria outras considerações de ordem geral. Nunca porém poderia falar com exatidão e com certeza.

Eu na Espiritualidade sou ainda o explorador que chegou no cais. Pelo hábito de escrever crônicas e como ainda possuo os meus jornais de que sou humilde servidor e correspon-

dente, vou relatando a vida dos viajantes novos que aportam à terra firme, e conto histórias que ouço da boca de velhos marinheiros que estando aqui há muito tempo já conhecem grande parte do litoral.

Não se zangue pois comigo, mas espere com paciência que se me for permitido entrada no Continente Espiritual, pois depende de difícil passaporte, prometo que virei esclarecer outros pontos de difícil compreensão para você e para os meus bondosos leitores. Enquanto isso, entreguemos nossas dúvidas ao Amigo Celestial, que é Jesus Cristo.

XL

. . .quando ouvirdes guerras
e rumores de guerras,
não acrediteis que é o fim,
mas o começo!

O vendedor ambulante

Conta o fabulário árabe nas páginas sublimes dos livros das Mil e Uma Noites a história do homem que saíra em busca de uma lâmpada maravilhosa, capaz de dar ao seu feliz possuidor os tesouros da terra. Refere-se a lenda à luta desse homem, à sua transformação em vendedor ambulante de quinquilharias, ao aviltamento a que se entregou, a todos os sofrimentos a que se submeteu no intuito de conquistá-la e ainda nos conta a lenda que a maravilhosa lâmpada caiu em poder de um moço bom e simples que mereceu o prêmio dado à virtude e ao amor.

Tenho meditado algumas vezes nessa passagem aparentemente fantasista do folclore árabe que sempre mistura as estrelas do céu com as areias da terra. Observo a insensatez dos homens que tudo fazem pela conquista de tesouros que perecem e nada realizam no caminho das aquisições espirituais. Tornam-se vendedores ambulantes de quinquilharias como se representassem no mundo o papel eterno de leprosos do espírito, cheios de pústulas, e incapazes de levantar os olhos para as estrelas do firmamento constelado. Aviltam a personalidade e sepultam o coração em sombras espessas e em furos negros de desilusão e descrença. Jamais se lembram que os tesouros do coração mereceriam maiores lutas e mais constante esforço de nossa parte. Olvidam-se de si mesmos

e conceituam a riqueza material como a única que nos levará às glórias da paz e da tranqüilidade. Meditando nessa passagem que aprendi nos meus tempos de menino pobre e infeliz sonhador já naquele tempo das belezas do Oriente, vêm-me à tela mental os casos dolorosos da luta entre os homens pela conquista do ouro e pela feliz posse de uma nova lâmpada maravilhosa que lhes abra de par em par os palácios da terra e as altas posições do mundo.

No entanto, para que tanta pressa na posse da riqueza material? Valerá à pena o sacrifício de viver preocupado, com a mente saturada de negócios perturbadores e com o coração cheio de ódio? Não vamos naturalmente desprezar o trabalho digno e os objetivos puros daqueles que anseiam por melhorar o ambiente social nem desprezar os sonhos dos que almejam construir o lar suave da posteridade cristã. O mundo atual ainda necessita do dinheiro como elemento básico nas trocas incessantes. Sem o que teríamos a confusão lavrando desbragadamente, e talvez até o roubo e o assassínio elevado à categoria de lei. Mas sabemos também que a maioria exagera a necessidade do dinheiro e não se satisfaz com o que basta, mas sonha o supérfluo e o que não lhe fará falta. Daí a luta, o desespero e a dor. Nas páginas de Maeterlinck, amante bondoso da natureza, encontramos a descrição do trabalho laborioso das abelhas, que não dispensam o orientador chefe, nem postergam o governo constituído, dando-nos idéia do grande alcance da sua organização perfeita. Cada abelha tem o seu papel determinado na colmeia e cada série de abelhas representa um grupo com possibilidades e encargos definidos. No entanto, todas se alimentam, todas vivem e exemplificam. Por que o homem não pode organizar-se em colmeia pacífica? As abelhas ensinam ao homem a maneira prática de exercerem a fraternidade universal, como seres que representam instintivamente a Ordem Universal sem grandes discussões. Quando a Humanidade recebeu a notícia auspiciosa do primeiro avião construído, exultou-se ingenuamente supondo que o novo aparelho viria resolver o problema da separatividade humana ligando os continentes e encurtando as distâncias. Nosso patrício, Alberto Santos Dumont, foi carregado em triunfo e exaltado aqui e no estrangeiro. Posteriormente, todavia, os homens que haviam anunciado a era da felicidade perene, transformaram o belo invento em terrível arma de guerra e de destruição. O que o homem realizou em muitos anos de esforços consecutivos, a guerra destrói às vezes num único dia de combate e de luta. Os povos reproduzem os anseios dos homens e buscam

também a lâmpada maravilhosa das conquistas terrenas. O Divino Senhor por isso, limita a distribuição de novas descobertas para o homem possuidor ainda de atrozes instintos que o fariam modificar a órbita dos planetas para chocá-los uns contra os outros se isso lhes trouxesse benefício material.

A desilusão não constituiu nunca motivo de meditação para a maioria da humanidade desorientada, e sim motivo de alucinações e revoltas, de misérias e desgraças. A loucura habita a mente humana em proporção tão grande que os próprios pensadores, instrumentos do Pai, sentem-se desorientados ante a avalanche de idéias que avassala o mundo. A filosofia deixou de ser norma de vida para adquirir tintas de divagação individual. A poesia cobriu-se com o manto das vestais que abandonaram o templo para viver nas tavernas e nas orgias. E o próprio drama, sério e taciturno, passou a ostentar piadas de mau-gosto. Acredita-se assim que o mundo atingiu o paroxismo e que em breve nada mais resta da pobre Terra entregue aos gênios do Mal. Porém, ouvimos ainda a voz do Cristo que adverte desde o Princípio: quando ouvirdes guerras e rumores de guerras, não acrediteis que é o fim, mas o começo! Em verdade vos digo que passarão os céus e a terra mas as minhas palavras não passarão!" E é então que eu me lembro novamente que o vendedor ambulante de quinquilharias ainda não percebeu que a lâmpada maravilhosa que lhe dará a paz na terra e a tranqüilidade no céu, é o Evangelho de Nosso Senhor, Luz Eterna de sublimes reflexos espirituais. Coração do Cristo voltado para o mundo a despedir raios azulados de vida e de ressurreição! Para que a luta se o Mestre ensina a cordura e a tolerância? Para que a destruição se o Mestre indica a edificação perene? Para que o desânimo se o Senhor aponta o corpo humano como o vaso sagrado e purificador de nossas almas? Para que o pesadelo, se o Nazareno nos mostra os sonhos diáfanos dos mundos espirituais?

Essa é a lâmpada que devemos buscar porque somente ela nos aclarará as sendas da sombra e da morte e por onde passam os seus clarões tudo ressurge e nasce!

Pobre vendedor ambulante, andais em trevas quando dos quatro cantos do Universo os Anjos repetem em cânticos eternos:

— Eu sou a luz do mundo, e enquanto eu estiver no mundo ninguém andará em trevas!

XLI

...quadros dantescos dos martírios dos cristãos na prova divina de fidelidade ao Mestre.

As ruínas dos Impérios

Após a queda do Império Romano, quando a era do direito e a força das águias de Roma havia cedido lugar aos povos invasores e iconoclastas, amorável amigo do Plano Espiritual, conseguiu permissão para visitar as velhas recordações do seu passado longínquo. Ainda se recordava com amor e carinho da orgulhosa mansão que habitara, da criadagem imensa que o atendia, das regras de sobriedade e serena justiça apregoadas por Catão, o Censor. Passavam-lhe pela mente saudosa as passagens sublimes de momentos inolvidáveis em que se prostrara de joelhos entregue à vontade do Cristo Consolador e lembrava-se de amigos que ainda permaneciam na carne por necessidade de renovar antigos compromissos e saldar velhas dívidas. Não podia esquecer o tempo que lhe servira de oportunidade bendita para o acesso a regiões superiores de evolução nem podia olvidar a paisagem suave das tardes amenas que passara no peristilo da mansão paterna. Surgia-lhe diante dos olhos brilhantes os quadros do Forum romano onde tantas vezes advogara a causa dos infelizes e dos pequeninos e aparecia-lhe de súbito o Coliseu, marco sacrossanto do Cristianismo. Marchou pois cheio de alegria e contentamento ao encontro das artérias sinuosas e pitorescas. Levou-me como companheiro de viagem e jornalista interes-

sado em transmitir aos seus leitores os últimos acontecimentos do dia.

Na Via-Ápia parou o veículo que nos conduzia e do qual somente agora os homens começam a ter vagas notícias. Descemos e seguimos a pé. Aqui, dizia-me o amigo, foi o campo de sucessivas encarnações que tive no passado longínquo, animei corpos de reis e vivi dolorosamente na pele de escravos; fui tirano e fui infeliz homem do povo; até que o sofrimento me chamasse à vida mais alta e mais bela.

Tenho, por tudo isso, imenso carinho para com esta cidade, testemunha viva das minhas quedas e das minhas ascensões.

Contemplei-o comovido e observei que duas grossas lágrimas de comoção rolaram-lhe dos olhos serenos. Não pude deixar de comover-me também.

Seguimos adiante. Visitamos o local onde outrora fôra sua última morada e que agora servia de estábulo para animais e viaturas. Onde fôra o peristilo amado do nosso bondoso amigo, vivia rabugenta costureira que transformara o local em teatro de suas discussões estéreis.

O nobre amigo não pode ocultar a sua estranheza e o seu desaponto. O quarto senhorial que servira a seu pai, homem ilustre no passado longínquo, servia agora como depósito de materiais velhos e abandonados. A espaçosa sala de jantar onde altas personalidades ocuparam lugares de destaque e pontos de honra, estava ocupada por uma pequena fábrica de macarrão que dispunha de quinze a dezesseis empregados, vestidos com macacões brancos numa evidente desmoralização de tão respeitável quadro.

O meu amigo agora enxugou duas lágrimas indefiníveis que lhe rolaram dos mesmos olhos amorosos.

Bateu-me no ombro e murmurou:

— Sinto que fiz mal em requerer permissões para esta visita. Agora compreendo os conselhos sábios dos amigos de mais alto que controlam os nossos desejos. O orgulhoso império que habitei deixou de ser o que era; tudo está em ruína. Aquilo que amamos cai aos pedaços e a invasão do homem interesseiro destrói as obras de arte, e as paisagens amadas para satisfazer as suas necessidades imediatas. Não nego o meu desaponto mas não os condeno. Serviu-me a lição como prova definitiva. A nossa volta à Terra deve ser a volta daqueles que aprenderam a valorizar a alma humana. Deveremos esquecer-nos sempre das construções materiais que nos serviram e abrigos transitórios. As casas que nos serviram durante séculos e as cidades amadas representam muito

para as nossas recordações, todavia o Supremo Bem deve ser o nosso objetivo indefectível e constante. As cidades nascem e morrem, os objetos são destruídos pelo tempo, os lares terrenos modificam-se ao influxo das novas civilizações. Só o espírito eterno perdura na sua marcha ascensional através dos milênios.

Dizendo isso, tomou-me a mão e arrastou-me para o Coliseu.

Diante da arena, os nossos olhos dilatados contemplaram os quadros dantescos dos martírios dos cristãos na prova divina de fidelidade ao Mestre. Dezenas de mulheres heróicas e humildes estraçalhadas pelas feras; cristãos indefesos que morriam às mãos dos gladiadores sanguinários; os apupos da multidão que repercutiam aos nossos ouvidos.

— Este sim, disse-me o bondoso mensageiro, é o quadro que deveríamos ter diante dos olhos quando nos lembrássemos dos impérios em ruínas que nos serviram de proscênio para as lutas redentoras. Esqueçamos pois as glórias efêmeras do nosso passado remoto, e lembremo-nos dos sacrifícios sem limites daqueles que deram a própria vida e alimentaram com o seu sangue a árvore do Cristianismo nascente. Lembremo-nos dos que se tornaram cordeiros cheios de mansidão para seguir o Mestre no seu exemplo de Renúncia e Abnegação.

De olhos postos nos céus, ambos concentramos o pensamento comovidos, enquanto o companheiro amado e redimido murmurava com fervor:

— Pai de Misericórdia Infinita, faze com que nós Te procuremos sempre no fundo de nossas recordações. Que o Teu Nome santifique os nossos propósitos e que a Tua Bondade encha-nos as almas combalidas. Dá-me a paz da consciência que se encontrou a si mesma e perdoa a infantilidade ingênua de rever um passado humano, perecível, que desaparece, fazendo com que eu possa compreender que as melhores recordações são aquelas que nascem no gesto amigo de amparar e proteger, amar e reparar em Teu Nome para sempre!

Depois disso, tomamos o aparelho que nos esperava, e retornamos a uma esfera mais alta, confortados e felizes.

XLIII

A humanidade está cheia de homens que acusam e apontam o mal com absoluta perfeição...

O acusador

Conta a lenda que um dia desceu Júpiter à Terra para tratar de assuntos comuns com o Homem, filho dos seus amores com as mulheres terrenas.

Acreditava-se este lesado em seus mais santos objetivos e perturbado nas suas melhores resoluções. O poderoso deus, após descer do seu trono e da sua majestade perguntou singelamente ao Homem:

— O que desejas, filho? Se os teus propósitos forem sãos e justos, atenderei à tua vontade e reajustarei a máquina do mundo!

— Este mundo é um caos! Exclamou o filho amado, não posso mais suportá-lo!

— Absolutamente, conciliou o deus, calmamente; o mundo está organizado segundo as leis divinas e retas, não há nada que te autorize a esse juízo precipitado. Tudo marcha de acordo com a Vontade Celestial. O dia e a noite foram ajustados como os ponteiros de um relógio para a tua exígua compreensão, Raciocina e compreenderás.

— Também, não me é possível suportar o governo que os meus irmãos organizam, exclamou o Homem irritado, pervertem a ordem e destroem a própria vida!

— Não te cumpre criticar sem trabalhar para reerguer a incapacidade que se alastra. Se o governo é mau, a causa

está na massa geral que o elegeu e aceitou. Cada povo tem o governo que merece. Sê bom, meu filho, e os governos se tornarão melhores.

— Mas, a própria literatura, gritou o infeliz, está podre e prestes a cair. Ela que sempre foi a defensora dos belos e nobres ideais humanos! Como há de ser se os escritores descrêem da humanidade e abdicam os próprios sonhos?!

— Se tens olhos para ver isso, disse Júpiter Tonante, renova a literatura e dá novo sentido às artes, melhora a vida e prega a boa palavra rejuvenescendo os livros com idéias mais altas. A indolência não constrói coisa alguma e o desânimo é elemento perturbador da emancipação da alma. Cala e produz, renova e edifica, com fé esperança. Os escritores maus adquirem dívidas pesadíssimas e cada um pagará as próprias dívidas. Contrapõe-te à onda de maus livros com uma onda maior de bons livros!

— Sim, acredito que haja possibilidades... Mas e a política que não permite a expansão de idéias novas?

— Os grandes Mestres não se envolveram em política e revolucioanram o orbe. Para se fazer o bem e melhorar o ambiente em que vivemos, não necessitamos das rédeas de nenhum governo material. A palavra de amor é como o pássaro que vôa pelos campos e canta onde quer. Sê melhor e a política que é a arte de governar para o bem geral, se tornará pura e limpa, cristalina como a água mais pura.

— Sim. Mas e a moral, a dissolução dos costumes? O que fazer diante de tanta insensatez? As mulheres desejam concorrer com os homens. As cortesãs orientam os senados e influenciam a vida das nações. Não há mais vergonha nem pureza!

— Compreendo, meu filho, mas deves confiar nos milênios e contribuir com a tua parte de bem. Quando a confusão aumenta e se alastra, o teu dever é concentrar-te na prece e nos bons propósitos. A Fé remove montanhas e as determinações santas encontram sempre eco nos corações propensos ao bem. O Pai não desampara a ninguém e no tempo oportuno retificará a convulsão e corrigirá o erro.

— Porém, retornou o Homem com desalento, as próprias criancinhas já nascem sem moral e sem roteiro. Trazem oceanos de rebeldia e riem na cara dos próprios pais. O que fazer quando a infância é um atoleiro?

— Não te esqueças, censurou Júpiter, que as crianças são espíritos reencarnados que trazem dívidas dolorosas do passado e retornam para as lutas redentoras. A ti cabe orientá-las na vida nova, organizando métodos novos de educação e preparando uma formação moral de acordo com as novas necessidades. Não deves exigir o rigorismo do passado, mas atender com amor e paciência as injunções do presente inevitável. Depois... lembra-te que por mais disparatado que pareça, o mundo está evoluindo e caminhando sempre para o Supremo Bem. Hoje é melhor que ontem e amanhã será melhor do que hoje. De ti depende muito, e da tua boa vontade esperamos tudo!

— Infelizmente, berrou o Homem, a família que é o reduto onde colocamos as nossas esperanças, não vale mais nada e se desorganiza por si mesma. Quem poderá modificá-la e dar-lhe nova orientação!?

— Para o Senhor, tudo é possível, disse o Celeste Viajante, e a proteção Celestial nunca falta. Persevera tu no bem e todas as famílias da Terra se tornarão pequenos grupos de agricultores divinos. O culto ao Pai se assentará em todos os lares e os filhos, os pais e os irmãos abraçar-se-ão no mesmo desejo de servir e amar. Sê tolerante, meu filho, e lança em todos os momentos a boa semente na terra árida, ao invés de pregar o desânimo e a descrença. A tua língua traz horrível veneno quando ataca, mas pode se tornar como o mel, quando fala do bem e das coisas do Pai. A tua presença no mundo não é a presença do fiscal severo e sem coração, mas a visita fraternal do irmão que ampara e consola.

— Acredito nisso, mas, asseverou o Homem, e eu mesmo que já quase descreio de Deus e do seu Poder Celestial! Se assim não fosse, como se justificariam as guerras sem tréguas? É evidente que o mal é o Rei do Mundo e que o Diabo é o criador das almas!

— Não te esqueças, disse o Mensageiro do Olimpo, que Deus fez as campinas verdejantes e os regatos de águas claras, o céu azul e as árvores frutíferas; espalhou no mundo o perfume e o amor, a fraternidade e a fé. As lutas humanas não podem invalidar as obras de quem criou as estrelas e deu aos astros um giro perfeito. Se tu te opuseres à guerra e aos desvarios com a tua vontade inexorável, a paz reinará em toda a parte e a ventura cobrirá toda a Terra. De ti, simples unidade humana, depende o bem geral; é preciso que compreendas que não és figura inexpressiva no quadro coletivo, mas peça preponderante. Representas uma pedra de valor inestimável no Tabuleiro de Xadrez da Vida.

Abandona a posição antipática de acusador público e torna-te o irmão de todas as criaturas, louvando o que é bom e

esquecendo o que é mau para que o bem resplandeça em toda a sua luz. Faze assim e o mundo se tornará o Paraíso do Bem. A humanidade está cheia de homens que acusam e apontam o mal com absoluta perfeição e acuidade, todavia o de que precisa é de cultivadores da fé, de amigos da renúncia, de companheiros do perdão, de dedicados trabalhadores dos dons divinos de amar, sentir, compreender, edificar, amparar, esquecer, confiar, reunir, na tarefa difícil de reconstrução com os Poderes Sublimes de Todas as Divindades no amor do Pai Celestial.

XLIII

. . .ora com fervor e
redobra a tua
vigilância porque
esse é o momento. . .

Orai e vigiai

Seguia o Mestre Nazareno a passo lento numa bela tarde de sol crepuscular, à volta do Getsemani, quando se lhe aproximou Pedro pensativo e disse:

— Senhor, vós nos aconselhastes a vigilância misericordiosa e a oração constante, como exigência indispensável para penetrarmos no Reino dos Céus. Sinto-me porém profundamente indeciso diante do novo ensinamento; como deverei vigiar?

O Senhor olhou e mansamente, abraçou-o amigavelmente e respondeu:

— Não te esqueças Pedro que preguei a vigilância ao lado da oração. Não se estabelece uma sem o concurso da outra. Para vigiar com proveito é necessário cultivar a oração todos os dias. Não a prece hipócrita que sai dos lábios mas a prece sincera que parte do coração. Habitua-te à prece produtiva e estarás sempre em vigilância. Controla os pensamentos e seleciona as idéias. Doma o animal interior, comandando com mão segura as paixões. . . Faze assim, e viverás!

— Porém, aventurou Pedro indeciso, como farei diante do ladrão que penetra em minha casa altas horas? Enfrento-o com a força e defendo o meu lar ou deixo-o à vontade para roubar-me?

— Cultiva o bem, Pedro, ora constantemente, confia no Pai Celestial, e o ladrão não o procurará jamais! Todavia se a Misericórdia Divina conceder-te a graça dessa ventura, recebe-o sempre como irmão e se possível, ensina-lhe pela brandura, o caminho do Reino de Deus. Um ladrão é um doente que necessita de tratamento adequado. A Prece contudo te preservará sempre dos desejos dos malfeitores.

— Sim, Mestre, disse Pedro, e se terrível assasino me cercar o passo, quando altas horas volto para casa, armado de punhal... o que farei?

— Se tens realmente bons pensamentos de dia, ninguém procurará matar-te durante a noite. Vigiai os teus atos aos clarões da aurora porque ao anoitecer os teus amigos espirituais velarão por ti. Não te esqueças, meu filho, que o Supremo Bem habita com quem o ama e protege sempre os que são puros e misericordiosos. Os bens da terra, Pedro amado, é que atraem o ladrão e o assassino. Desprende-te deles enquanto estás a caminho e ninguém se importará contigo. Se enches a tua casa de tesouros perecíveis e aumentas dia a dia as preciosidades das arcas terrestres, não faltarão ladrões e assassinos no teu caminho. Ensina o bem, pratica a virtude, vive do necessário e poucos te procurarão. Espalha as bênçãos divinas, porque aqueles que roubarem os teus tesouros celestes serão companheiros bem amados da tua jornada.

Pedro mergulhou, após um sorriso de satisfação e contentamento, em maior cisma ainda.

— Compreendo, Mestre, mas... e se a mulher tentadora e venal surgir no meu caminho com as suas artes diabólicas, tentando seduzir-me...? Sabeis que sou imperfeito e poderei cair. Estou, pois, desolado Senhor só com essa idéia. Ontem mesmo, a escrava Nemésia, de olhos tentadores e maneiras sedutoras, me procurou com propostas pouco dignas...

Jesus olhou-o, bondosamente, e perguntou com naturalidade:

— E como procedeste para com ela, Pedro?

— Oh, Senhor! Pedi-lhe em nome de todos os deuses que se fosse do meu caminho e que não se atravessasse mais na minha frente... Compreendo que fui rude... Tenho porém medo de que ela volte... Como hei de fazer bondoso amigo?

— Faze o bem sempre, Pedro, repetiu Jesus. Não afastes nunca com irritação os que estão doentes. Sê brando para com ela, se voltar. Finge não lhe entender as palavras de sedução e fala-lhe do Reino de Deus. As palavras do Reino

são como água fria em fogo ardente e fazem morrer nos lábios da hetaíra o riso irônico. Perdoa-lhe a insensatez porque os nossos inimigos no mundo invisível são legião. Ore por ela nas tuas preces íntimas com o Pai e não percas oportunidade de exemplificar. Não fujas dos pecadores, meu filho, que o Pai nos enviou justamente para salvar a esses que ainda lutam com o pecado. Procura-a tu mesmo, ainda hoje, sem temor, e fala-lhe das coisas celestes. O mal vence-se com o bem e o medo sufoca-se com a coragem e o desassombro das atitudes dignas.

O discípulo fiel e sincero, expôs todavia as dúvidas do seu coração:

— Convenho, Senhor, em que vencerei essa batalha, mas e os pobres que me assaltam no caminho, assegurando-me que também sou um enviado e que possuo poderes sobrenaturais; como fazer para domar os surtos de vaidade que se misturam com as minhas idéias de humildade?

— Realmente, a carne é fraca, expôs Jesus, e toda missão divina traz um período de indecisão e perigo. Prepara-te porém ativamente nas lutas de todos os instantes e um dia verás que a tua mente se acalma. Não esperes vencer a tua vaidade e o teu orgulho milenar num dia de trabalho; confia no Supremo Bem e batalha a todos os instantes contigo mesmo. No nome do Pai Celestial, todos os monstros serão vencidos.

— Como fazer, no entanto, arguiu o apóstolo dedicado, com os fariseus que nos apupam a todos os momentos, dizendo que o Reino que pregais é o Reino da Ilusão e da Mentira? O sangue ferve-me nas veias, Senhor, e sinto ímpetos de esganá-los!

— A violência é sempre filha dos maus pensamentos. Controla a entrada de pensamentos na tela de tua mente, e encontrarás o ânimo necessário para calar quando preciso e falar no momento oportuno. Nem sempre o falar é sinal de sabedoria; assim como o calor nem sempre é às vezes inconsciência. Fala com oportunidade e cala com sabedoria, e todos os fariseus da Terra serão vencidos. Nós viemos trazer uma mensagem que ficará para os milênios e não temos pressa de reformar o mundo hoje mesmo. O entusiasmo que sentes, meu amigo, é justo, convém no entanto represar a ira. Para isso, ora, confia, espera e ama.

Pedro suspirou profundamente, e afirmou:

— Mestre, sois um oceano de sabedoria e amor. Em vós sacio a minha sede, mas como hei de fazer quando me assaltarem as dúvidas cruéis com respeito ao que ensinais?

Jesus tornou a olhá-lo com a Bondade Superior da sua Alma Perfeita e murmurou:

— Agora, Pedro, reconheço que a questão é mais séria. Só depois que eu me for para o Pai é que poderás confiar em mim completamente. Porque se as minhas palavras são de sabedoria e amor, somente o meu poder, que me foi dado pelo Pai, poderá convencer-te integralmente. Depois da ressurreição, acreditarás em mim e darás por meu nome a tua vida. Todavia, bem amado, quando a Dúvida te assaltar, recolhe-te ao santuário do teu coração, ora com fervor e redobra a tua vigilância porque esse é o momento em que o homem procura enganar-se a si mesmo e luta entre a luz e as trevas. Eu ofereço-te a Vida Eterna e indico-te o Caminho: o mérito da caminhada e a batalha pelo esclarecimento, porém, pertencem a ti somente...

Pedro retirou-se consolado e satisfeito, enquanto que a noite cheia de estrelas caía sobre a Terra.

XLIV

Falavam-lhe de uma outra
vida mais bela que sorria
no alto do poço mas ela
não tinha ânimo...

O sono da minhoca

No fundo de um poço, entre folhas úmidas de samambaias e barro argiloso, dormitava uma minhoca nova inconsciente da existência que levava. Passava as horas a dormir e a sonhar com estranhos passeios por regiões sombrias. Uma vespa porém, de vôo rápido, desceu célere ao fundo do poço e disse à minhoca dormideira:

— Minha amiga, porque passas os dias a dormir ao invés de procurar a claridade do dia e a luz do sol? Lá fora a luz resplandece e a claridade enche o mundo de tons maravilhosos, todas as coisas brilham e a água tem reflexo multicor!

A minhoca porém, extremunhando respondeu à espevitada vespa:

— Luz do sol? Não sei o que é isso nem acredito em histórias fantásticas. Só sei o que se passa à minha volta e tudo o que vejo é umidade e lama. Naturalmente, minha amiga, estás louca e não dormiste como devias!

Dizendo isso, a minhoca se pôs novamente a dormitar e lá se foi a vespa em vôo rápido pelo espaço.

Mais tarde, passou por ali um beija-flor de penas multicores e asas cor de ouro. Desejando fazer um ninho para constituir família, desceu ao fundo do poço. Enquanto descansava n'um torrão seco de argila, avistou a minhoca que dormia.

— O que fazes aí dona minhoca?

— Eu? Perguntou a infeliz, espreguiçando, durmo. Tu não sabes que dormir é a melhor coisa do mundo? Enquanto durmo não tomo conhecimento das loucuras dos outros seres.

— A filosofia é boa! — Disse o alegre beija-flor — E satisfaz perfeitamente aos malandros e vagabundos. É um método para os que preferem esperar o fim dos milênios como massas inertes. Para mim porém, dona minhoca, é uma infelicidade estar parado. Gosto de voar e correr pela campina; pousar nas flores e beijar as águas tranqüilas. Retiro o néctar das flores como aproveitador da natureza, mas em retribuição, levo nas minhas asas e no meu fino e agudo bico o pólen das flores, colaborando assim na fecundação da flora. Sou útil e sou feliz. Deixa-te disso, minhoca, faze um esforçozinho e sobe até à boca do poço. Vai ver como lá fora o mundo é belo e o trabalho é uma sinfonia de luz!

A minhoca todavia preferiu dormir e esqueceu-se do beija-flor, que voou para não mais voltar.

Horas depois, descia ao poço um besouro amarelo, com um zumbido ensurdecedor.

Olhou a minhoca com ar de médico em férias e como quem olha através de um monóculo, exprobou-lhe:

— Assim, dona minhoca, a tua doença não sara. Estás muito preguiçosa! Mais ânimo e coragem. O torpor é mau companheiro. Vamos, caminha!

Dizendo isso, sacudiu a minhoca que levando enorme susto, exclamou:

— O que queres de mim? não te conheço e nem pretendo conhecer!

O besouro porém que é amigo galhofeiro, zumbiu satisfeito:

— Nada disso. Venho dar-te notícia de uma vida extraordinária e bela que há lá em cima. E não te custa nada conhecer essa dádiva divina. Irás travar conhecimento com novos companheiros e ver novas coisas.

— Todos me dizem a mesma coisa, revidou a minhoca, mas eu não creio. Se lá em cima há tanta luz como então é que nos deixam em trevas? É tão difícil escalar esta subida! Não sinto ânimo para essas coisas. E mesmo que quisesse não poderia, estou tão fraca!

O besouro, contudo, soltou estridente e cristalina gargalhada:

— O que tens, dona minhoca, é preguiça, no duro! Não queres te mover porque preferes dormir. Cuidado, porém, porque qualquer dia, nesse lugar úmido e feio em que estás,

aparecerá alguém que ao invés de aconselhar-te a subir preferirá comer-te aos poucadinhos! Não queres vir, não é? Então, adeus!

Dona minhoca passava os dias a dormir, a despeito de todos os conselhos amigos e bondosos. Falavam-lhe de uma outra vida mais bela que sorria no alto do poço mas ela não tinha ânimo de se aventurar na escalada laboriosa e difícil. Preferia a umidade, o perigo e a escuridão.

Dias após, surgiu um pardal arisco, que, escondendo-se de estranho caçador, ocultou-se no poço.

Dona minhoca que estava, por admirável que pareça, desperta, perguntou ao pássaro:

— O que tens, que te mostras tão assustado?

— Não, disse o pardal, não é nada não. Estou apenas fugindo de um homem que deseja me matar.

— Oh, gritou a minhoca admirada, então quer dizer que lá em cima onde dizem que há vida e luz, existe perigo desta natureza?

O pardal riu maliciosamente e disse:

— Sim, minha amiga, lá em cima há seres perigosos que nos perseguem. No entanto, temos a luz do dia e a vastidão do espaço, as frutas das árvores e os jardins floridos. Quanto a perigo de morte, no fundo escuro deste poço existe talvez em maior proporção. Eu mesmo, dona minhoca, poderia comê-la se quisesse, neste instante. Felizmente, estou com o papo cheio e não iria matá-la só por prazer. Não me esquecerei contudo que moras aqui e quando meus filhos sentirem fome virei buscá-la, pois vejo que levas uma vida inútil.

Dizendo isso, deu umas bicadas na minhoca, beliscando-a, sem contudo tirar-lhe pedaço algum.

— O que estás fazendo, gritou a pobrezinha, aterrorizada. Queres matar-me agora?

— Não, pipilou o pardal sabido, apenas estou examinando a qualidade da sua carne. É de primeira! Dou-lhe por isso um conselho de amigo: saia deste poço, porque da próxima vez que passar por aqui, você estará no papo... Saia portanto para a luz!

Dona minhoca ainda viu os olhos do pardal que brilharam no escuro como duas brasinhas. Ele se fôra ruflando as asas.

Passado o susto, a dorminhoca espreguiçou-se e começou a escalada, com medo que o pardal voltasse para cumprir a terrível promessa.

Dizem que quando chegou à luz do dia, suspirou alegre e feliz.

Quando o espírito que me contou essa pequena fábula terminou a exposição, bateu-me no ombro mansamente e disse:

— Você não acha meu irmão, que o homem até hoje tem agido sempre como essa minhoca dormideira? Só ouve a voz dos que ameaçam, e apenas sobe com o aguilhão da dor?!

XLV

...a riqueza da terra fica
e perece, a riqueza do céu
todavia é eterna
e imortal...

Sinais dos tempos

Assim que o Mestre deu curso ao seu apostolado de luz, espalhando pelas regiões amoráveis da Galiléia, a palavra santa e o exemplo sublime, conta-se que avaro judeu procurou-o nas caladas da noite em busca de um sinal do Céu.

Jesus recebeu-o no aconchego do lar amigo de Pedro onde se demorara entre dois discípulos a falar das coisas do Pai Celestial.

Alexis, o judeu malicioso, acercou-se do Senhor humildemente e expôs as suas queixas:

— Senhor, sei que sois misericordioso e que tendes a bondade como lei divina e o amor ao próximo como vontade do Deus Todo Poderoso que vos conduz. Sou pobre e infeliz, às vezes mal tenho o que comer; peço-vos, pois, Senhor, multiplicai por mil esta moeda de ouro que tenho em minhas mãos, e aceitarei hoje mesmo, de todo o coração, o Reino Celestial.

O Mestre contemplou-o penalizado e ensinou:

— Meu filho, compreendo a tua intenção, mas o meu reino não é deste mundo. O poder de que disponho não tem como objetivo a multiplicação dos bens terrenos, mas sim o aumento dos bens divinos. Não busques enriquecer através do meu poder ou do poder de quem quer que seja, pois o reino dos céus é feito de amor e não de ouro.

Alexis, muito desapontado, retirou-se silencioso.

Dias depois, abordava o Mestre quando este predicava dizendo:

— Pedi e obtereis, batei e abrir-se-vos-á...

— Mestre, disse Alexis afoitamente, esta manhã fugiu-me uma ovelha do rebanho e não houve meio de encontrá-la. Vós que sois poderoso e bom, poderíeis me dar outra ovelha!?

O Nazareno sustou a palavra sagrada no meio e respondeu:

— Em verdade, Alexis, buscas com sofreguidão os bens da terra, esquecido dos dons divinos. A minha palavra contudo se refere às coisas celestiais e àquelas outras que o Pai Celestial julgar convenientes para o progresso e conforto de seus filhos. Não cabe a mim retribuir-te a ovelha que perdeste. As minhas ovelhas, eu mesmo vou buscá-las onde estiverem. As tuas, meu irmão, cumpre-te a ti zelar por elas.

O teimoso judeu retirou-se mais uma vez envergonhado, aguardando todavia uma oportunidade de se valer dos dons do Mestre para aumento de suas riquezas.

Tempos depois procura o Senhor com a seguinte súplica:

— Mestre, vós que sabeis tudo e que conheceis os nossos mais íntimos pensamentos, dizei-me Senhor por piedade onde se encontra o meu empregado Alfio que desde esta manhã desapareceu sem que dele tivéssemos notícias. Temo que ao levantar-se bem cedinho, tenha carregado consigo preciosas peles que vendo em minha tenda na cidade. Seríeis útil a este vosso semelhante, indicando-me o paradeiro do ladrão e vagabundo!

Jesus sorriu da malícia e teimosia de Alexis e tornou tolerante:

— Meu bom Alexis, vejo que te preocupas muito com a tua casa e os teus bens. Confia porém na Misericórdia Divina e o teu empregado voltará. Se porventura roubou-te alguma coisa, fez o mesmo que tu tens feito aos teus semelhantes por outros meios mais "legais". Não sou juiz Alexis, e antes vim para ser julgado do que para julgar.

O judeu desta vez retirou-se em maior desaponto ainda, pois que o Mestre insinuando os seus métodos de trabalho, mostrou-lhe que conhecia a sua vida íntima. Todavia não desanimou. Mais tarde voltou com outro pedido absurdo ao Mestre Sublime e Puro:

— Mestre Jesus, disse ele, sei que não gostais de tratar de questões materiais e que vos repugna a multiplicação de bens terrestres, muito embora tenhais multiplicado pães e

peixes, o que nunca desejastes fazer para mim que vos tenho seguido e ouvido. A prova disso é que poderei repetir de cor o vosso Evangelho Celeste. Trata-se do seguinte:

De uns tempos para cá, a minha freguesia desapareceu. Minha loja está sempre vazia e a féria que era alta passou a ser mínima. Como sabeis, em face da época dolorosa que atravessamos, tenho que tomar providências. Fui ao Templo, sacrifiquei ao Deus Único, ofereci mesmo um cabrito e uma pomba mas não consegui alterar o curso assustador do comércio. Estou desorientado. Não quis porém recorrer a outros profetas pois sei que sois o maior em Israel. Ajudai-me com a vossa misericórdia a multiplicar a freguesia de minha loja e prometo-vos uma porcentagem elevada nos lucros de fim de ano. Aliás, seria até de utilidade pública essa medida que vos garantiria a subsistência da vida na Terra.

O Divino Amigo, entristecido, revidou com doçura e energia.

— Vejo que estás evoluindo Alexis. Antigamente me pedias bens terrestres; hoje, me ofereces um negócio e uma sociedade lucrativa. Admiro a tua perseverança que se fosse empregada na pregação e construção do Reino de Deus, daria frutos sazonados. Trabalha e desenvolve tua atividade, fazendo-te diligente e honesto em teus negócios. Tem compaixão dos pequeninos e limita-te a um lucro mínimo e teus negócios progredirão na marcha digna dos bons negócios. Não te deixes envolver pela cobiça e pelo desejo de ganho ilimitado. Se eu quisesse sociedade como tu propões, perderia a sociedade de amor que possuo com meu Pai que está nos céus. Só trato dos negócios divinos e mesmo assim não almejo porcentagem alguma. Contento-me com a alegria de servir e amar.

Mais uma vez o judeu retirou-se em profundo desaponto e desânimo visíveis.

Meses depois, circunspecto e compenetrado comparecia Alexis diante de Jesus para propor negócio mais sério:

— Senhor, foi dizendo o judeu, venho em nome do Sinédrio propor-vos negócio confidencial.

— Já sabes, disse Jesus, quais são os meus negócios e não precisas ser muito arguto para perceberes que não transijo com as coisas de meu Pai.

Diante da energia do Mestre Incomparável. Alexis ficou ligeiramente apalermado, mas afirmou o objetivo da sua missão:

— Manda o Sumo Sacerdote que vos diga que o Sinédrio está disposto a aceitar alguns dos vossos princípios doutriná-

rios, se vos afastardes de Jerusalém para sempre, levando convosco os vossos mais eminentes discípulos. Ganhareis além disso, cem moedas de prata e a vossa memória passará à posteridade como a de um alto dignitário do Estado. Elogiarão futuramente e de modo sutil os vossos milagres e dirão que morrestes gloriosamente em defesa da nação.

Jesus porém respondeu com lágrimas nos olhos e bondade no coração:

— Compreendo Alexis, o preço porque quereis comprar a minha missão. Dize, contudo ao Sumo Sacerdote que as coisas de meu Pai não se vendem por moedas da Terra, mas que se conquistam com suor e lágrimas, lutas e sofrimentos. Daqui, só irei para meu Pai, após o cumprimento de tudo o que está escrito a meu respeito. Não busco as dignidades estatais mas a glória de Deus e o seu reino de misericórdia.

Desta vez Alexis saiu para não mais voltar.

O Senhor, voltando-se no entanto para Pedro que estava presente ao insulto, ensinou:

— Como tendes visto, Pedro, a maioria dos que me buscam são como esse Alexis, mais interessados na multiplicação das riquezas e das moedas que possuem do que mesmo na aquisição da luz e do conhecimento. Buscam-me como mágico e desejam milagres que os enriqueçam. Poucos são os que almejam o reino celestial de amor e compreensão. Porém, em verdade vos digo e isso digo a todos: a riqueza da terra fica e perece, a riqueza do céu todavia é eterna e imortal. Quem é da verdade escuta a minha voz e sinto-me contente de encontrar os que são meus!

XLVI

...o Reino de Deus não se funda em palavras vãs e em utopias fantasistas...

O Filho de Deus

O Embaixador Celeste ensinava mansamente as verdades do Reino, assentado perto do gasofilácio, quando um discípulo amado lhe perguntou interessado:

— Mestre, quando virá a Redenção de todas as almas?

— Em verdade te digo, explanou Jesus com os olhos perdidos na imensidade do tempo e do espaço, que não passará esta geração antes que tudo isso se cumpra.

E dirigindo-se a todos:

— Quando ouvirdes falar de guerras e de rumores de guerras, não acrediteis que é o fim, mas será o começo. Porque necessário é que tudo isso aconteça antes que o filho do Homem volte em toda a sua luz e esplendor!

— Mas Senhor, interrogou Filipe, como havemos de saber que chegou o momento aprazado?

— Filipe meu amado, guardai esta parábola: quando a figueira deita flores e frutos, não sabeis que é chegado o verão? Assim também será a hora da ressurreição; pelas dores coletivas que o mundo passar e pelas sementes divinas que clamam de todos os lados da Terra em meu nome sabereis que o Pai nos convoca para a passagem gloriosa da renovação do planeta e para a paz tranqüilizadora dos séculos. Antes de mim virá o Consolador que vos fará relembrar tudo o que vos ensinei.

— Mas Senhor, exclamou Pedro admirado, como dizeis então que não se passará esta geração sem que tudo se cumpra? Não haveremos de morrer?

— Sim, Pedro, havereis de morrer e renascer sempre até que tudo esteja consumado. Quando não estiverdes na carne impulsionando a humanidade, estareis na glória de meu Pai, preparando as almas decididas e belas para os vôos de Missionários da Vida Imperecível. Em verdade vos digo que alguns de vós estarão sempre na carne até a minha vinda e que vos deveis guardar a vós mesmos das tribulações do mundo para dardes testemunho de mim.

Depois destas palavras proféticas, Jesus de Nazaré afastou-se e foi orar. Os discípulos, no entanto, discutiam entre si, e julgavam todas aquelas coisas demasiado estranhas.

Exclama Pedro impulsivamente:

— Eu amo o Senhor e creio no que nos ensina. Mas... sinto que há ensinamentos elevados demais para mim. Ele hoje nos falou de grandes catástrofes que virão no futuro do mundo e nos disse que estaríamos nessa ocasião entre os homens para o divino testemunho. Não acham que somos indignos de tão belas promessas?

Filipe porém, respondeu a Pedro sensatamente:

— Não concordo contigo, bondoso Pedro; se o Mestre nos considerou dignos de seguí-lo e nos chamou seus discípulos amados, é justo que lutemos pelo Evangelho até o final dos tempos. Depois, quem haveria de ter mais interesse em que as verdades sublimes que Ele prega, sejam aceitas por todos os homens? Eu compreendi as suas boníssimas palavras. Estaremos juntos em todos os séculos na terra ou no espaço, para a glória sacrossanta do Senhor Jesus.

Dizia porém André, o irmão de Cefas:

— O dom de clarividência do Senhor é sublime e tenho certeza que tudo o que disse se cumprirá. Não tem João prestado a toda a Judéia testemunho d'Ele, dizendo e reafirmando que realmente Ele é o Filho de Deus?

Enquanto isso, o Mestre, terminada a oração, descia a pequena encosta e aproximava-se sorridente:

— Meus queridos, predicou Ele mais uma vez, vós que sois meus discípulos e estais ao meu lado, duvidais às vezes da minha divina descendência. E nos vossos corações tremeis acreditando que as minhas palavras possam ser a fantasia de uma mente desvairada. Vós que tendes visto os prodígios que faço e que tendes vivido aconchegados a mim como pintinhos debaixo das asas quentes da galinha amorosa... O que dizer

então daqueles que viverem séculos após nós e que aceitarem a minha vinda através de relato defeituoso das gerações? Eis porque vos prometi um Consolador bom e amigo que estará convosco para sempre. Em verdade vos digo que falsos profetas se levantarão no mundo dizendo que são o Cristo e grandes multidões os seguirão, supondo que são a Verdade e a Vida. Nisto porém os homens reconhecerão o Cristo: na sua Palavra de Verdade e no seu Poder Completo, na sua humildade e mansidão, tolerância e boa vontade, compreensão e amor. E todos os que se disserem meus discípulos fiéis serão conhecidos pela qualidade sublime de amar; perdoar, esquecer, tolerar, compreender e viver retamente. Nessa ocasião os bodes estarão no meio das ovelhas e buscarão desviá-las do seu caminho de luz, propondo teorias perigosas e aviltantes. As mãos das trevas escreverão páginas embriagadoras e Satanás tentará a todos os meus discípulos. Portanto, orai e vigiai. Não vos importeis comigo e com a minha glória nessa ocasião, mas fazei estritamente o que vos tenho ensinado e valorizai o meu ensino e o meu exemplo, até que as trevas tenham passado. Muitos haverá que discutirão como vós discutis hoje a meu respeito e buscarão mais a minha forma terrestre do que a minha essência divina; a esses amparai e esclarecei porque eu vos trouxe uma Mensagem Eterna, e essa mensagem é tudo o que de mim devei esperar e crer. Ide por toda a parte e ensinai as minhas palavras, todavia repeti antes os meus exemplos para que todos vejam que o Reino de Deus não se funda em palavras vãs e em utopias fantasistas... Que o mundo possa ver-vos como quem vê o Filho de Deus em toda a sua majestade.

Após a sublime explanação, os discípulos calaram-se meditativos e o Mestre, retirando-se lentamente, no meio deles, convidou amorosamente:

— Vamos, antes que venha a noite, e que chegue o Poder das trevas, porque nessa hora, chorareis lágrimas de sangue e vos arrependereis das vossas dúvidas... O Pai que está nos céus, contudo, vos dará forças para vencerdes em todos os séculos!

XLVII

...o amor é lei
de Deus enquanto
que punir é lei
dos homens.

O homem bom

Refere a lenda humana que no princípio dos tempos, quando o mundo ainda não conhecia o trepidar do progresso moderno nem a velocidade dos aviões e dos transatlânticos, havia um servo dedicado ao Senhor do Universo. Alma purificada, fazia cada manhã a sua obrigação espiritual com sublime devotamento. Após a prece da alvorada, descia pelos caminhos escabrosos em busca de infelizes e sofredores a quem pudesse amparar. A este trazia a palavra de conforto; àquele levava o pequeno óbulo da viúva; a outro mais adiante concedia em abraço de amor e demonstrava profundo afeto. Não tardou que a sua fama se espalhasse e que a denominação de santo lhe fosse merecidamente aplicada. Chamava-se o homem a quem me refiro Justus, e esse nome tornara-se-lhe como que uma coroa gloriosa que lhe encimava a fronte espaçosa, repleta de pensamentos puros.

Nas cercanias habitava porém um rei cruel e desumano, capaz das maiores atrocidades. Facínora contumaz que fizera do seu reino um antro de bandidos, resolveu, talvez tentado pelo demônio, tirar a vida ao pobre Justus. Mandou para isso chamá-lo. Como sabia que o taumaturgo era amado e querido, esperava um pretexto para tirar-lhe a vida.

Tendo-o à sua frente num dia de festa suntuosa em que ria e gozava à larga, perguntou-lhe o rei asperamente, diante

dos convidados maliciosos que contemplavam o bom Justus na sua pobreza:

— Sei, disse o rei, que andas fazendo o que chamas caridade em todo o meu reino; considero isso uma afronta à minha dignidade real. Como ousas lançar o descrédito ao meu reinado assegurando assim que o meu país é um país de infelizes e sofredores? Se não responderes sem me ofender, disse o rei zombeteiramente, serás enforcado hoje mesmo.

Justus, porém, calmamente respondeu:

— Alteza, busco auxiliar aos que sofrem como súditos do Rei Altíssimo, que é o Senhor do Universo. Não vai na minha atitude ofensa à vossa dignidade real, pois que antes de serdes rei, Ele já era o Supremo Artífice da Vida. Não deslustro o vosso reinado, antes o torno mais belo, porque mostro assim que em vosso país os sofredores encontram amparo e proteção.

Diante da resposta inesperada o rei berrou:

— Patife, julgas que escapas com essa fantasia que expuseste? Explica-te imediatamente, porque usas esse nome execrado de *Justus*? Quem t'o concedeu?!

— Senhor, respondeu humildemente o bom homem, toda criatura ao nascer recebe um nome que indica a sua pessoa no mundo. E todos os homens do Reino de Deus têm a ventura de receber o próprio nome dos lábios sagrados de sua mãe. Recebi-o como vós recebestes o vosso de minha humilde mãe que naturalmente desejou que eu fosse um homem bom e justo no porvir. Eis aí a origem do meu nome, Senhor.

O rei, todavia, destilando cólera perante a inteligência e humildade de Justus, bradou mais uma vez:

— Com que direito te vestes dessa maneira, coberto de andrajos com visível desrespeito pelas coisas do meu país, sujeitando-nos às críticas do estrangeiro que por aqui passa?! Não vês que os povos vizinhos são conhecedores de que abrigo em minhas terras um súdito que ostenta a miséria como um brasão de glória?

— Perdôa-me poderoso rei, desculpou-se mansamente o homem bom. Não o faço com a intenção de ofender-vos, antes o faço com o desejo de servir e amparar. Não é justo que eu ostente riquezas quando o meu próximo passa fome e miséria. Possa assim senhor, o estrangeiro saber que no nosso reino a dor é aliviada e a miséria encontra guarida e amparo no coração dos vossos súditos que distribuem o que possuem de toda a alma.

O poderoso monarca malgrado seu desaponto, mandou Justus retirar-se porque não encontrou em suas palavras nada que o condenasse.

Como porém desejava tirar-lhe a vida, pediu a um cortesão que colocasse no pequeno bornal que o santo deixara na porta de entrada talheres de ouro, com o fim de acusá-lo de roubo.

Assim foi feito, e o santo ao descer os degraus do palácio, levando a sacola que continha o pequeno tesouro, encontrou-se com um miserável que lhe estendeu a mão, em prantos:

— Senhor, dai uma esmola! Minha família passa fome e não encontro emprego em parte alguma.

O santo, condoído, estendeu o bornal ao mendigo carinhosamente.

— Toma meu filho, apenas tenho esta sacola com dois pedaços de pão, leva-os para os teus filhos.

O mendigo abraçou a sacola e desapareceu numa viela próxima. Daí a instantes o santo era detido pelos soldados do rei, que o levaram de volta à presença de sua majestade.

— Ladrão vulgar, disse o monarca, como ousaste roubar na minha presença talheres de ouro?

Dizendo isso, ordenou que o revistassem ali mesmo, mas nada foi encontrado.

Em vista do sucedido, o rei mandou o santo embora mais uma vez, ao mesmo tempo que deu ordens para que conhecida messalina o abraçasse e beijasse em plena via pública, com o fim de um pretexto para condená-lo como corruptor dos costumes.

Assim se fez.

Quando o santo, acompanhado de longe, defrontara extensa praça regorgitante de povo, Tesífora, conhecida messalina, lançou-se-lhe nos braços exclamando:

— Meu amor, não me deixes morrer de paixão inútil!

O santo porém, desvencilhando-se rapidamente da mulher, caiu de joelhos orando ao Pai Celestial, de modo que a multidão que se acotovelava na praça, seguiu-o no mesmo gesto de submissão a Deus, e um hino de louvor se elevou da terra ao Céu. Tesífora desapontada desapareceu na primeira oportunidade.

O rei no entanto não descansou. Enviou um assassino, altas horas da noite, com o fim de assassinar o santo homem. Justus, contudo, nessa noite, buscara o cimo da montanha para orar e escapou assim à sanha do assassino.

Passou-se o tempo, e o bom servo do Senhor continuou fazendo o bem e amparando a todos sem que o terrível rei

encontrasse uma oportunidade de tirar-lhe a vida. O país inteiro, pela boca dos lacaios e dos criados do palácio ficou sabendo que sua majestade odiava Justus e uma grande revolução sobreveio sobre o trono do rei. O rei foi feito prisioneiro e, despojado de todos os seus bens, seguiu para o degredo. Execrado, não encontrou amor em nenhum servo que o odiava e desprezava pelas medidas terríveis e causadoras da miséria em que se afundara o povo. Havia um homem porém que pedia clemência ao Pai Misericordioso e implorava perdão para o infeliz rei. Esse homem era Justus.

Sabedor de que o bondoso taumaturgo implorava piedade pelo monarca destronado, o povo procurou-o na sua casinha humilde e exprobou-lhe:

— Bom amigo, disse o representante do povo, com a tua atitude condenas a nossa resolução, enviando o velho e mau rei para o exílio. Por acaso, não foste um dos motivos desta revolução? Em que estamos errados?

O servo do Senhor curvou a cabeça humilde e respondeu:

— Perdoai-me, meus filhos, mas a violência alheia não deve ser motivo para a nossa violência, e nem os erros de outrem autorizam os nossos erros. Acima da justiça reta e absoluta, está o amor que tudo perdoa e esquece. Não vos olvideis que o amor é lei de Deus enquanto que punir é lei dos homens.

A multidão retirou-se após o discurso sentido de Justus e não mais se importou com ele; o mal, todavia, que o monarca fizera ao povo voltara-se sobre sua cabeça como uma tempestade.

O homem bom perdoa sempre, as nossas más ações contudo deverão ser resgatadas até o último ceitil.

XLVIII

Não seria justo que os abandonasse somente porque duvidam da minha existência espiritual.

Plano de identificação

Na minha correspondência com o mundo físico, quase sempre defronto a ironia mordaz e a cólera intempestiva. O ateu que não crê, sorri ceticamente das mensagens de Além-Túmulo como quem supõe que do inexistente será impossível qualquer correio informativo. O protestante, preso à letra inflexível da Escritura, teme a presença do espírito imortal mas respeita a consciência alheia, certo de que mais dia menos dia, a sua interpretação rigorista vencerá em todos os quadrantes. O católico, despreocupado das coisas de Deus, mergulhado na alegria do mundo e nas tentações da carne, todavia intolerante nos seus pontos de vistas, acusa as organizações mediúnicas que se submetem humildes ao trabalho do Alto. Prega a mistificação na via pública; fala desabusadamente pelos jornais e desacredita aos que servem a Jesus, esquecidos de que o Mestre nos ensinou: "quem não é contra nós, está conosco." Chegam até a afirmar que o Cristo que apregoamos não é verdadeiro e que o Evangelho que usamos pertence a outras religiões. Os próprios espíritas levam a Dúvida tão longe que nós nos sentimos às vezes envergonhados de entabular um dedinho de prosa com o discípulo afeiçoado de Richet, disposto a nos desmascarar em meio da conversa. Daí a imensa dificuldade com que têm de lutar os mensageiros do Senhor, habituados à luta árdua na crosta da Terra, onde

cada dia renovam as disposições de servir por amor ao Sublime Companheiro. Os homens assumem para conosco atitudes de detetives desconfiados e acreditam talvez na sua ingenuidade que somos salteadores do Infinito.

Em vista disso, é natural que o descrédito ande à nossa volta e a indiferença assole as nossas pregações. Algumas almas contudo se apiedam de nós e vêm genuflexas comungar com os nossos ideais superiores de Vida Eterna. É a essas poucas criaturas do mundo que me dirijo agora, na esperança de que me compreendam e recebam esta nova mensagem como quem recebe em seus braços o filho pródigo que retorna ao lar paterno. Lembro-me aqui da parábola do Divino Pastor, em que se refere o Mestre ao festim de bodas para o qual havia muitos chamados e poucos escolhidos. Eu também ouvi a voz do Pastor Divino e me candidatei ao serviço renovador da Espiritualidade. Isto não quer dizer que esteja envergando a túnica nupcial de luz resplandecente. Represento aqui um mensageiro de bordo, candidato a mais alto posto num futuro remoto. Recebo os passageiros que chegam nos grandes aviões de transporte coletivo, tomo-lhes as passagens, fiscalizo as cadernetas de identidade, verifico o seu destino e nada mais. Como sou um pouco impulsivo, costumo transmitir aos amigos e conhecidos que ficaram na terra as impressões mais belas e as anedotas mais interessantes que me ficam na lembrança. Há dias, luminosa entidade que serve na Terra os Altos Desígnios da Providência Divina, encarregada do setor hodierno de propaganda do Além, enviou-me extenso relatório em que me demonstrava por A mais B a necessidade de se tentar nos tempos que correm estabelecer um programa de identificação da minha pobre personalidade de escritor infeliz que continuava no mundo os labores de antigo profissional das letras. Dizia o citado relatório que a oportunidade que se apresentava era única e que se daria assim início a maduro plano do Além. Esperavam há anos por essa hora e seria demasiado doloroso se eu me pusesse no momento oportuno. O nosso aparelho conquanto ainda em desenvolvimento progressivo, receberia menos mal as minhas mensagens e colaboraria no que fosse possível para o bom êxito da empresa. O ambiente humano por muitas razões se apresentava propício a esta planificação inicial.

Embora conhecedor da enorme responsabilidade que me pesava sobre os ombros de indigente espiritual, aceitei a incumbência agradecendo a Misericórdia Divina que permite que permite que até nas maiores expressões dos planos superiores se respeite o arbítrio do trabalhador pequenino e ignorante, incapaz de perceber o alcance do trabalho das esferas elevadas. Eis as razões deste pequeno esforço. Espero lançar as bases de uma identificação como humilde escritor e jornalista desencarnado. Na Terra ainda me ficaram amigos e companheiros gratíssimos ao coração, com os quais convivo no silêncio do meu espírito e no aconchego de minha alma. Será para mim sublime contentamento dar-lhes ainda neste século a certeza da Vida Eterna e a prova de que continuo a existir e a viver, sentir e amar, compreender e sofrer, trabalhar e lutar. Não seria justo que os abandonasse somente porque duvidam da minha existência espiritual. Eu também em outros tempos fui cético e indiferente, incapaz de compreender as relações entre o espírito e a matéria. Perdi-me horas inteiras no labirinto de cogitações dolorosas perquirindo o fundo da minha alma em busca de uma réstia de esperança. Convenhamos em que realmente é difícil ao leigo no assunto aceitar de um instante para o outro a sobrevivência gloriosa. Cada ser está envolto em laços intrincados do passado distante e negro. Os olhos não acostumados à luz ofuscam-se em contacto com a claridade e se não formos cuidadosos, poderão mergulhar em trevas mais densas ainda. Consola-me contudo e dá-me forças, o saber que o Divino Mestre sempre foi recusado em suas relações com o mundo e mesmo agora continua aceito por ínfima minoria de companheiros dedicados. Não temos pressa, mas temos certeza que o trabalho se extenderá pouco a pouco, cerceando de todos os lados as dúvidas e a indiferença, despertando nos corações endurecidos a piedade e a vibração fraterna. Façamos esta nova experiência de dizer por fontes diferentes as mesmas coisas na esperança de que o futuro ainda nos guarda maiores surpresas e de que o passado já é um fato glorioso.

XLIX

. . .até agora
nem toda a
Espiritualidade
foi descrita.

Relatório incompleto

Certa vez, entidade esforçada das zonas inferiores à Terra, recebeu permissão dos emissários que trabalham junto às forças polimorfas da natureza, para uma visita à Crosta Terrestre onde o homem faz as suas habitações e realiza o aprendizado celeste.

Conduzido por espírito bondoso e amigo, o ser diferente que habita as regiões dos gases sufocantes subiu até à superfície do Globo justamente no planalto brasileiro. Respirou a paz profunda e admirou a paisagem verde e brilhante onde pássaros maravilhosos exibiam as penas policrômicas.

O anjo terrestre porém lhe falou:

— Ficarás à tua vontade durante dez dias para estudar o meio ambiente e fazer o relatório que levarás ao teu campo de ação como resultado de tuas honestas observações. Dez dias é o tempo suficiente para que percorras velozmente o globo terráqueo por muitas e muitas vezes. Terás assim oportunidade de avaliar o que é a terra e o que se passa aqui.

O estranho visitante, muito satisfeito, iniciou o seu trabalho e durante três dias observou dedicadamente o Brasil de norte a sul. Percorreu o Rio de Janeiro, admirou as artérias regorgitantes de pedestres, contemplou embevecido os monumentos e sentou-se durante algum tempo na Praça Paris

demorando a percepção aguçada por passes especiais na amplidão do mar que se extendia calmo.

Desceu finalmente para as regiões do sul do país, demorando-se algumas horas na observação direta do trabalho industrial ciclópico do Estado Bandeirante. Ouviu os apitos alegres das fábricas e sentiu a força da produção ininterrupta de São Paulo.

Gastou menos tempo percorrendo Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Após, tomou o caminho do norte contornando a parte larga de sol ardente da terra brasileira. Admirava porém profundamente a paz reinante no nosso país em flagrante contraste com o tumulto e com as lutas que se travam nas zonas inferiores onde habitava; ficou boquiaberto diante do silêncio das florestas e do trabalho da cidade, quando nas zonas em que vivia habituara-se a ouvir os constantes gritos e ranger de dentes.

Tempos depois percorreu a América do Sul de ponta a ponta e sentiu fortificar-se no seu ânimo a convicção de que o globo terrestre era a região da paz perpétua e do amor sem mácula. Estava radiante e feliz, quando o anjo do Senhor, chegando de longa viagem, lhe disse:

— Pronto meu amigo, não temos tempo a perder. Aproveitou bem os dez dias na Terra? A permissão que lhe foi concedida termina hoje e tão cedo não poderás retornar a este plano.

Dito isto, levou para as regiões escuras da sombra o irmão esforçado, que desceu derramando lágrimas de saudade e tristeza.

Assim que chegaram no país da sombra, o viajante privilegiado escreveu sentida e comovente mensagem relatando aos seus semelhantes as belezas da Terra e exaltando a paz divina de que era portadora. Referiu-se à harmonia das plagas terrenas e exortou-os a imitar os habitantes ordeiros e felizes do globo terrestre. Ficou pois a Terra sendo considerada sublime paraíso de expressão inatingível pelos seres inferiores que habitam as regiões mais baixas.

Passado algum tempo, porém, outro ser infeliz das zonas sombrias conseguiu permissão para visitar a Terra, devido à sua dedicação à obra de elevação de seus irmãos. Como o primeiro observador, foi conduzido por outro anjo do Senhor.

Este, todavia, no momento da ascensão tomou o caminho oposto ao primeiro viajante, de modo que foram pousar justamente num monte Europeu, entre os Alpes italianos.

Sonhando com a paz e a beleza da Terra o nosso viajante disse ao guia espiritual:

— Pode se retirar em paz, meu irmão, saberei me conduzir sem perigo algum.

O Servo da Natureza retirou-se e o estrangeiro preparou-se para as suaves observações do Paraíso Terrestre.

Infelizmente para os homens terrenos, foi justamente na ocasião em que mais acesa ia a guerra européia.

O visitante amigo foi tomado de pânico diante das explosões mortíferas que surgiam de todos os lados. Barulhos ensurdecedores encheram-lhe a mente com os clamores infernais e pássaros gigantescos de aço cortavam os ares em todas as direções atirando obuses incendiários. A Terra tornara-se imensas fogueiras de proporções gigantescas e medonhas. Gritos dolorosos subiam do abismo em chamas e criancinhas indefesas eram mortas a fio de sabre.

O irmão inferior teve oportunidade de contemplar as cidades magníficas destruídas pelas bombas e pode observar as caras horrendas e medonhas que os soldados enfurecidos expunham nas horas de combate. Além disso, hordas avassaladoras de entidades espirituais perversas misturadas com os homens o atacavam de todos os lados.

Por isso, suportou num verdadeiro inferno, os dez dias marcados de permanência na Terra.

Quando o emissário voltou, o estrangeiro exclamou desesperado:

— Senhor, pelo amor de Deus! Leva-me daqui! Isto é pior do que o país das sombras! Não agüento mais! Ai! Ai!

O anjo bondosamente, levou-o desfalecido para a região da treva e da morte.

Restabelecido, expôs o ser privilegiado o seu relatório, contando pormenorizadamente a aventura nas plagas européias. Descreveu sistematicamente a guerra dolorosa e terminou dizendo que não estivera no paraíso referido pelo viajante anterior e que só vira o inferno. Por essa razão qualificava o nosso globo de Inferno Terrestre.

Em vista dos dois relatórios que se contradiziam, houve enormes discussões e a maioria não podia aceitar o segundo relatório de conseqüências tenebrosas.

Preferia supor que o globo terrestre fosse somente o mundo da paz e da beleza perpétua.

Diante do fato imprevisto, luminosa entidade desceu às zonas inferiores e ponderou aos seus habitantes que ambos os emissários tinham razão. Que a Terra dispunha de países

que estavam em guerra e viviam em luta e possuia territórios onde havia relativa paz. Apenas por escassez de tempo ou mesmo por inadvertência não haviam eles ainda percorrido toda a Terra.

Os ânimos serenaram mas a dúvida continuou a perdurar em menor escala, é verdade, após a partida do anjo bondoso e amigo.

Lembrei-ne desta história agora, porque ouvi uma conversa num pequeno grupo espiritual que freqüento na Crosta Terrestre, em que dedicado trabalhador da Seara do Mestre afirmava:

— As descrições sublimes da Espiritualidade são aceitáveis, mas essa história de monstros espirituais náo é comigo..."

É preciso não se esquecerem que até agora nem toda a Espiritualidade foi descrita.

O relatório ainda está incompleto...

L

Derrama as rosas
do Teu amor
sobre estes pobres
espíritos endurecidos...

Antes da noite escura

Antes que escureça novamente e o horizonte se torne da cor dos véus de sombra, nós Te rogamos, Senhor, a paz para as criaturas e a tranqüilidade para os que estão sem rumo.

Tu que sabes a natureza da dor e conheces o coração humano, faze com que nossas almas compreendam a necessidade de perdoar e esquecer, olvidar e amar, amparar e sofrer para sempre!

Dá-nos a coragem silenciosa dos que Te seguem, a bondade dos que reconhecem em Ti o Único Pastor, a mansidão dos que vibram no Teu Evangelho de Luz!

Os homens marcham desorientados, as mulheres caminham sem rumo, os velhos vacilam indecisos e as crianças gritam de dor e fome, de miséria e de aniquilamento!

Arranca-nos as torpezas do coração elameado; a maldade dos espíritos incompreensivos, a perversidade das mentes transtornadas.

Tu que após a ressurreição exortaste os discípulos fiéis à caminhada áspera, à luta constante através dos séculos, à conquista da luz e da paz no correr dos milênios...

Ampara-nos nesta hora amiga de transição e martírio, de delíquios sem fim e de baixezas morais!

Que possamos compreender mais uma vez a Tua Mensagem Divina e que os sofredores de toda a Terra vejam em Ti o Médico das Almas e o Libertador Prometido!

Derrama as rosas do Teu amor sobre estes pobres espíritos endurecidos no mal e perdidos no Oceano da Dúvida!

Fortifica-nos os ânimos combalidos, revigorando-nos as disposições internas.

Faze com que o mundo se prosterne a Teus pés misericordiosos e que a Humanidade ouça a Tua Voz que lhe fala desde o Princípio.

Dá que as trevas se afastem à passagem da Luz e que os abismos se iluminem aos raios de sol da Redenção. Que a palavra confortadora dos Teus Mensageiros atinja as consciências perturbadas e abale a indecisão dos que Te não conhecem!

Oh Senhor, como somos miseráveis na dureza da nossa incompreensão! Como somos infiéis ao Teu amor puro e bom e como preferimos persistir nas dores que destroem a sair para as luminosidades do Teu amor!

Que esta geração do Último Milênio de Sombras entenda o Teu Verbo Divino e compreenda a Tua Ilimitada Misericórdia!

Faze com que os Dragões da Guerra não saiam dos seus refúgios e não encontrem guarida nos que se perderam na Noite Escura do Mal!

Revive em nossas almas a paisagem da antiga Galiléia cheia do esplendor maravilhoso da Vida Cristã!

Sublime Companheiro, recorda-nos sempre as Tuas Palavras Eternas: "amai-vos uns aos outros como eu vos amei" para que saibamos que continuas Vigilante nos píncaros dos céus, amando-nos cada vez mais e buscando conduzir-nos sempre!

Sabes que somos incapazes de cumprir o que pedes amorosamente; sabes que repetimos constantemente os mesmos erros em cada vida que tomamos na Terra; dá-nos pois a compreensão das nossas responsabilidades presentes e futuras.

Dá-nos o Teu Perdão e conduze-nos pelos caminhos da Vida Perfeita. Enche de luz o vale de sombras do mundo e de Humanidade o vale da ódio da vida humana!

Proteje-nos nesta hora, Senhor, para que seja menor o nosso sofrimento e menos triste a nossa condição!

Suplico-Te, Amigo de Todas as Horas, a proteção carinhosa para estes teus irmãos sem fé e sem rumo, sem esperança e sem amor!

Suplico-Te, Dedicado Servidor do Pai Celestial, a Tua compaixão para o mundo, nesta hora de Miséria e Redenção!

FIM

CONSOLAÇÃO

Belmiro Braga

Consola-te sem rebuços
Nos ombros do teu irmão...
Pois marcha sempre contigo
Na estrada da Redenção.

Espera na paz de Deus,
Toda alegria e consolo;
Não busques desesperado
A Luz, e não sejas tolo.

Escuda-te na grandeza,
Nos braços da humildade,
Porque somente os pequenos
Alcançam eternidade.

Esconde teu rosto nu
No colo de Jesus Cristo,
E viverás para sempre
Sem mesmo perceber isto!

Pois toda consolação
É fruto do amor sagrado,
E nasce das profundezas
Do teu ser iluminado!

(Verso recebido pelo médiun R. A. Ranieri em 30/01/49, em Belo Horizonte, Minas Gerais)

JERUSALÉM LIBERTADA

Obra psicografada em 1946 pela mediunidade de R. A. Ranieri, onde Humberto de Campos, com seu autêntico estilo de extraordinário contista, relata através das crônicas que compõem o livro, que a Espiritualidade Superior coloca acima de tudo a liberdade do Evangelho, sendo que a vivência do Evangelho de Jesus nos levará ao encontro da nossa Jerusalém Libertada.

ISBN 85-86231-04-5

9 788586 231049